

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Mário Jorge da Silveira Junqueira

Religiosidade nas organizações empresariais de Barueri:
Um estudo sobre a influência da religiosidade nas
micro e pequenas empresas

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

SÃO PAULO
2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Mário Jorge da Silveira Junqueira

Religiosidade nas organizações empresariais de Barueri:
Um estudo sobre a influência da religiosidade nas
micro e pequenas empresas

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Dissertação apresentada à banca
examinadora como exigência parcial
para obtenção do título de Mestre em
Ciências Sociais, pela Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, sob
a orientação da Prof. Dra. Eliane Hojaij
Gouveia.

SÃO PAULO

2014

Banca Examinadora

À memória de minha querida mãe, Marly da
Silveira Junqueira, que com toda sabedoria
e instinto materno, me transmitiu um
grande amor e ensinamentos, dando
verdadeiro sentido a palavra saudade.

AGRADECIMENTOS

À professora doutora Eliane Hojaj Gouveia que, com diferenciada dedicação e uma boa dose de sua doce firmeza, contribuiu com paciência e capacidade intelectual para a realização deste trabalho.

Ao corpo de professores do programa de Pós-Graduação em Ciências sociais da PUC-SP por ter colaborado com meu aprendizado para que esta pesquisa se efetivasse.

Ao professor Elias Silva que compartilhou comigo, em entrevista, seus conhecimentos sobre a história da cidade de Barueri, adquiridos por meio da pesquisa realizada para seu doutorado em história na USP – Universidade do Estado de São Paulo.

À professora e colega Sandra Mara, pelo seu apoio no início do meu projeto de mestrado.

Ao Valdir Sifuentes, pela disposição em me relatar sua história de vida e os detalhes não poupados na entrevista e que sempre foram contados com emoção, característica essencial de quem tem o verdadeiro espírito empreendedor.

Ao Luiz Carlos (Luizinho) que, apesar de estar exercendo na época da entrevista a função de secretário de indústria e comércio da cidade de Barueri, abriu espaço em sua agenda e me apresentou um dos relatos mais surpreendentes, os quais foram muitos valiosos como fonte de minha pesquisa.

Ao Regis, que demonstrou total disposição e disponibilidade para contar sua história e da Jaguaré Embalagens, por meio da qual se pode perceber como se orgulha de seu pai e dos valores adquiridos no ambiente familiar, e que, de fato, estão também presentes na cultura de sua empresa.

Ao Jurandir que, em duas entrevistas, me mostrou outra realidade do pequeno empresário de Barueri, demonstrando que persistência e capacidade de superação são características fundamentais para sobrevivência dos negócios.

Ao Ricardo Benigno, da Casa do Norte que, mesmo surpreendido pelo meu pedido em uma manhã de muito movimento em seu restaurante, se prontificou a conceder a entrevista, mostrando grandiosidade e o entendimento da relevância em compartilhar sua experiência com outras pessoas.

Aos meus pais, Mário e Marly, que contribuíram e se dedicaram com muito amor para minha formação, e por terem me proporcionado momentos inesquecíveis de felicidade em minha infância, dos quais trago boas lembranças até hoje.

À minha esposa e companheira Leila, que com todo o carinho, dedicação e compreensão me apoiou, incondicionalmente, ao longo e, principalmente, na reta final deste trabalho, trazendo no seu ventre nossa filhinha Laura, que desde já ocupa um lugar especial em meu coração.

À minha filha Elaine, de quem tanto me orgulho e que, com sua determinação e sua capacidade de conquistar objetivos na vida, me tem ensinado bastante.

À minha filha Jéssica, que sempre esteve ao meu lado, tanto em nossas aventuras, quanto em momentos difíceis, e me presenteou com um anjo, minha netinha Manuela, que com seu lindo sorriso traz novos tempos de redobradas alegrias e esperanças.

E a todas aquelas pessoas que, de alguma forma, contribuíram, voluntária e involuntariamente, para esta dissertação, principalmente o meu colega Maroni João da Silva que defendeu, recentemente, de forma brilhante, sua dissertação sobre as “Dimensões simbólicas da cultura na gestão do Magazine Luiza”, na qual muito me inspirei.

RESUMO

Esta dissertação avalia as relações entre os campos religioso e econômico, atuantes na cidade de Barueri, por meio da análise da influência de ações religiosas na composição da cultura organizacional de empresas do município, fundadas como micro e pequenas, e que sobreviveram às dificuldades características desse segmento empresarial, correspondentes a mais de 99% do total de empreendimentos formais criados anualmente no país, sendo ainda responsável por 53% dos postos de trabalho em todo o Brasil. Essa situação conjuntural desencadeou uma série de iniciativas do governo e da sociedade civil, visando à melhoria da capacidade de as MPEs (Micro e Pequenas Empresas) competirem no mercado. Uma das iniciativas, baseada em um modelo internacional de avaliação da qualidade da gestão das organizações, foi a criação, no ano de 2008, pelo Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e FNQ (Fundação Nacional da Qualidade), do MPE Brasil (Prêmio de Competitividade para Micro e Pequenas Empresas). O referido modelo foi formulado com base em estudos que identificaram em organizações, consideradas referências de sucesso, valores em comum inseridos nas suas respectivas culturas organizacionais. Para o desenvolvimento inicial desta dissertação, foi realizada a coleta de dados, tomando por base fontes bibliográficas primárias, secundárias e em literatura crítica. O método utilizado foi o estudo de casos, com coleta de dados por meio de entrevistas. Desenvolveu-se, também, a análise de “artefatos corporativos”, buscando interpretar a presença do campo religioso nos aspectos da cultura das empresas pesquisadas. As considerações sobre a relação da religiosidade na formação do espírito empreendedor dos empresários entrevistados, e dos seus respectivos estilos de liderança, conseqüentemente da formação e transformação da cultura e dos valores organizacionais, são apresentadas ao longo desta dissertação.

Palavras-chave: *campo religioso; campo econômico; cultura organizacional; religiosidade; valores organizacionais.*

ABSTRACT

This dissertation evaluates the relationship between the fields of religion and economics present in the city of Barueri. Through the analysis of the influence of religious actions on the composition of the organizational culture of companies in the municipality, founded in micro and small companies that survive the characteristic difficulties in this business segment, which represent more than 99% of the total formal businesses actually created in the country which in turn represents 53% of jobs created in the whole of Brazil. This present situation created a series of initiatives of the government and the rest of the population incentivizing the improvement of the MPEs (Micro and Small Companies) to compete in the market. One of the initiatives, based on the international model of evaluation of managerial organization created in 2008 by SEBRAE (Brazilian service for the support of micro and small companies) and FNQ (National Foundation of Quality) is the MPE Brazil (prize for competitiveness of micro and small companies). The model mentioned (MPE Brazil) was formulated with a base of studies, which indicated organizations considered as references of success, values in common inserted into the respective cultural organizations. The initial starting point for this dissertation was to take initial data from existing books, materials from the internet, articles and critical research etc., following this the method I used was a case study with data collected in the form of interviews from various business leaders. I also developed analysis of “corporate artifacts” searching to interpret the presence of the religious field in the aspects of the researched companies cultures. The considerations on the relationship of religiosity in shaping the entrepreneurial spirit of the entrepreneurs interviewed, and their respective leadership styles, hence the formation and transformation of culture and organizational values are presented throughout this dissertation.

Keywords: *religious field; economic field; organizational culture; religiousness; organizational values*

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACIB	Associação Comercial e Industrial de Barueri
CaCISB	Câmara do Comércio, Indústria e Serviço de Barueri
CETESB	Companhia Ambiental do Estado de São Paulo
EI	Empreendedores Individuais
FNQ	Fundação Nacional da Qualidade
IQS	Instituto da qualidade e Sustentabilidade da Regiões Oeste da Grande São Paulo
IRPS	Índice Paulista de Responsabilidade Social
MEG	Modelo de Excelência em Gestão
MPE	Micro e Pequenas Empresas
PEA	População Economicamente Ativa
PPQG	Prêmio Paulista da Qualidade da Gestão
PT	Partido dos Trabalhadores
SEAD	Sistema Estadual de Análise de Dados

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capela de Nossa Senhora da Escada, ano de 1976, época de abandono.....	39
Figura 2 - Capela de Nossa Senhora da Escada, ano de 2007, como Sítio arqueológico, da pesquisa liderada pela Profa. Dra. Maria Cristina Mineiro Scatamacchia, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.....	39
Figura 3 - Equipe da USP, durante escavações, em 2007, nas imediações da Capela Nossa Senhora da Escada.....	40
Figura 4 - Interior da capela de Nossa Senhora da Escada, ano de 2009.....	40
Figura 5 - Estação ferroviária de Barueri inaugurada em 1875.....	46
Figura 6 - Rua Duque de Caxias, implantada para o transporte dos equipamentos da hidrelétrica construída pela empresa <i>Light & Power Company</i>	48
Figura 7 - Frigorífico Pisani.....	54
Figura 8 - Assinatura do contrato de compra das terras da fazenda Tamboré, onde Alphaville foi construído.....	56
Figura 9 - Vista aérea do empreendimento em 1975.....	57
Figura 10 - Vista aérea do empreendimento em relação a Rodovia Castelo Branco.....	57
Figura 11 - Um típico altar “corporativo contemporâneo”.....	89
Figura 12 - Altar corporativo com cristais e imagens de santos católicos.....	89

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – População indígena nos aldeamentos paulistas (1800–1804) ...	43
Tabela 2 – Síntese das informações do campo religioso.....	110

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1. O PROBLEMA DE PESQUISA.....	14
2. O PESQUISADOR E O TEMA.....	22
3. ESTRUTURAÇÃO E PROCEDIMENTOS.....	26
CAPÍTULO I – BARUERI, SUAS EMPRESAS E RELIGIÕES.....	30
1.1 O sistema de aldeamentos e fundação da aldeia de Barueri.....	32
1.2 A expulsão e retorno dos jesuítas.....	41
1.3 Um povoado em constante crescimento.....	44
1.4 As principais correntes imigratórias para Barueri.....	49
1.5 Alphaville e o espírito empreendedor.....	53
CAPÍTULO II – AÇÃO SOCIAL E EMPREENDEDORISMO EM BARUERI.....	59
2.1 Empreendedorismo como ação social, uma perspectiva weberiana.....	60
2.2 Razões das ações empreendedoras.....	66
2.3 Os empreendedores e suas perspectivas sucessórias.....	68
2.4 A burocracia e a política no empreendedorismo.....	69
2.5 O desenvolvimento do campo econômico da cidade.....	75
2.6 O processo migratório familiar dos empreendedores.....	76
2.7 Empreendedorismo e os campos econômico e religioso.....	79
CAPÍTULO III – RELIGIÃO E EMPREENDEDORISMO EM BARUERI.....	86
3.1 Aspectos históricos e conceituais da religião e da religiosidade.....	88
3.2 A economia religiosa na cidade de Barueri.....	105

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	124

INTRODUÇÃO

1. O PROBLEMA DE PESQUISA

No Brasil, são criados, anualmente, mais de 1,2 milhão de novos empreendimentos formais. Deste total, mais de 99% se constituem de micro e pequenas empresas (MPEs) e Empreendedores Individuais (EI). Em 2010, este segmento chegou a um total de 6,1 milhões de empresas em atividade, responsáveis por 53% dos empregos formais de estabelecimentos privados não agrícolas¹.

Apesar da importante participação no cenário nacional, considerando, inclusive, a significativa contribuição na geração de empregos, 75% dessas organizações encerram suas atividades em até cinco anos de existência². Razões como a alta carga tributária e a falta de linhas de crédito por parte do governo, e também a baixa capacidade de planejamento e de gestão por parte dos proprietários, são apontadas como responsáveis pelo fraco nível de competitividade e pela baixa taxa de longevidade desse segmento empresarial.

A relevância socioeconômica das micro e pequenas empresas no contexto nacional, evidenciada pelas razões mencionadas, as quais vêm sendo, historicamente apontadas pelo Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e analistas que vivenciam o campo³ econômico, como responsáveis pelo sucesso ou fracasso das MPEs, me inspiraram no desenvolvimento desta dissertação, que visa contribuir para buscar caminhos alternativos à melhoria do nível de competitividade e da longevidade desse tipo de organização, em relação aos tradicionais rumos utilizados pelo poder público, no que tange à criação de leis de incentivo, abertura de linhas de crédito (ainda que insuficientes), e pela sociedade civil, que procura definir padrões de conduta

¹ Relatório: Taxa de Sobrevivência das Empresas no Brasil. Sebrae, out/2011.

² Conforme Paulo Roberto Feldmann, presidente do Conselho da Pequena Empresa, da Fecomercio, em entrevista em 21/3/2011.

³ Campo para Bourdieu (2010, p.66) é um microcosmo, um pequeno mundo social relativamente autônomo, que possui sua própria lei, que tem em si próprio o princípio e a regra de seu funcionamento. É um universo no qual operam critérios de avaliação que lhes são próprios e que teriam validade no microcosmo vizinho.

gerencial e conceder certificações⁴ para as empresas que demonstrem boas práticas de gestão.

Uma das iniciativas de incentivo às MPEs, que considero importante, pelo seu nível de complexidade e de abrangência, desenvolvida em conjunto pelo Governo Federal e sociedade civil, visando à melhoria da capacidade de essas empresas competirem no mercado, está alicerçada em um modelo internacional para avaliar a qualidade da gestão das organizações, que foi a criação do MPE Brasil (Prêmio de Competitividade para Micro e Pequenas Empresas), no ano de 2008, pelo Sebrae e FNQ (Fundação Nacional da Qualidade). O referido modelo foi formulado com base em estudos que identificaram, em organizações consideradas referências de sucesso, valores em comum inseridos nas suas respectivas culturas organizacionais.

Baseado na teoria do desenvolvimento da metodologia de avaliação das empresas concorrentes ao prêmio MPE Brasil, que diz respeito à utilização de um critério para identificar e mensurar, na cultura das organizações, valores que influenciem na capacidade de essas empresas competirem no mercado, e considerando que tal modo parte da premissa de que empresas de sucesso possuem como similaridade determinados valores inseridos em suas culturas organizacionais, identifiquei uma possibilidade de caminho alternativo dentro da Antropologia, aos atualmente trilhados pela administração, que foi utilizado como referência para elaborar a pesquisa desta dissertação.

Para iniciar o desenvolvimento da trajetória proposta nesta pesquisa, reconheci a inevitável necessidade de entender as definições de “cultura” e “cultura organizacional”, e também de analisar o entrelaçamento dessas definições, que, para Silva (2012)⁵, fazem parte de “uma grande polêmica” que se apresenta em um “debate epistemológico decorrente da aproximação entre a administração e a antropologia”. Contudo, inspirado em Morin (2005, p. 189)⁶, entendo que esses

⁴ A respeito de entidades certificadoras, consulte o site da Fundação Vanzolini em www.vanzolini.org.br, e também, o site da Associação Brasileira de Normas técnicas – ABNT, em www.abnt.org.br.

⁵ SILVA, Maroni João da. **CULTURA & NEGÓCIOS: O JEITO LUIZA DE SER**: Dimensões simbólicas da cultura na gestão do Magazine Luiza. 2012. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pucsp, São Paulo, 2012.

⁶ Morin entende que “É preciso encontrar o caminho de um pensamento multidimensional que, é lógico, integre e desenvolva formalização e quantificação, mas não se restrinja a isso. A realidade antropossocial é multidimensional; ela contém, sempre, uma dimensão individual, uma dimensão social e uma dimensão biológica. O econômico, o psicológico e o demográfico que correspondem às categorias disciplinares especializadas são as diferentes faces de uma mesma realidade; são aspectos que, evidente- mente, é preciso

conceitos estão em uma condição epistemológica concatenada, completando-se em um arranjo complexo de diferentes faces de uma mesma realidade. Sendo assim, visando à concatenação de saberes, busquei inicialmente em Schein (2009, p.1) o conceito de “cultura organizacional”:

Trata-se de um fenômeno dinâmico, que nos cerca em todas as horas, sendo constantemente desempenhada e criada por nossas interações com outros e moldada por comportamento de liderança, e um conjunto de estruturas, rotinas, regras e normas que orientam e restringem o comportamento.

Em seguida, apoiei-me em Geertz (1989, p. 32), que define “cultura” do ponto de vista antropológico como sendo teias de significados, tecidas pelo próprio homem, as quais o amarram, estabelecendo um conjunto de mecanismos de controle, como planos, receitas e regras para governar o comportamento.

Conjugando ambos os conceitos, atribuí à “teia de significados” de Geertz o que Schein considera como um “fenômeno dinâmico, que nos cerca em todas as horas”, pois a teia, produzida pela aranha, a envolve em todo o tempo de sua vida. O “conjunto de estruturas, rotinas, regras e normas que orientam e restringem o comportamento” descrito por Schein (2009), está relacionado às amarras do homem, construídas pelo próprio homem, que Geertz considera como “um conjunto de mecanismos de controle, como planos, receitas e regras”, também criados pelo homem, que definem a forma e os limites do seu comportamento.

A partir daí, inspirando-me ainda em Geertz(1989, p. 36), atribuí que valores organizacionais são produtos da cultura organizacional, assim como as ideias compartilhadas no ambiente corporativo, os padrões de decisões percebidos nesse mesmo ambiente, e todas as demais características que são produzidas com base em tendências, capacidades e disposições com as quais a organização é criada, e, após a sua criação, passa a gerar seus próprios produtos culturais, e até a promover alterações nos existentes. Foi o que pude constatar, quando Regis, um dos empresários entrevistados, relatando o momento do seu ingresso na então empresa de seu pai, a Embalagens Jaguaré, afirmou:

distinguir e tratar como tais, mas não se deve isolá-los e torná-los não comunicantes. Esse é o apelo para o pensamento multidimensional. Finalmente e, sobretudo, é preciso encontrar o caminho de um pensamento dialógico”. (MORIN, Edgar. Ciência com Consciência. 82ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p.189.)

Eu entrei na Jaguaré em 1978, depois de ter “tomado pau” no colégio. Meu pai chegou e falou: “eu não sustento vagabundo, se você quiser pagar seus estudos, então, trabalhe para isso. Se você quiser estudar, o problema é seu, eu também não me importo se você não quiser estudar. Mas eu não sustento vagabundo”. Esse foi o meu começo na Jaguaré.

Apesar de uma possível controversa forma de educar, a atitude do pai de Regis demonstra uma valorização da meritocracia⁷, pois rejeita o privilégio hereditário e corporativo, avaliando a pessoa, no caso seu filho, independentemente da sua trajetória e biografia social (BARBOSA, 2001, p. 22). A postura paterna de não privilégio foi mantida, como relatou Regis:

Então, no dia 2 de janeiro de 1978, eu comecei a trabalhar(...) me arrumei bonitinho(...) vim todo arrumadinho, ele parou o carro, eu saí e fui entrar no escritório. Aí, ele falou: “Você vai aonde?” Eu respondi que ia trabalhar. Ele me perguntou: “você sabe datilografia?” Eu respondi que não. “Você sabe operar Telex?” Eu disse que não, que nunca tinha trabalhado. Ele disse: “Então, espera aí”. Ligou para o Zé e disse: “Zé, vem para cá que tem um ajudante para você”. Eu perguntei: “Pai, o que é isso?”. Ele respondeu: “Sem qualificação, você vai varrer fábrica ou vai ser ajudante de caminhão”. Então, eu comecei como ajudante de caminhão.

O valor meritocrático do pai de Regis se confirma na continuidade do relato:

(...)eu passei 5 anos dentro da fábrica fazendo todas as funções: ajudava a entregar caixas, carregar e descarregar caminhão, e cheguei a gerente de fábrica, administrando 80 pessoas. Nessa época meu pai disse: “Agora você já pode entrar no escritório”. Eu estava com 21 anos. Comecei no escritório, passei por tudo. (Regis, entrevista realizada em 1/10/2013)

Os relatos de Regis demonstram um relevante ponto de intercessão entre os conceitos de valor propostos por Cavedon (2008, p. 13), quando estabelece relação entre o conceito de cultura no prisma antropológico e de cultura da organização para a administração, definindo o primeiro como a busca do homem pelo conhecimento melhor de si próprio e de seus semelhantes, assim como dos processos que

⁷ “Conjunto de valores que postula que as posições dos indivíduos na sociedade devem ser consequência do mérito de cada um. Ou seja, do reconhecimento público da qualidade das realizações individuais.” Para mais informações sobre o conceito de meritocracia, consulte BARBOSA, Livia. IGUALDADE E MERITOCRACIA: A ÉTICA DO DESEMPENHO NAS SOCIEDADES MODERNAS. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001, p. 215..

interligam os indivíduos em associações, grupos e instituições; enquanto o segundo está normalmente atrelado às dissonâncias, às resistências a mudanças, à qualidade da administração e aos problemas em geral percebidos em uma empresa.

Tecendo agora a minha própria teia de argumentação, voltada a dar sustentação sob a ótica antropológica, à busca de caminhos alternativos para melhorar o nível de competitividade e de longevidade das MPEs, e, tomando ainda como base a importância de identificar meios para promover a mudança do padrão de decisão, ou mesmo, na forma de as pessoas se comportarem no ambiente da organização, identifiquei, na postura meritocrática do pai de Regis, um meio de confirmar e transmitir para a cultura da empresa um de seus valores cristãos, pois, ao dar o exemplo ao filho e aos demais membros da organização, com sua imposição quanto ao ingresso de Regis na empresa, confirmou-se aí um ensinamento bíblico, que coloca todos os homens como iguais pelos olhos de Deus⁸. Essa atitude me remeteu também ao conceito de “religiosidade” de Simmel (2010), que respalda o significado das ações de promoção de mudanças na cultura organizacional, as quais contribuem para a longevidade e melhoria do resultado econômico da organização, pois o autor entende a religiosidade como

(...)uma disposição fundamental, predisposição ou inclinação da pessoa religiosa, que exprime sua decisiva atitude diante do mundo e direciona todas as suas emoções, desejos, pensamentos e percepções, em suma, suas ações e paixões. (2010, p. 9)

De fato, a decisiva atitude do pai de Regis em colocá-lo para trabalhar em uma função compatível com a sua experiência, criou um momento emocional decisivo na carreira do filho. E mais, de que modo um valor assimilado por Regis hoje interfere diretamente em sua forma de tomar decisões e de traçar as metas, junto com seus atuais sócios, para o futuro da Embalagens Jaguaré.

Por fim, a proposta desta dissertação, como já exposto, é a de investigar se as ações voltadas à transformação, visando à melhoria do resultado econômico, tem sustentação em alguma forma de religiosidade que direciona a mudança de

⁸ Passagem da Bíblia em Mateus 20:25-28 “Então Jesus, chamando-os para junto de si, disse: Bem sabeis que pelos príncipes dos gentios são estes dominados, e que os grandes exercem autoridade sobre eles. Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal; e, qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo; em como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos”.

comportamento na organização. Tal questão serviu como base para formular o tema deste estudo, a saber: “Religiosidade nas Organizações Empresariais de Barueri: um estudo sobre a influência da religiosidade, enquanto um valor social, na competitividade das micro e pequenas empresas da cidade de Barueri”.

Buscando ajustar o percurso da pesquisa, consolidei duas questões que se apresentam como consideráveis delimitadores do tema. A primeira toma como base a consideração de que os valores humanos são produtos culturais (GEERTZ, 1989, p.36) que influenciam no entendimento do que é correto, bom e desejável, e conseqüentemente, na forma social de o indivíduo julgar as interações culturais (ROBBINS, 2009, p.17). Será que podemos, então, considerar que a transformação da cultura organizacional é fruto da introdução de novos valores ou mudanças nos valores culturais existentes?

A segunda questão diz respeito à visão de Simmel (2009, p.9) sobre a religiosidade como direcionadora de ações, pensamentos e desejos, como apresentado acima, sobre o valor cristão como fundamento da decisão meritocrática do pai de Regis. Logo fica a indagação: Podemos considerar a religiosidade como base de constituição dos valores organizacionais que influenciam na formação de um padrão de decisão na empresa, e conseqüentemente, produz uma integração crescente entre seus membros, contribuindo com o que na administração se chama de “aperfeiçoamento contínuo”, pois criam consistência e persistência na busca dos resultados econômicos, definidos pelos empreendedores, como metas da empresa?

Para definição da metodologia de desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, e fundamentando-me nas questões já apresentadas, estabeleci como perfil para as empresas a serem estudadas: ter sede na cidade de Barueri, Estado de São Paulo e ter sido fundada há mais de dez anos, na condição de micro ou pequena. São elas: Sifuentes Móveis e Objetos Ltda., Tersel Assessoria em Recursos Humanos Ltda., Embalagens Jaguaré Ltda. e Casa do Norte Moreira Ltda., as quais são empresas típicas de Barueri, selecionadas para pesquisa, por se enquadrarem dentro dessas características.

Após a escolha das empresas a serem pesquisadas, adotei como premissa para o desenvolvimento desta dissertação que as MPEs que continuam hoje em atividade, após dez anos de fundação (justificativa deste prazo abaixo), têm em

comum, em seu padrão de gestão, consideráveis influências do campo religioso, as quais repercutem, e até mesmo podem servir como justificativa, em relação à forma de comportamento de seus líderes e no padrão das decisões tomadas no cotidiano corporativo. Índícios dessa relação podem ser observados em algumas falas dos entrevistados, que incluem no descritivo de suas empresas, aspectos voltados ao campo religioso, como por exemplo, quando Regis descreve a estrutura da Embalagens Jaguaré, com base na opção religiosa de seus sócios:

Meu pai era católico ativo, o Mituro (sócio) era ateu ativo, o seu Davi que veio a ser um sócio, era espírita. Depois, o Mituro se tornou evangélico ativo, depois se tornou pastor. Então, os sócios eram: um católico, um evangélico e um espírita.

E ainda completa apontando o respeito recíproco dos sócios pelas diferentes opções religiosas:

Nós tínhamos e temos uma base multirreligiosa, e todo mundo sempre se respeitou muito, nunca tivemos problemas em relação a isso. Tanto é que aqui na Jaguaré nós fazemos uma missa de Ação de Graças, todo mês de dezembro.

A colocação de Regis, mostra que em nossa pluralidade religiosa nacional, de base cristã, existem relações ecumênicas fundamentando o comportamento religioso no mundo empresarial. E ainda, que os vínculos religiosos dos empresários repercutem em suas organizações, porém acompanhados de liberdade de escolha e espaço, para a convivência no trabalho e nas relações familiares e sociais.

Desenvolver o trabalho de pesquisa com empresas originalmente constituídas como micro ou pequenas, deve-se à evidente importância desse perfil de organização, descrita no início desta introdução. Para definição do tempo de fundação das empresas pesquisadas (acima de dez anos), busquei identificar referências relevantes que apontassem, na história recente, fatos sociais e econômicos que pudessem ser considerados como marcos de um ciclo conjuntural, que as empresas a serem estudadas tivessem vivenciado, para caracterizar a condição de organização com relativo sucesso. Após tal pesquisa, selecionei dois fatos importantes como referências: o primeiro diz respeito à posse, no ano de 2003,

de Luís Inácio Lula da Silva, ex-líder operário do Partido dos Trabalhadores (PT)⁹, como Presidente da República, fato que considerei como início de um novo ciclo conjuntural, pautado, em princípio, por uma contradição central: por um lado, logo após eleito, Lula afirmava que o povo queria um outro modelo econômico e social capaz de gerar crescimento e emprego e distribuir melhor a renda; por outro, assumia o compromisso de manter a estabilidade macroeconômica do país, que foi atingida por meio de uma política exorbitante das taxas de juros. Do ponto de vista do emprego, observa-se uma expressiva mudança no período do governo Lula em relação ao anterior. Nesse caso, houve uma inversão no mercado de trabalho, com os postos formais de trabalho atingindo, no ano de 2009, 52% da população economicamente ativa (PEA), percentual que se situava em 44% no ano de 2001. Com isso, estima-se que, ao longo dos oito anos do governo Lula, foram criados mais de 12 milhões de empregos formais, destacando-se o grande desempenho do mercado formal de trabalho entre os anos de 2005 e 2008, quando se originou, em média, um milhão e quinhentos mil empregos desse tipo por ano. Essas, entre outras ações de política econômica, fizeram com que o Brasil fosse um dos “países emergentes” menos afetados pela crise financeira global de 2008¹⁰.

O segundo fato utilizado para definir o tempo de existência das empresas a serem pesquisadas foi a entrada em vigor, em 11 de janeiro de 2003, do novo Código Civil Brasileiro¹¹, aprovado pelo Congresso Nacional, em setembro de 2001. Trata-se de um valioso instrumento que visa organizar e regular as relações sociais entre as pessoas naturais e jurídicas, e que corrigiu o descompasso de quase cem anos de convívio do Código Civil de 1916, no cotidiano da população brasileira.

Ambos os fatos, ocorridos há pouco mais de dez anos, promoveram significativas mudanças socioeconômicas no cenário nacional, razão pela qual escolhi como empresas a serem pesquisadas aquelas com ano de fundação anterior a 2003, por terem passado pelas etapas críticas de desenvolvimento (um, dois e cinco anos de fundação) apontadas pelo Sebrae¹². E ainda por terem se adequado e

⁹ <http://noticias.terra.com.br/retrospectiva2003/>

¹⁰ MATTEI, I.; MAGALHÃES, Luis Felipe . A política econômica durante o Governo Lula (2003-2010): cenários, resultados e perspectivas. In: Marilene de Paula. (Org.). Nunca Antes na história desse país...? Um balanço das políticas do Governo Lula. 1ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll, 2011, v. 1, p. 134-151.

¹¹ <http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2003/codigocivil/abre.shtml>: consultado em 22/9/2013

¹² Esses três períodos são utilizados como referência pelo Sebrae para realização das pesquisas sobre as taxas de sobrevivência das MPes.

“sobrevivido” a uma mudança conjuntural significativa, caracterizada pela mudança de governo e da entrada em vigor de um novo Código Civil.

A escolha da cidade de Barueri-SP como sede das empresas em estudo diz respeito, além da minha vivência e participação no contexto socioeconômico deste município, conforme relatarei mais adiante, à sua importância nos cenários estadual e nacional, confirmada com a conquista do maior índice de riqueza do Estado de São Paulo, apontado pelo IRPS (Índice Paulista de Responsabilidade Social), indicador elaborado pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, em parceria com a Fundação SEAD (Sistema Estadual de Análise de Dados)¹³.

Com o objetivo de realizar uma cobertura adequada de acontecimentos sociais, notei, ainda, a necessidade de utilizar um conjunto de métodos e dados que considero como um pluralismo metodológico (BAUER; GASKELL, 2010). Assim, a metodologia utilizada para atingir os objetivos, tanto geral quanto específicos, definiu a divisão desta pesquisa em duas etapas, sendo a primeira apoiada na obtenção de dados com base em fontes bibliográficas primárias, secundárias e em literatura crítica (ECO, 2010). A segunda etapa foi desenvolvida por meio de pesquisa de campo realizada com empreendedores/dirigentes das empresas contidas na amostra. A proposta se completa com o objetivo de desenvolver um olhar sobre esses entrevistados, para além da condição de empresários, buscando compreendê-los como sujeitos sociais que, como tais, são os principais influenciadores das características das culturas de suas organizações.

2. O PESQUISADOR E O TEMA

A escolha do tema e objeto desta dissertação foram motivados pela minha relação de quase vinte anos com o mundo empresarial e político do município de Barueri, pois, em 2003, ingressei na Associação Comercial de Barueri (ACIB); em 2004, assumi a posição de segundo-secretário e, no período de 2007 a 2009, atuei como vice-presidente desta entidade, período relevante, se considerarmos que me permitiu observar, no relacionamento com diferentes empresários, o quanto suas características pessoais são transferidas para seus negócios. Empiricamente, constatei a forte influência desses empreendedores no comportamento das pessoas que são por eles lideradas. Os valores deles são percebidos na dinâmica do interior

¹³ Índice Paulista de Responsabilidade Social, apresentado pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, edição 2012

de suas empresas e no modo como seus funcionários se relacionam, condição que observei interferir, diretamente, no resultado dos respectivos negócios¹⁴.

Intenciono também com esta pesquisa gerar um possível debate para o desenvolvimento econômico e social de Barueri, no que tange à identificação e ao entendimento do perfil de seus micro e pequenos empresários, como exemplo, analisando se a chegada das famílias desses empreendedores na cidade foi resultado de alguma corrente migratória, como identificamos na fala de Jurandir (Centro Automotivo HADMAD), em entrevista realizada em 23/10/2013:

[...] Meu pai era mulçumano. Ele veio da Síria na época da Primeira Guerra Mundial, de lá foi para Inglaterra, depois pegou um navio que ia para a Argentina... o navio aportou no Rio de Janeiro, e aí ele desceu pensando que era Argentina. Ele veio sozinho, com a mala e com algum dinheiro no bolso, e ficou por aqui mesmo. Era formado em medicina, só que não podia exercer a profissão aqui no Brasil. Minha mãe não tinha nada, ela veio de Itararé¹⁵ do interior de São Paulo, meus avós eram portugueses...Meu pai mudou-se pra Perdizes, morava na Raul Pompéia, aí ele comprou uma casa na Ciobas e montou uma oficina mecânica.

Além da análise das correntes migratórias das famílias dos empreendedores, como a identificada acima, na fala de Jurandir, outras características também foram avaliadas, como as dificuldades encontradas por esses empresários para se estabelecerem na cidade como empreendedores, conforme relatado por Valdir (Syfuentes Móveis e Objetos), em entrevista de 3/5/2011:

Nós viemos para São Paulo em 1964 para buscar um tratamento médico para minha mãe. Viemos para ficar alguns meses e acabamos ficando pra sempre aqui. Meu pai foi vendo a coisa se prolongando por causa do tratamento e precisou arrumar um trabalho... e foi trabalhar com um tio nosso que tinha uma marcenaria. Depois desse período, meu pai decidiu começar a trabalhar por conta.

¹⁴ Esta constatação foi ratificada quando, em 2010, saindo da direção da ACIB, fui convidado para fazer parte do Conselho da Câmara do Comércio Indústria e Serviço de Barueri (CaCISB), pertencente à Secretaria de Indústria, Comércio e Trabalho da Prefeitura da cidade de Barueri, da qual faço parte até hoje (2014).

¹⁵ Itararé situa-se em uma área conhecida como Campos de São Pedro, que vai do rio Verde até o rio Itararé, que dá o nome ao município. Inicialmente habitado por índios Guaianazes, tornou-se ponto conhecido de bandeirantes, exploradores, jesuítas e estudiosos, firmando-se como um dos pontos de descanso dos tropeiros que convergiam do sul levando animais para a feira de Sorocaba pelo conhecido Caminho das Tropas. A organização do município teve início em 1725 com a doação de 3 sesmarias com o propósito de povoamento e desenvolvimento da agricultura e criação. (informações retiradas do site da Prefeitura de Itararé, www.itarare.sp.gov.br)

Outra contribuição para a escolha do tema da pesquisa foi minha criação “multirreligiosa”, que é uma das características percebidas em nossa cultura nacional, e uma das razões, se não a principal, que motivaram minha curiosidade sobre o fundamento das religiões. A sensação de não pertencimento a nenhuma religião específica, se não me incomodava, pelo menos, direcionava-me à busca da religião da qual eu deveria fazer parte. Essa busca acontecia tanto por meio de visitas a igrejas e a diferentes núcleos religiosos, como também pela leitura de diversos autores. Percebi, também, que esse trânsito entre diferentes campos religiosos vem sendo experimentado por outros empresários, como relatado por Ricardo (Casa do Norte), conforme entrevista realizada em 14/11/2013:

Eu sou católico, eu sou católico assim(...) Às vezes vou ao culto, falando em nome de Deus para mim, tudo bem. Só não vou em macumba, essas coisas, porque eu não gosto. Se eu for a uma coisa de crente e se tiver que assistir a uma prece, eu vou também.

O trânsito religioso cristão, assumido por Ricardo, e o indício de preconceito e intolerância religiosa, contidos no trecho de sua fala, demonstram características determinantes de seus valores sociais, que serão abordadas nos próximos capítulos. Já no meu caso, acredito que o fato de não me sentir pertencendo a religião alguma, abriu-me um leque de opções de fontes de leitura, dentro do qual os temas religião, religiosidade, espiritualidade e filosofia foram sempre a base dos livros e textos em geral, dentre os quais: “A cabala do dinheiro” do rabino Nilton Bonder (1991), que pertence à Congregação Judaica do Brasil; “O evangelho segundo o espiritismo”, do propagador e sistematizador da doutrina espírita, Allan Kardec (1995); “O príncipe”, de Maquiavel (1990), fundador do pensamento e da ciência política moderna; “Filosofia dos valores”, do filósofo e teólogo alemão Johannes Hessen (1946); e “Confissões” de Santo Agostinho (1987).

Essa construção da forma de interpretar os campos social, religioso e econômico, atuantes no contexto empresarial no qual me encontro, foi fundamental, pois apreendi que a busca permanente pelo aumento da capacidade da empresa se relacionar e competir no mercado, administrando pessoas, fluxo de caixa, traçando estratégias empresariais, entre outras atividades intrínsecas à gestão organizacional, deve estar relacionada a iniciativas, como a que tomei em conjunto com alguns empresários, que foi a de fundar o IQS (Instituto da Qualidade e

Sustentabilidade da Região Oeste da Grande São Paulo). O referido Instituto tem por objetivo contribuir para o desenvolvimento do nível de competitividade e sustentabilidade das empresas da região¹⁶.

Esse estudo sobre o MEG, além da fundação do IQS, levou-me a participar de dois processos de avaliação de prêmios de qualidade de gestão. No primeiro, MPE Brasil (Prêmio Brasileiro da Competitividade da Micro e Pequena Empresa), promovido pelo Sebrae, participei como Examinador Sênior (Ciclo 2009) e, no segundo, PPQG (Prêmio Paulista da Qualidade em Gestão), promovido pelo IPEG (Instituto Paulista de Excelência em Gestão), como Examinador (Ciclo 2010)¹⁷. Essas duas experiências me proporcionaram a oportunidade de observar que a motivação dos empresários em participar dos prêmios está ancorada tanto na consciência da importância do aperfeiçoamento contínuo na qualidade da gestão de seus negócios, como também, e principalmente, na busca do que chamo “essência da gestão”, considerada por esses empresários como diferencial estratégico, que transcende as características técnicas dos processos corporativos, e está relacionada a fatores humanos, representando aspectos espirituais e religiosos, que não somente são introduzidos nas empresas pelos padrões de comportamento dos profissionais ingressantes, como também produzidos pelos resultados das relações sociais no ambiente corporativo.

Outra constatação relevante no desenvolvimento da pesquisa, foi que o MEG é utilizado como referência por várias entidades estaduais, regionais e de classe que desenvolvem seus respectivos prêmios, voltados à qualidade ou a algum aspecto específico da gestão. Dessa forma, esta pesquisa me auxiliou para entender que o mercado nacional não só aceitou como ratificou a validade desse modo de avaliar a existência, na cultura das organizações, de determinados valores que traduzem,

¹⁶ O IQS busca também, a disseminação dos conceitos do Modelo de Excelência e Gestão – MEG, utilizado desde 1991 pela FNQ (Fundação Nacional da Qualidade), entidade com a qual estabeleci meus primeiros contatos por conta da disciplina (Gestão da Qualidade) que passei a ministrar na Universidade Paulista em 2007.

¹⁷ Na história da origem dos prêmios de qualidade em gestão, não só no Brasil, mas também em outros países, algo em especial me chamou atenção. Diz respeito principalmente à origem do prêmio de qualidade norte-americano, o *Malcolm Baldrige National Quality Award*, criado com base em um estudo realizado em meados dos anos 1980 por especialistas norte-americanos que visavam identificar as similaridades entre empresas tidas como referência em nível de competitividade. Após a conclusão desta pesquisa, valores inseridos nas respectivas culturas organizacionais foram os principais pontos em comum destacados pelo estudo. Esse entendimento foi a base para a criação do critério de avaliação para o prêmio *Malcolm Baldrige*. Em 1991, levando-se em conta os valores (ou princípios) apontados pelo citado estudo norte-americano, a FNQ criou os critérios para avaliação do prêmio de qualidade brasileiro, os quais consistiram na elaboração de um questionário de autoavaliação da qualidade da gestão da organização concorrente ao prêmio. Uma pontuação é atribuída conforme as respostas e, em seguida, as empresas selecionadas são visitadas por representantes da organizadora para validação de suas respostas e respectiva pontuação (CASAS, 1978, p.212)

independentemente de porte e segmento de mercado, os correspondentes níveis de excelência em gestão. Por fim, entendo que minha trajetória profissional, participação na sociedade civil e postura autodidata na busca de uma identidade religiosa, além do equilíbrio espiritual, contribuíram para o acúmulo do que Bourdieu (2004) chamou de “capital cultural”, o qual, pretensamente talvez, posso dizer que me gerou como “dividendo simbólico” uma forma de interpretar ou de pelo menos estudar à luz das Ciências Sociais, a ação religiosa no campo econômico.

3. ESTRUTURAÇÃO E PROCEDIMENTOS

A análise desenvolvida nesta dissertação, a respeito das organizações consideradas bem sucedidas, buscou identificar se as pessoas que ocupam posições de liderança e que influenciam diretamente na criação e transformação da cultura organizacional, têm sua forma de liderar influenciada por aspectos relacionados à religiosidade. Como este trabalho de pesquisa está apoiado em uma investigação social e considerando que seu objeto demanda não só a busca do entendimento de conceitos como espiritualidade, religiosidade, competitividade, cultura e cultura organizacional, os quais desenvolvi com o auxílio de pesquisa bibliográfica, e uma postura inquisitiva para identificar a relação de influência descrita objetivamente no título, apoiei-me em Bauer (2010, p.19), sistematizando a estrutura desta pesquisa em quatro etapas, descritas a seguir.

Na primeira etapa, defini por princípio estratégico o desenvolvimento de estudos de caso. E considerando que meu histórico à frente de algumas entidades, conforme já relatado, me proporcionou relacionamento com diferentes empresários, baseei-me em uma lista inicial, citada anteriormente, de empresas que se enquadraram no meu perfil de interesse, objetivando ao longo das entrevistas distinguir o ponto de saturação¹⁸, o qual percebi após a quinta entrevista.

Na segunda etapa, como método de coleta de dados, optei pela utilização de entrevistas aos empreendedores das cinco empresas referidas e, buscando uma maior abrangência ao tema, estabeleci como critério complementar a entrevista a profissionais, pertencentes ou não às empresas em estudo, porém com vivência na cidade de Barueri ou com experiência na atividade de gestão de pessoas, e ainda que demonstrassem, de forma declarada ou implícita, o entendimento quanto à

¹⁸ Sobre ponto de saturação de sentido em entrevistas qualitativas, consultar: Bauer e Gaskell (2010, p.70).

importância de valores espirituais e religiosos na construção do sucesso empresarial.

Além do resultado das entrevistas, também não deixei de levar em conta minhas observações quanto à postura dos entrevistados ao longo dos encontros, e ainda, analisei o que chamo de “artefatos culturais corporativos”¹⁹, considerando artefato um dos vários tipos de subprodutos concretos da cultura corporativa, os quais são produzidos ou introduzidos no ambiente da organização pelos agentes transformadores da cultura organizacional, como alguns que identifiquei em visita à empresa Sifuentes Móveis e Objetos, em 3/5/2011, e registrei por meio de fotos apresentadas no conteúdo desta dissertação.

Tais traços, como os encontrados no escritório de Valdir da Syfuentes Móveis e Objetos Ltda., são observados na condição de elementos de decoração do ambiente empresarial, como: esculturas, fotos, além de objetos organizados, normalmente sobre as mesas ou em prateleiras, em posição de evidência ou restritos a um determinado canto do ambiente, compondo ou não uma espécie de altar, particular ou coletivo, podendo funcionar como símbolos, mitos ou imagens que pertencem à vida espiritual do empreendedor no contexto organizacional, os quais podem estar camuflados ou até degradados, mas sempre presentes no ambiente organizacional (ELIADE, 2002, p.7).

A análise dos artefatos corporativos, a exemplo dos símbolos, ajudou-me a interpretar certos aspectos da realidade cultural das empresas pesquisadas. Ainda como método de coleta de dados, busquei dados relacionados à organização empresarial pesquisada, como complemento ou para ratificar as informações passadas pelos entrevistados, acrescentando minhas impressões na condição de observador.

Na terceira etapa do processo de pesquisa, realizei o tratamento analítico dos dados com a análise qualitativa e quantitativa do conteúdo. Esta última foi feita mediante a comparação das estruturas das diferentes entrevistas, resultantes da sistematização dos conteúdos destas, a qual utilizei como caminho para um entendimento baseado na análise das similaridades das trajetórias e condições

¹⁹ Termo que tomei emprestado da atividade de desenvolvimento de *software*, que representa o resultado concreto das etapas de produção, como diagramas, documentos de projetos, manuais, etc.

históricas vivenciadas pelos empreendedores, principais dirigentes das MPEs selecionadas para o estudo.

Na quarta e última etapa do processo de pesquisa, busquei a realização dos interesses de conhecimento, relatados como objetivos da dissertação, fazendo considerações, a fim de contribuir para a construção de um possível consenso sobre o tema pesquisado, apontando os aspectos relacionados à influência da religiosidade na base de formação, estruturação e gestão das organizações estudadas. Além disso, relato os resultados de minha análise sobre as possíveis relações entre a longevidade das micro e pequenas empresas com tais fatores, inclusive no que tange à formação de valores religiosos, observados na cultura das respectivas organizações.

Para discorrer sobre o tema e apresentar o resultado da pesquisa, esta dissertação foi elaborada em três capítulos seguidos pelas Considerações Finais. No primeiro capítulo, “Barueri, suas empresas e religiões”, apresento uma síntese da história de formação da cidade de Barueri, os principais desdobramentos nos campos social, econômico, político e religioso, que influenciaram diretamente na construção do atual cenário de atuação das empresas pesquisadas, utilizando como base a história familiar dos empreendedores entrevistados. Abordo, neste capítulo, as razões das imigrações das famílias, as dificuldades enfrentadas pelos empreendedores para constituírem e desenvolverem suas empresas, as questões relacionadas à busca de melhores condições de vida e de trato da saúde, relatadas pelos entrevistados, e em que bairros da cidade se estabeleceram; o processo de herança religiosa, o trânsito religioso e os caminhos entrelaçados entre as ações religiosas e as ações empreendedoras dos entrevistados e suas respectivas empresas.

No segundo capítulo, “Ação social e empreendedorismo em Barueri”, aponto as perspectivas sociológicas de Max Weber, como base de sustentação da pesquisa da dissertação. Apresento um histórico do desenvolvimento do empreendedorismo no município de Barueri e a trajetória dos entrevistados e de suas empresas neste contexto. Os fatores motivadores do ingresso desses empreendedores no campo empresarial e a manifestação do espírito empreendedor no direcionamento de suas ações são avaliados com base no conceito weberiano de “ação social”, que utilizei como trilho condutor desta análise, mostrando que a vida social é tecida por roteiros,

que foram e estão sendo percorridos pelos empresários entrevistados, assim como por suas empresas, e que eles buscam trilhar caminhos rumo às suas metas.

No terceiro capítulo, “Religião e empreendedorismo em Barueri”, apresento o conceito de religião e religiosidade, traçando, em seguida, um paralelo do desenvolvimento dos campos religioso e empresarial na cidade de Barueri. Analiso a presença das ações religiosas na história de vida dos empreendedores entrevistados, além dos valores identificados, relacionados à religiosidade e presentes na cultura das organizações pesquisadas.

CAPÍTULO I – BARUERI, SUAS EMPRESAS E RELIGIÕES

Para atender ao objetivo desta dissertação, que é avaliar a existência e influência das ações religiosas no ambiente organizacional, e demais desdobramentos caracterizados pelas relações estabelecidas entre os campos religioso e econômico presentes no município de Barueri, tomei como base o entrelaçamento dos conceitos de cultura e cultura organizacional, postulados respectivamente por Geertz e Schein¹, associando-os à concepção de identidade cultural de Hall (2006, p.11). Este autor reconhece a essência do sujeito como um “eu real”, que é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. Assim, apoiando-me nessa conjugação de saberes, elaborei uma síntese comentada da história da formação da cidade, a qual utilizei como base estruturante, para que se entendesse a tecitura social, onde as empresas analisadas e seus respectivos empreendedores estabeleceram e estabelecem relações objetivas² com os diferentes atores desse contexto.

Portanto, o resgate da história do município, no qual trabalho e resido há 19 anos, apesar da intercalação de residência ao longo desse tempo, entre Barueri e Santana de Parnaíba, teve início a partir de informações que captei por meio da tradição oral da cidade. Considerando, porém, como explicam Hobsbawm e Ranger (1984, p.9), que, muitas vezes, tradições que parecem ou são consideradas antigas, podem ser, na verdade, recentes ou até mesmo inventadas³. Condição que me levou, no plano histórico, a uma listagem dos acontecimentos por meio dos quais Barueri se tornou uma importante cidade da Região Oeste da Grande São Paulo, e no plano antropológico, à busca do processo de gestação dos atuais campos social, econômico e religioso, atuantes no município, considerando estes como fortes influenciadores da construção e transformação da cultura organizacional das empresas pesquisadas.

¹ A análise do entrelaçamento destes conceitos foi apresentada na introdução desta dissertação.

² O termo “relações objetivas” é utilizado por Bourdieu (2010, p. 66) para descrever as interações desenvolvidas por diferentes agentes integrantes de um determinado campo social.

³ O termo “tradição inventada”, segundo Hobsbawm e Ranger (1984, p.9), é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com rapidez.

Por meio da citada tradição oral, identifiquei que Barueri teve sua origem a partir de um aldeamento indígena; que existem diferentes correntes julgadoras sobre a participação dos atores líderes do processo de emancipação do município; uma controvérsia, e até indignação do mercado imobiliário sobre o *laudêmio*⁴, que é apontado como herança do aldeamento; a tradição da igreja católica e a expansão das igrejas evangélicas. Tais temas são, entre outros, os mais discutidos no cotidiano social barueriense, no qual convivo há mais de vinte anos.

Portanto, tomando por base essas informações, dei continuidade à pesquisa, procurando produções de historiadores da cidade e me deparei com três autores: Elias Silva, José Macedo de Oliveira e Benedito Adherbal Farbo, os quais desenvolveram suas obras com perspectivas diferenciadas, o que me foi bastante útil no processo de pesquisa. Além disso, prospectei informações textuais e fotos históricas nas bibliotecas municipais da Prefeitura e da Câmara, como também realizei busca de material na internet. Acrescentei, ainda, como fonte para desenvolvimento deste capítulo, os traços da história de Barueri, constantes nos relatos dos cinco empresários entrevistados, assim como o resultado da entrevista concedida pelo já citado Elias Silva, autor e historiador da cidade.

Desse modo, por intermédio da organização desse conjunto de informações, apresento neste capítulo: a formação do sistema de aldeamento, fruto da política de colonização e dominação da coroa portuguesa; os acontecimentos que levaram à fundação do aldeamento de Barueri, em meados do século XVI; um importante impacto causado no campo religioso predominante na época, por ações políticas e econômicas, gerando a expulsão dos jesuítas do aldeamento em 1640; o surgimento do povoado de Barueri, no início do século XIX, pela localização estratégica na rota comercial que ligava São Paulo a Itu, Sorocaba e Jundiaí, concedendo à então aldeia de Barueri a condição de entreposto, pois passou a ser um local onde os tropeiros buscavam abastecimento e descanso, no trajeto entre os referidos centros de comércio; o capítulo tem o seu desfecho com o relato da criação de incentivos

⁴ *Laudêmio* é o valor pago pelo proprietário do domínio útil ao proprietário do domínio direto (ou pleno) sempre que se realizar uma transação onerosa do imóvel. É feito, por exemplo, na venda de imóveis que originariamente pertencem à União, como todos os que se localizam na orla marítima. Quem paga o *laudêmio* é o vendedor. O *laudêmio* não é um tributo (este sim, cobrável na forma que a lei determinar, em razão da soberania do ente público), mas uma relação contratual, de direito obrigacional, na qual o ente público participa na condição de contratante e como tal sujeito aos princípios gerais dos contratos. (<http://www.portaltributario.com.br/tributos/laudemio.htm>, em 15/01/2014).

fiscais pelo legislativo barueriense, visando atrair as indústrias que saíam de São Paulo, na segunda metade do século XX, o que possibilitou o crescimento econômico da cidade e ampliou o mercado de empregos, resultando em elevar a arrecadação do município e desenvolvimento do comércio local, produzindo o cenário de fomento à ação empreendedora, que resultou na criação de um novo marco na história de Barueri, o bairro de Alphaville.

1.1 O sistema de aldeamentos e fundação da aldeia de Barueri

A história da cidade de Barueri tem início no ano de 1560⁵, a partir de um alicerce cristão católico, com o agrupamento de alguns índios em uma fazenda doada à missão jesuítica, consequência do sistema político-administrativo de aldeamento⁶, estabelecido por determinação da Coroa portuguesa e implantado no Brasil por padres jesuítas. Segundo Farbo (1994, p.11), em suas crônicas sobre a Companhia de Jesus, o Padre Simão de Vasconcelos afirma que, logo após a fundação do Colégio São Paulo, em 1554, José de Anchieta e Manuel da Nóbrega iniciaram um intenso trabalho de catequização dos índios, dividindo-os em sete distintas povoações, todas distantes de São Paulo, entre as quais estava a Aldeia de Barueri. Nessa época, Portugal buscava colonizar e povoar as terras desconhecidas, ações imbuídas de forte motivação econômica, cuja estratégia, segundo Silva (1997, p.5), se baseava na formação de feitorias comerciais voltadas à exploração e desenvolvimento do comércio. Nesse período da história, a religião católica era oficial por imposição legal, situação que perdurou até a primeira constituição republicana de 1891, a qual decretou a destituição do catolicismo como religião oficial do Estado brasileiro.

Nesse período, a autoridade civil e criminal era exercida pelos chamados donatários, que eram os administradores designados como responsáveis pelas capitanias definidas pelos portugueses. A eles foi concedido o poder de fundar vilas e subdividi-las em áreas que podiam ser doadas a terceiros, escolhidos a seu critério. As 14 capitanias que compuseram a divisão histórica do território brasileiro,

⁵ Sobre o ano de fundação da Aldeia de Barueri, Farbo (1994, p. 11) expõe que no livro "Notas de Histórias Eclesiásticas", editado em 1937 por D. Duarte Leopoldo e Silva, é dito que a época da fundação da Aldeia de Barueri não é precisa. O ano de 1556 é o mais provável e foi o Padre Anchieta que construiu na aldeia a primeira capela, e desde logo o seu orago foi Nossa Senhora da Escada.

⁶ Povoação de índios chefiada por missionário ou autoridade leiga (<http://michaelis.uol.com.br>, em 15/01/2014)

foram entregues a 12 donatários para administração. O destino da Capitania de São Vicente entregue a Martim Afonso de Sousa, em 1534, é a base temporal e espacial que utilizo como ponto de partida para tecer o percurso histórico da cidade de Barueri.

Segundo Farbo (1994, p.30), a fraca abrangência na gestão de cada capitania e a dissintonia entre os administradores comprometeram os resultados esperados pela Coroa portuguesa, provocando-lhe insatisfação. Como consequência, houve mudança na estrutura de comando e poder, que provocou o surgimento de um novo sistema administrativo para o Brasil denominado “Governo Geral”, por meio do qual, em 1549, baseando-se nos moldes do sistema de administração da igreja católica, todo o país passou a ser governado por uma única autoridade que nomeava assessores para os cargos de ouvidores, provedores e capitães-mores.

Os ouvidores⁷ assumiram a responsabilidade pelas questões judiciais, podendo nomear juízes e auxiliares para atuação nas diferentes capitanias. Os provedores, que em Portugal eram colocados acima dos juízes de órfãos, para cuidar de instituições de caridade (hospitais e irmandades) e legitimação de testamentos (naquela época feitos verbalmente, o que gerava muitos problemas), no Brasil, tinham como função a arrecadação de impostos e a aplicação destes impostos nas capitanias de origem dos mesmos. O capitão-mor tinha por atribuição a fiscalização das vilas, dos aldeamentos e das demais terras da Coroa.

Os primeiros padres da Companhia de Jesus (jesuítas) chegaram ao Brasil em 1549, com a missão de criar uma harmonia entre os colonizadores e os habitantes da terra, visando à domesticação dos nativos, e impondo a ambos, por meios religiosos, um padrão de comportamento de acordo com a vontade da Coroa

⁷ Nas origens do Reino Português, a administração da Justiça era função do rei. Em muitos documentos e leis da época, a Justiça é considerada a primeira responsabilidade do rei. Como, na Idade Média, a corte real era ambulante, o rei trazia consigo juízes que o auxiliavam na função judicante. Esses juízes recebiam o nome de ouvidores do cível e ouvidores do crime, conforme a matéria de especialização que julgavam, e passaram a compor o que se denominou de Casa da Justiça da Corte. Também eram instituídos: juízes da terra (ou juízes ordinários), eleitos pela comunidade, não sendo letrados, que apreciavam as causas em que se aplicavam os *forais*, isto é, o direito local, e cuja jurisdição era simbolizada pelo bastão vermelho que empunhavam (2 por cidade); juízes de fora (figura criada em 1352), nomeados pelo rei dentre bacharéis letrados, com a finalidade de serem o suporte do rei nas localidades, garantindo a aplicação das *ordenações* gerais do Reino; e juízes de órfãos, com a função de serem guardiões dos órfãos e das heranças, solucionando as questões sucessórias a eles ligados (consulta em 03/11/2013, ao site http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/revista/Rev_05/evol_historica.htm).

portuguesa, exercendo, assim, o que Weber (2009, p.36) definiu como “dominação pela graça de Deus”.

O projeto colonial português envolveu, ainda, uma política indigenista que fragmentava a população nativa em dois grupos: os aliados e os inimigos (OLIVEIRA; FREIRE, 2006, p.35). Porém, mesmo os povos e as famílias indígenas que se tornavam “aliados” dos portugueses, necessitavam ser convertidos à fé cristã, enquanto os “índios bravos” (como eram chamados nos documentos da época) deviam ser subjugados militar e politicamente, a fim de garantir o seu processo de catequização que, segundo Oliveira e Freire (2006, p.35), tinha por objetivo justificar o projeto colonial como uma iniciativa de natureza ético-religiosa, preparando a população nativa para servir como mão de obra nos empreendimentos coloniais (econômicos, geopolíticos e militares).

Essa postura etnocentrista e de dominação da Coroa, definida pela imposição de formas culturais, morais, religiosas, sociais e estéticas, características da identidade portuguesa (LÉVI-STRAUSS, 2010, p.17), atuou destrutivamente sobre a população preexistente, produzindo conflitos, que segundo Ribeiro (2010, p.27), aconteceram em diversos níveis, a saber: no biótico, por produzir uma guerra bacteriológica travada pelas pestes que o branco trazia no corpo e eram mortais para as populações nativas; no ecológico, pela disputa do território, de suas matas e riquezas para outros usos; no econômico e social, pela escravização do índio, pela mercantilização das relações de produção, que articulou o novo mundo ao velho mundo europeu como provedor de gêneros exóticos, cativos e ouros. No plano étnico-cultural, Ribeiro (2010, p.27) afirma que houve uma transfiguração, produzindo a gestação de uma nova etnia, que foi unificando, na língua e nos costumes, os índios desengajados de seu viver gentílico, os negros trazidos da África e os europeus aqui querenciados. Era o início do processo de formação de uma identidade nacional, base para as variações regionais e forte influenciadora da atual cultura organizacional, hoje percebida no interior das empresas.

Assim, é importante ressaltar que o termo aldeamento por si só justificava a finalidade dos mesmos, uma vez que os índios seriam instalados em determinados locais, embora distantes de suas tribos de origem. Os padres pertencentes à

Companhia de Jesus, fundada na Espanha em 1534 por Inácio de Loiola, teriam nos aldeamentos um papel relevante para a igreja, ou seja, catequizar o “novo mundo” para recuperar os fiéis perdidos para o protestantismo após a Contrarreforma na Europa. Ação e contexto produzidos há 480 anos, mas que nos remetem a uma teoria contemporânea da religiosidade, que, segundo Stark (2006, p.215), está relacionada a todas as atividades religiosas que se desenvolvem em qualquer sociedade, compondo o que ele denominou de economia religiosa, fazendo uma alusão à economia comercial, pois ambas consistem em um mercado de consumidores potenciais e concorrentes, e as “empresas” atuantes nesse mercado precisam desenvolver sua capacidade de expansão e adaptação de seus produtos e serviços às respectivas demandas de consumo, presentes e futuras.

Portanto, tornou-se determinante para esta pesquisa entender a organização, regulamentos e princípios de administração do sistema de aldeamento, utilizados pelos jesuítas, em específico da aldeia de Barueri, por toda particularidade de variáveis atuantes nesta localidade, as quais estão relacionadas à formação dos valores organizacionais presentes nas culturas das atuais empresas do município.

Para tal, identifiquei, baseando-me em Silva (1997, p.34), que as administrações realizadas por clérigos tinham métodos bastante peculiares de organização religiosa, catequética e econômica, que eram fundamentadas na estruturação física de suas aldeias. Para regular a atividade agrícola, principal produção dos aldeamentos, as terras eram divididas e distribuídas entre os índios e/ou suas famílias que ali habitavam. A produção era para a subsistência daqueles que a produziam. Além dessas terras, os padres demarcavam um terreno no qual todos produziam e que era denominada “Possessão de Deus”. Nesse terreno, a produção era destinada ao sustento dos enfermos e para a obtenção de fundos para a Companhia de Jesus, por meio da troca por outras mercadorias ou mesmo por meio da venda.

Essa forma de administração promovia um círculo virtuoso de desenvolvimento das economias religiosa e comercial, pois, garantindo a subsistência e relativa segurança dos índios, o excedente da produção era

destinado a custear o tratamento dos enfermos, e ainda à geração de fundos para a Companhia de Jesus. Essa harmonia produtiva, além de propiciar a consolidação da tradição religiosa, atraía mais nativos para as aldeias.

Aqui abro um parêntese para expressar que tal contexto, produzido há mais de 480 anos, me remete ao presente como uma repetição da história, sendo a administração da aldeia do passado representada hoje pela prefeitura e seu líder administrador, não mais religioso, e sim, político partidário, o prefeito. O círculo virtuoso que garantia a subsistência e segurança dos índios, e ainda o custeio dos enfermos e apoio financeiro à igreja, hoje é impulsionado pelo incentivo fiscal (redução do ISS), que, aliado ao trajeto da rodovia Castelo Branco, cortando a cidade de ponta a ponta, criou um cenário de atração, não mais de índios de diferentes aldeias, mas de empreendedores em busca de oportunidades, e de mão de obra dos municípios vizinhos, na expectativa de emprego. O aumento da arrecadação de impostos do município, por sua vez, proporcionou à prefeitura uma política de fortes investimentos em obras públicas, como hospitais, escolas técnicas e universidades, além da implantação de serviços básicos de assistência social, como a cesta básica mensal para as famílias carentes, e o serviço de farmácia municipal⁸, os quais comparo aos benefícios que o jesuítas proporcionavam aos nativos enfermos e necessitados. A geração dos fundos para a igreja, proporcionada pelo círculo virtuoso, quando Barueri ainda era uma aldeia, não mais acontece hoje de forma direta, mas a economia religiosa do município se mostra efervescente, visto que, apesar de o administrador eleito pelos “nativos” não mais ter como condição para assumir tal função o exercício da liderança religiosa, é percebido, inclusive midiaticamente, como pertencendo ativamente a uma determinada religião, questão essa que está abordada no capítulo três deste trabalho, intitulado “Religião e empreendedorismo em Barueri”.

Voltando ao histórico de Barueri, com um contorno social, econômico, político e religioso, iniciou-se o processo de formação daquele aldeamento. Conforme Silva (1997, p.28), em 1557, Jeronymo Leitão, o recém empossado capitão-mor de São Vicente, recebeu em doação uma sesmaria que compreendia uma fazenda denominada Barueri, localizada a meia légua da serra do Itaqui e a cinco léguas ao

⁸ Conforme site da prefeitura de Barueri em 12/2/2014: (<http://www.jnoticias.com.br/cotidiano/6479-familias-carentes-vaio-receber-cestas-basicas-mensalmente-em-barueri>).

sul da vila de São Paulo. Segundo o autor, Jeronymo era considerado um governador remisso e descuidado e, quando chamado a fazer guerra contra os índios pela Câmara da Vila de São Paulo, ele buscava se evadir refugiando-se na fazenda Barueri, sob o pretexto de cuidar de suas lavouras, conforme registro daquela Câmara. Em 1558, foi ameaçado de ser destituído do cargo porque não via com bons olhos o aprisionamento de índios, muito embora também os mantivesse como escravos. Além disso, os paulistanos o acusavam de conivência com os jesuítas.

Para contrariar os vereadores e abster-se das acusações de descuidado e omissos, Silva ainda relata que, em 1560, Jeronymo Leitão doou aos jesuítas uma carta de sesmaria que “englobava a fazenda Barueri e se estendia pela serra do Itaqui até as terras onde os Fernandes haviam se estabelecido”(Santana de Parnaíba). Essa carta de sesmaria acirrou os ânimos entre vereadores, colonizadores e padres, com os primeiros acusando a Companhia de Jesus de monopolizar as terras da capitania, haja vista já ter se apossado de diversas aldeias na área vizinha de São Paulo e poder ampliar ainda mais os seus domínios.

A fazenda Barueri, que era uma área inóspita e desabitada, de difícil acesso, porque o Anhembi formava correntezas (originando-se daí o nome “barreira”, “obstáculo”) em suas proximidades, tendo apenas um pequeno cultivo próximo à serra do Itaqui, foi imediatamente utilizada pelos jesuítas para a instalação de alguns índios que se acumulavam nos aldeamentos de Pinheiros e São Miguel.

Em 11 de novembro de 1560, de posse da carta de sesmarias, Anchieta escreveu a Manuel da Nóbrega comunicando-lhe a instalação de um grupo de índios Guaianases e Guaicurus vindos de São Paulo. Em seu livro, Silva aponta um trecho desta carta:

(...)em terras recebidas do governador desta Capitania a quatro ou cinco léguas daqui, instalei alguns gentios para que ali se fizesse uma ermida onde um padre irá rezar missa e confessá-los e tornei outra vez a São Vicente e determinei-me de fazer uma casa que se recolhessem.

O padre Afonso Brás que acompanhou Anchieta na instalação dos índios em Barueri ficou com a responsabilidade de, juntamente com esses índios, de edificar uma capela na área. As cartas de sesmarias e as cartas comunicando a instalação dos aldeamentos eram, em certo ponto e sentido, o registro oficial deles, já que, a partir de então, passavam a ser reconhecidos pela Companhia de Jesus. A carta de Anchieta é, portanto, o registro de nascimento do aldeamento de Barueri e, por conseguinte, o padre Afonso Brás passou a ser o primeiro empreendedor e construtor do atual município de Barueri.

A localização da aldeia de Barueri, para Farbo (1994, p.14), fazia com que ela se constituísse no último refúgio dos índios que fugiam de São Paulo ou de Santana de Parnaíba. Era, ainda, a última instalação jesuítica ao sul de São Paulo e o local onde a mescla de tribos mais se fazia presente. Esses índios, simplesmente, chegavam para ficar, para tornarem-se membros do grupo e para compartilhar solidária e fisicamente o destino dos que estavam em busca de um lugar (MARTINS, 2009, p.15).

O processo de urbanização do bairro da Aldeia de Barueri, que foi construído sobre o primitivo povoamento, ignorou os vestígios ainda existentes do aldeamento. A única referência ao antigo estabelecimento é a capela de Nossa Senhora da Escada, uma construção descaracterizada pelas constantes interferências “modernizadoras” e até pelo abandono, em um período da história da cidade, conforme foto de 1976.



Figura 1: Capela de Nossa Senhora da Escada (1976), época de abandono. (fonte: acervo da Biblioteca Municipal de Barueri, 2014)



Figura 2: Capela de Nossa Senhora da Escada (2007), como sítio arqueológico, da pesquisa liderada pela Profa. Dra. Maria Cristina Mineiro Scatamacchia, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. (fonte: acervo da Biblioteca Municipal de Barueri, 2014).



Figura 3: Equipe da USP, durante escavações, em 2007, nas imediações da Capela Nossa Senhora da Escada. (fonte: acervo da Biblioteca Municipal de Barueri, 2014)



Figura 4: Interior da capela de Nossa Senhora da Escada (2009). (fonte: acervo da Biblioteca Municipal de Barueri, 2014).

1.2 A expulsão e retorno dos jesuítas

A exemplo de São Paulo, Farbo (1994, p. 12) realça em seu livro que os jesuítas construíram na aldeia de Barueri um colégio onde alfabetizaram milhares de índios. Esses índios construíram ao redor da capela e do colégio suas palhoças e, frequentemente, recebiam os ensinamentos dos jesuítas que ali se instalaram. Orientados pelos jesuítas, desenvolveram uma lavoura rica para a época, pois plantavam milho e mandioca, produtos que eram frequentemente trocados por outros em São Paulo.

Em 1580, uma epidemia dizimou os índios das lavouras de São Paulo, fazendo com que muitos se retirassem do povoado, transferindo-se para as Aldeias de Pinheiros, São Miguel e Carapicuíba. No entanto, segundo Farbo (1994, p. 12), a Aldeia de Barueri foi a que mais os acolheu, visto que a capela e o colégio da aldeia ficavam às margens do Rio Anhembi, que era navegável na época.

Além do aumento da população, em razão da epidemia de 1580, em julho de 1609, o Padre João de Almeida trouxe de Cananeia cerca de 1.500 índios carijós, em fuga de conflitos com outros índios, aumentando a população da Aldeia de Barueri. Durante 23 anos, os índios da Aldeia de Barueri tiveram a proteção do Padre João de Almeida. A Aldeia crescia e prosperava de tal forma que ameaçava, sob o ponto de vista dos homens de prestígio que representavam o poder econômico da época, tornar-se uma outra rival, a exemplo de Santana de Parnaíba que, em 1625, foi elevada à categoria de Vila.

Em seu livro, Silva (1994, p.41) ressalta que incidentes envolvendo vereadores e jesuítas motivaram os procuradores das vilas de São Paulo, Santos, São Vicente, Mogi das Cruzes, Iguape, Parnaíba, Cananeia e Itanhaém a se reunirem, pela primeira vez, para tomarem providências quanto à expulsão dos jesuítas da capitania. O autor acrescenta que esta expulsão causou expressivo reflexo no aldeamento, uma vez que os índios que foram em socorro aos padres expulsos foram presos e levados para fazendas localizadas nas mais diversas vilas, após ficarem sem um administrador que os defendesse.

Sem os jesuítas e com um padre secular nomeado pelos vereadores, em sua administração, a aldeia passou a registrar reduções extremamente significativas em sua população indígena, o que fez com que entrasse em fase de estagnação e decadência. Silva, em entrevista em 11/11/2013, complementa sobre a expulsão dos jesuítas:

Isso foi problema em Portugal, relacionado com a guerra entre Portugal e Espanha. A Companhia de Jesus, dos jesuítas, era uma companhia espanhola; então, uma retaliação contra a Espanha foi a expulsão dos jesuítas, porque os jesuítas tinham influência e poder.

O que Silva afirmou está relacionado com a definitiva expulsão dos jesuítas, não só de São Paulo, mas também do Brasil e de Portugal, no dia 3 de agosto de 1759, quando a Coroa Portuguesa assumiu todos os aldeamentos que estavam sob administração daqueles. Depois de os jesuítas deixarem o país, os bens da Companhia de Jesus foram confiscados, e suas terras, bem como as dos loteamentos, foram anexadas à Coroa Portuguesa e, posteriormente, ao Governo Federal.

Os bens dos jesuítas, com exceção do Colégio e terrenos contíguos a ele, na Capital, que permaneceram sob o domínio público, foram entregues parte para a coroa e parte redistribuída entre as demais ordens religiosas. Entre os bens que não foram legalmente incorporados aos órgãos públicos estavam os aldeamentos. Assim, a administração da Aldeia de Barueri coube à ordem Carmelita de São Bento, que prejudicou bastante o sistema de produção agrícola implantado aí pelos jesuítas. Embora os poucos índios que haviam permanecido na aldeia continuassem voltados para essa atividade, ela foi gradativamente superada. Já em 1797, os carmelitas registravam seu aparente fracasso (FARBO, 1994, p.17).

Esses carmelitas relataram à Câmara de São Paulo, conforme registrado no livro de Silva, que as invasões dos brancos à aldeia não podiam ser contidas, e, por isso, estavam tomando posse de muitos índios que estavam aldeados, levando-os para suas fazendas. Desse modo, os índios começaram a abandonar a aldeia passando a trabalhar como diaristas nas fazendas próximas. Em 1798, de acordo com o autor (1994, p.50), os carmelitas fizeram o seguinte registro: “os índios não

estão mais domésticos. Metem-se pelas casas dos moradores das vilas, casando-se com as negras e não querem voltar para suas terras”.

Dos jesuítas aos carmelitas, a Aldeia de Barueri teve sua extinção decretada pelos vereadores paulistanos, sendo elevada à categoria de freguesia e ligada à paróquia de Parnaíba em 5 de junho de 1798. Em 1809, por meio de uma portaria do Bispo da ordem, a capela de Nossa Senhora da Escada passou a ser filial de Santana de Parnaíba e deixou de ter vigário fixo.

A aldeia de Barueri que, em 1803, registrava 524 índios, dos quais 319 eram mulheres, entre crianças e adultas, perdera completamente as funções para as quais havia sido fundada, e nesse aspecto, já não tinha muita importância para a vila paulistana, embora permanecesse sendo o mais povoado dos aldeamentos, como nos mostra o quadro abaixo:

POPULAÇÃO INDÍGENA NOS ALDEAMENTOS PAULISTAS (1800-1804)			
Barueri	524	Itapecerica	332
São Miguel	275	Embu	261
Itaquaquecetuba	218	Carapicuíba	167
Peruíbe	200		
Pinheiros	160		

Tabela 1: Fonte Boletins do arquivo do Estado de São Paulo – AESP, conforme Biblioteca da Câmara Municipal de Barueri, 2014.

Quanto ao fato da ausência dos jesuítas - que administravam e lideravam religiosamente a aldeia de Barueri - ter reduzido a população indígena na aldeia, resultando na transferência política da administração para a Vila de Parnaíba, Farbo (1994, p.21) explica que os índios que viviam em Barueri, não mais residiam no núcleo antigo, nas proximidades da capela, pois estavam dispersos nas áreas próximas, na condição de simples lavradores. No entanto, mantiveram a tradição católica, comparecendo à aldeia aos domingos para assistirem às missas na capela, que, embora estivesse parcialmente abandonada, ainda conservava os artefatos necessários para a celebração dos “ofícios religiosos”.

Verifiquei, também, em consulta às obras dos diferentes autores, que a família do capitão Bernardo Leite Penteado havia tomado posse, nessa época, de uma extensa área de terra localizada na Aldeia de Barueri, destinando-a ao cultivo. O capitão Penteado, que mais tarde se tornaria enfiteuta (posseiro legal das terras dos índios, depois de transferidas à União), deixaria suas terras em herança ao Conde Penteado, o qual, posteriormente, as negociaria com os empreendedores de Alphaville.

A Vila de Parnaíba, que registrava um avançado crescimento populacional até 1810, já decaía de forma substancial, mesmo englobando em seu território a aldeia de Barueri que pertencia a São Paulo até um ano antes. Enquanto freguesia de Parnaíba, a “velha” aldeia de Barueri continuou abandonada pelos administradores daquela vila, e só retomou o processo de revitalização em meados do século XIX, com a formação de um povoado em suas proximidades.

1.3 Um povoado em constante crescimento

O governo de Antônio José de Franca e Horta, que administrou São Paulo de 1802 a 1811, e que transferiu a administração da Aldeia de Barueri para Vila de Santana de Parnaíba, foi responsável pelo surgimento do povoado de Barueri, que foi se consolidando, principalmente pela abertura de três vias de comunicação que ligavam São Paulo a Itu, Sorocaba e Jundiaí. Durante o seu governo, como passavam próximo à Aldeia de Barueri, surgiu um núcleo populacional ligado a essas vias, resultante da atividade comercial de abastecimento das tropas em trânsito.

Esse pequeno povoado, segundo Farbo (1994, p.23), possuía uma vocação agrícola, pois se voltava, principalmente, para o cultivo de milho, mandioca e feijão, condição que, além da localização geográfica de Barueri, também atraía os viajantes, que ali se abasteciam com esses produtos. Assim, as atividades comerciais do então povoado de Barueri foram se desenvolvendo e posicionando gradativamente a localidade como um entreposto, onde os tropeiros em passagem buscavam abastecimento e serviço de hospedagem. Foram os primeiros indícios de vocação na área comercial de serviços, que se consolidariam anos mais tarde.

Sorocaba, nessa época, se destacava pelo comércio de gado, mulas e cavalos, vindos de regiões situadas mais ao sul do país. Era o ponto de partida dos tropeiros rumo a São Paulo, os quais utilizavam mulas e cavalos como principal meio de locomoção. Esse trânsito comercial estimulou o surgimento de pequenos povoados ao longo desse trajeto, voltados ao abastecimento dos tropeiros. Sobre essa etapa da história de Barueri, Silva, em entrevista realizada em 11/11/2013, relata:

(...)então vem o transporte fluvial, depois a segunda grande mudança foi com os tropeiros. Barueri se transforma em pouso de tropeiros, em função da proximidade com São Paulo. Os tropeiros traziam cavalos e mulas, animais que eram levados para São Paulo para serem utilizados no transporte de cargas: era o transporte do transporte. Esses animais vinham do sul do país. Pela proximidade com a capital, e a facilidade de acesso, Barueri se transformou em um ponto de parada dos tropeiros.

Tal condição fez com que Barueri passasse a figurar, segundo Oliveira (2009, p.15), nas atas da Câmara da Vila de Parnaíba, como um local em constante crescimento, com hospedarias e com um comércio para tropeiros, o que passou a atrair pessoas em busca de oportunidades de trabalho.

A vocação de atrativo e destino das correntes migratórias pelo crescimento econômico, e também pelas oportunidades proporcionadas por esse crescimento, identificadas na fala dos empreendedores entrevistados, e abordadas com mais profundidade no capítulo seguinte, começou a se consolidar nessa etapa da história do município, que se desenvolveu, como já exposto, com base na valorização da produção agrícola do povoado de Barueri, em decorrência dos tropeiros, gerando como consequência a promoção de uma diversidade de serviços prestados a esse público, e, conseqüentemente, a construção de hospedarias e outros tipos de estabelecimentos, voltados ao atendimento dessa demanda comercial.

Com o início das construções das ferrovias, cortando o estado de São Paulo, a partir de 1870, houve um desmantelamento do antigo sistema de transportes por tropas que, apesar de ter afetado a economia do povoado, promoveu o início de um novo ciclo, advindo da sua localização nas cercanias da construção.

A seguir, foto da estação ferroviária de Barueri inaugurada em 1875 (fonte: website da prefeitura de Barueri).



Figura 5: Estação ferroviária de Barueri inaugurada em 1875. Fonte: Website da Prefeitura Municipal de Barueri, 2014.

Conforme o economista e autor da história de Barueri, José Macedo de Oliveira, residente em Barueri desde 1944, quando seus pais se transferiram de Itapeva-SP para cidade de Barueri, em busca de melhor qualidade de vida, um importante acontecimento, em 1875, foi a inauguração do primeiro trecho da estrada de ferro Sorocabana, pois transformou Barueri em um centro de distribuição de cargas.

A referida ferrovia, em 1960, “aposentou” o pai do Sr. Benigno Hernandez de 59 anos, fundador do restaurante Casa do Norte e um dos empresários entrevistados por mim, que morava em São Roque-SP, mas, por causa da aposentadoria do pai havia se mudado com a família para Barueri, como ele mesmo relatou:

Ele trabalhava na ferrovia, que de primeiro era chamada Sorocabana(...) eram linhas de trem. Ele era funcionário da estrada de ferro, depois ele se aposentou, porque teve problema na coluna, mas na verdade aposentaram ele. (Ricardo, entrevista em outubro de 2013).

As atividades comerciais e as hospedagens que, inicialmente eram as molas propulsoras do crescimento do povoado, foram mantidas e ampliadas quando o local passou a ser um ponto de fixação dos trabalhadores da ferrovia, os quais vieram a substituir em importância para a economia do local o que representavam os tropeiros na etapa anterior. Em entrevista, Elias cita, que “(...)a construção de uma estação ferroviária no povoado fez com que o mesmo deixasse de ser um ‘povoado de tropas’ para ser denominado ‘povoado estação’”.

Barueri torna-se, então, um centro de distribuição de cargas e de passagem dos usuários do trem. Com o comércio em ascensão, e com facilidade de acesso a São Paulo, o povoado de Barueri recebia cada vez mais moradores, ampliando, assim, sua população. Tal fato seria constatado, conforme Farbo (1994, p.33), pela necessidade de os baruerienses obterem um local mais próximo do povoado para que pudessem exercer suas práticas religiosas. Então, segundo ele, motivados pela doação de um terreno por João da Matta e Luz, os moradores deram início à construção de uma igreja que pudesse se constituir como alternativa, para evitar os deslocamentos para a capela de Nossa senhora da Escada ou para Santana de Parnaíba.

A localização da nova igreja, dedicada a São João Batista, foi definida em um ponto onde se encontrava o principal acesso aos serviços de transporte de Barueri, assimilando a demanda de moradores do povoado e também daqueles em trânsito pelo local.

Em pesquisa às obras dos historiadores, identifiquei que o desenvolvimento econômico do povoado de Barueri, decorrente do transporte de tropas e da estrada de ferro, foi incrementado com a escolha de Santana de Parnaíba para sediar a instalação de uma usina hidrelétrica. Com o início da construção da usina de Parnaíba pela *Light & Power Company*, o trânsito de trabalhadores e materiais para o local se tornou um decisivo fator de expansão do povoado barueriense. Os equipamentos que eram enviados para Parnaíba chegavam a Barueri por via férrea e dali, por meio de carros de boi e burros, eram transportados por 13 quilômetros até o local da obra.

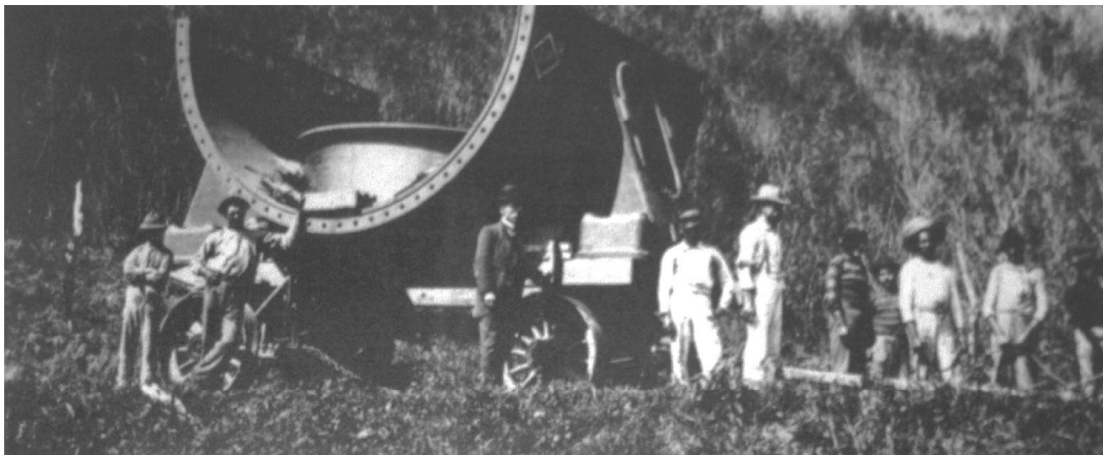


Figura 6: A Rua Duque de Caxias foi implantada para o transporte dos equipamentos da hidrelétrica construída pela empresa *Light & Power Company*. Fonte: acervo da Biblioteca Municipal de Barueri, 2014.

Esse movimento fez com que o trecho entre a estação ferroviária de Barueri e o local da construção da usina se tornasse atrativo para os moradores do povoado, que tinham nele uma fonte de fortalecimento do movimento comercial e de ampliação de novas vias.

A usina foi inaugurada no dia 23 de setembro de 1901, e, em 1910, o anuário estatístico de São Paulo registrava 7.406 habitantes em Parnaíba, distribuídos nos povoados de Barueri, Pirapora do Bom Jesus, Carapicuíba, Cajamar, parte de Caieiras e parte de Franco da Rocha, além da própria Vila (Oliveira, 2009, p.28).

Outro fato relevante, que influenciou na construção do atual cenário socioeconômico da cidade, foi a instalação de um centro militar em Quitaúna, em 1905. No ano seguinte, o Ministério da Guerra (hoje Ministério do Exército) adquiriu as partes restantes das fazendas Barueri e Tamboré à margem da linha férrea para futuramente utilizá-las como local de instrução militar (SILVA, 1997, p.58). A considerável extensão das terras adquiridas pelo Ministério da Guerra abrangia muitos quilômetros da ferrovia, interferindo diretamente na forma de o povoado se expandir. Em 1916, foi aprovada a reivindicação dos habitantes de Barueri para elevá-lo a Distrito Policial, passando a contar com um subdelegado, indicado pelo delegado de Parnaíba, e uma delegacia de polícia. No ano seguinte, uma comissão formada por 55 moradores baruerienses apresentou requerimento na Câmara Municipal solicitando que o então Distrito Policial fosse elevado à condição de

Distrito da Paz⁹. Esse requerimento, datado de 18 de julho de 1917, foi aprovado pelo senado estadual em 10/12/1918.

1.4 As principais correntes imigratórias para Barueri

O desenvolvimento socioeconômico do povoado, passando a Distrito da Paz, e hoje município de Barueri, considerando, ainda, as diversas correntes imigratórias, gerou uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais formados em momentos históricos distintos (ORTIZ, 2006, p.8). Os cinco empreendedores entrevistados por mim, com suas empresas fundadas ou hoje atuantes em Barueri, participaram diretamente desses processos imigratórios, ou, pelo menos, fazem parte de famílias que integraram tais processos, como é o caso de Jurandir, que relatou:

(...)meu pai era mulçumano, ele saiu da Síria, foi para Inglaterra e pegou um navio que chegou no Brasil em 1939, no Rio de Janeiro, e aí ele desceu pensando que era a Argentina. Ele veio sozinho, com a mala e com algum dinheiro no bolso, e ficou por aqui mesmo.

Ainda conforme o depoimento de Jurandir, sua vida profissional se iniciou com o apoio do pai:

(...)eu tinha uma loja automotiva em São Paulo que herdei do meu pai, loja que ele montou em 1942. Meu pai morreu em 1986 e eu fiquei com a loja até o ano de 1990.

Depois do falecimento do pai, Jurandir morando em São Paulo e com a experiência profissional adquirida na empresa familiar, assim como muitos que trabalham em empresas da cidade, passou a contribuir para o crescimento da população flutuante do município, sendo contratado por uma empresa barueriense, como relatou em entrevista:

⁹ Somente com a Proclamação da República no Brasil, em 1889, acontece a separação da Igreja do Estado, passando as vilas e cidades a serem divididas, não mais em freguesias, mas em "Distritos de Paz", os quais, até hoje, têm um Juiz de Paz, mas com funções limitadas. (<http://jus.com.br/forum/343893/poder-local-no-brasil-e-em-portugal/>, em 17/01/2014)

Trabalhei uns quatro anos em uma concessionária de Barueri que um amigo me indicou. Então, eu vim pra cá, comecei a conhecer a região e montei uma loja em Alphaville. Uma oficina bem pequena. Fiquei com essa oficina uns dois anos, quando então abriu a Rua da Prata, foi feita a ponte e tudo(...) e eu comecei a acompanhar e achei interessante montar uma oficina aqui. Isso se deu no dia 7 de Setembro de 2000 e de lá pra cá, graças a Deus, não tive problema nenhum.

Assim como aconteceu com Jurandir – do centro Automotivo Hadmad Valdir, da Syfuentes Móveis, contou em seu depoimento que também havia iniciado sua vida profissional trabalhando com o pai, porém sua família migrou do Paraná para São Paulo, a fim de obter recursos mais adequados para o tratamento de saúde de sua mãe:

(...) com 10 anos eu comecei a trabalhar com meu pai(...) que era um marceneiro. No Paraná, ele construía casas de madeira em diversas cidades. Nós viemos para São Paulo em 1964 para buscar um tratamento médico para minha mãe(...) eu com sete anos de idade. Tínhamos um tio que tinha uma marcenaria aqui em São Paulo e meu pai foi trabalhar com ele.

Em seguida, relatou, com entusiasmo, o processo de crescimento da marcenaria do pai, que acabaria sendo o motivo da mudança para Barueri:

(...)a gente aumentou o salão da frente, depois aumentamos o salão do lado, depois mais um do lado. Aí já tínhamos três pequenos galpões, na mesma rua. O tempo foi passando e alugamos um galpão de 450 metros quadrados(...) depois mais um de 100 metros quadrados, e fomos expandindo. Alugamos um na Zona Norte, Vila Santa Maria, bairro do Limão.

A chegada de Valdir à cidade de Barueri se deu em virtude de o crescimento da marcenaria de seu pai, instalada em São Paulo, ter se tornado inadequada à obtenção de licença municipal de funcionamento, como ele mesmo explicou:

Quando estávamos chegando ao auge, recebemos denúncias de vizinhos que alegavam que a gente estava incomodando e começamos a ter pressão da prefeitura por licença de funcionamento, depois da CETESB(...) Aí foi uma sequência de ações para nos despejar.

Valdir conclui o relato sobre as razões que motivaram a transferência da marcenaria para Barueri:

Então, aceleramos a mudança, pois já tínhamos comprado o terreno em Barueri, no Cruz Preta(...)Começamos a acelerar para construir alguma coisa para entregar o galpão na Vila Santa Maria e mudar para cá.

A cidade de São Paulo, em minha pesquisa, parece ser o berço das empresas de Barueri, pois foi o que os entrevistados declararam em seus relatos. Eis o que afirmou Regis - da Embalagens Jaguaré:

(...)nós mudamos pro bairro do Socorro em São Paulo e, atrás de casa, meu pai montou um galpãozinho, onde trabalhavam minhas irmãs, meu pai e a mulher dele, pois minha mãe tinha falecido. Eles fabricavam as caixinhas de embalagem e vendiam.

Luizinho, dono da Tersel Agência de Recursos Humanos, não iniciou sua vida profissional na empresa de seu pai, mas não ficou fora da corrente migratória que trouxe sua família de Minas Gerais para São Paulo, em busca de oportunidades:

Meu pai era funcionário de uma empresa de Minas e trabalhava em São Paulo, e por achar que essa seria uma cidade mais tranquila para prosperar, veio com a família. Mas ele teve alguns percalços. Aí, acabou trabalhando como ajudante numa pedreira grande, porque a empresa em que ele trabalhava voltou pra Minas, e nós já estávamos aqui.

Apesar de se tornar empresário, anos depois, Luizinho não deixou de lembrar as perspectivas sociais e econômicas que a cidade de Barueri oferecia, favorecendo a imigração:

(...)nós viemos para Barueri e foi uma coisa positiva, porque conseguimos ser proprietários da nossa casa em cinco anos. No bairro onde eu moro até hoje, nós somos a oitava casa. Meu pai comprou o terreno e todos os meus irmãos trabalhavam, e nós conseguimos construir uma casa lá. Meus pais não são mais vivos, e minha irmã mora até hoje lá, no Jardim Reginalice. Eles conseguiram dar uma boa educação para todo mundo sendo frentista num posto de gasolina.

O conhecimento sobre a história de Barueri, aparentemente adquirido por tradição oral, demonstrado por Ricardo, proprietário da Casa do Norte, ao responder sobre a origem de sua família, apontou um sentimento de natividade, já que sua família se mudara para Barueri quando ele tinha quatro anos de idade:

Eu vim com meu pai e mãe, de São Roque, eu tinha quatro anos de idade, minha família era toda de lá de São Roque... nós tínhamos até uma chácara lá, e nós mudamos para cá. Barueri era uma fazenda, na época dos Camargos(...) Ele era funcionário da Sorocabana(...)

Analisando as diferentes corrente migratórias, que resultaram na chegada em Barueri dos empreendedores entrevistados, identifiquei que apenas Jurandir tomou a decisão de se instalar na cidade; os demais, como passageiros no processo migratório, foram conduzidos pelas famílias. Jurandir, do Centro Automotivo, e Ricardo, da Casa do Norte, não têm sócios hoje, e gerenciam seus negócios sozinhos, contando com eventual apoio de seus familiares. As empresas deles permanecem estáveis, e não apontam tendência de crescimento. Também não há perspectiva sucessória familiar. Tal avaliação não foi baseada em análise de dados financeiros, mas nas entrevistas realizadas com os próprios empresários, além de meu acompanhamento como usuário dos serviços prestados pelos respectivos estabelecimentos há mais de dez anos.

A política partidária foi um caminho escolhido por Luizinho, da Tersel, e Valdir, da Syfuentes Móveis. O primeiro teve sucesso, pois foi eleito vereador por dois mandatos e, no último mandato, assumiu o cargo de secretário de indústria e comércio de Barueri. Hoje, afastado da Tersel, atua como diretor na prefeitura de Santana de Parnaíba. Valdir também concorreu na última eleição ao cargo de vereador em Barueri, mas não foi eleito, e por ser o principal executivo de sua empresa, deixou-a fragilizada e com sérios problemas de gestão. Porém, retomou

as atividades, recolocando a empresa em uma trajetória de crescimento. Valdir tem como sócio seu irmão que também é administrador de empresas e, atualmente, conta com o apoio de seu filho na gestão dos negócios, sinalizando, pois, uma tendência sucessória.

O galpãozinho no bairro do Socorro, que marcou o início da Embalagens Jaguaré, hoje é uma grande indústria, estabelecida em Barueri, com mais de 200 funcionários. Regis, que é católico, tem dois sócios: um é pastor evangélico, e o outro é espírita. Trata-se de uma gestão com características e valores mutirreligiosos. A questão sucessória, que ainda é discutido veladamente na empresa, mas uma preocupação de toda direção.

1.5 Alphaville e o espírito empreendedor

Segundo Oliveira (2009, p.25), com o desenvolvimento econômico, no início dos anos 1920, o distrito de Barueri se tornou o principal centro tributário de Parnaíba. A ocupação territorial ocorria com muita rapidez, tanto para fins comerciais quanto residenciais. O setor industrial, que já passava a ocupar uma importante fatia do setor econômico de São Paulo, buscava melhores condições de transporte, possibilitando que muitas indústrias se estabelecessem em áreas próximas à ferrovia. Farbo (1994, p.46), expondo sobre a transferência das indústrias para as proximidades da ferrovia, explica que, no percurso Barueri – São Paulo da Sorocabana, entre 1915 e 1920, haviam se instalado renomadas indústrias, dentre as quais podemos destacar Frigorífico Wilson (1915); Fábrica de Tecidos Beltrano (1916); Indústria de fósforos Granada (1918), em Osasco, e, na Barra Funda, as Indústrias Matarazzo (1918) e Curtume Franco Brasileiro (1920), que na década de 1950 se transferiria para Barueri, no Jardim Belval.

Os trabalhadores que ficaram ociosos, depois do término da construção da ferrovia e da usina de Parnaíba, foram absorvidos pelo segmento industrial, que estava em crescimento. Nesse período, por uma questão prática, esses trabalhadores eram motivados a fixarem residência nas proximidades das estações ferroviárias. Ou seja, a proximidade que as indústrias buscavam para se estabelecerem, em relação à ferrovia, era também procurada pelos trabalhadores, só que estes últimos, em localidades mais afastadas. O trem passou a ser o

principal meio de transporte público, o que Silva chama de: “Articulação entre o capital e o trabalho”, já que as indústrias condicionavam seus horários aos horários dos trens.

A economia do município, que originalmente era predominantemente agrícola, no decorrer do tempo, passava a ter maior contribuição dos segmentos do comércio, indústria e serviços, com exceção de uma parte da região, que continuava com características rurais por influência da fixação de famílias japonesas. Porém a produção de gêneros alimentícios, principalmente por imigrantes japoneses na área da fazenda Tamboré e em Carapicuíba, passou a acompanhar o ritmo de crescimento das áreas próximas a São Paulo, aumentando, também, a contribuição dessa atividade para a economia da região.

Em 1936, favorecido pelos benefícios fiscais instituídos em Barueri, o Frigorífico Pisani se instalou no município, na avenida D. Pedro II (OLIVEIRA, 2009, p. 16), transformando-se em um marco na história do processo de industrialização da cidade, haja vista o investimento na construção das instalações do Pisani corresponder a 400% do investimento da prefeitura parnaibana, no então distrito de Barueri.



Figura 7: Frigorífico Pisani. Fonte: acervo da Biblioteca Municipal de Barueri.

Com a aprovação da Assembleia Legislativa e da população do distrito de Barueri, em 24 de dezembro de 1948, o governador Ademar de Barros, assinou o decreto lei 233, consolidando a emancipação de Barueri e criando os distritos de Carapicuíba e Aldeia de Barueri, vinculados política e geograficamente ao novo município.

Como exposto por Elias Silva, em entrevista, "...as grandes transformações, as grandes mudanças no cenário socioeconômico da cidade, estão todas elas vinculadas a transportes.". De fato, seu posicionamento geográfico e a facilidade do transporte fluvial contribuíram para a implantação estratégica do aldeamento indígena; foi decisivo como ponto de parada e reabastecimento dos tropeiros, criando condições para indicação como estação ferroviária, tendo sua vocação potencializada por fazer parte do trajeto da Rodovia Castelo Branco, que foi inaugurada em 10/11/1968. A Castelo "atravessava extensas áreas desabitadas da Fazenda Tamboré no sentido leste-oeste, desde o bairro Jardim Mutinga, altura da Petrobrás, até o entroncamento com o trevo de Aldeia da Serra, na divisa com Itapevi", aponta Oliveira (2009, p.31). "As regiões às margens da Rodovia viriam a se tornar locais adequados para instalação de novas empresas no município", completa ele. Em toda a extensão da fazenda Tamboré, a atividade econômica era o cultivo de produtos de hortas, granjas, flores e frutas em pequenas propriedades. Esses sítios e chácaras também eram usados como áreas de lazer, nos finais de semana.

Os problemas causados pela concentração das atividades produtivas e da população na cidade de São Paulo foram discutidos no XI Congresso Pan-americano de Avaliações, no início de 1973, no Palácio das Convenções do Anhembi, onde o Engenheiro Yojiro Takaoka proferiu uma palestra sobre o referido tema, expondo que:

(...)o elevado grau de concentração gerou, de um lado, a abundância de investimentos do capital público em infraestrutura, que, contudo, continuava insuficiente, e de outro, vários problemas, tais como: marginalização das classes menos favorecidas, desaparecimento do

verde, congestionamento e escassez de transporte, limitação à ampliação ou implantação das indústrias” (SACCHI, 2003, p.123).

Diante desse quadro, Takaoka e seu sócio imaginaram um empreendimento que fosse uma resposta aos problemas oferecidos por essa concentração, os quais deram início ao processo de deterioração urbana:

(...)torna-se urgente o deslocamento do parque industrial em direção à sua mão de obra, ou seja, às cidades dormitórios, cujas prefeituras não tinham condições de recebê-lo com infraestrutura necessária.

A construtora Albuquerque/ Takaoka começou a procurar um espaço para tornar viável a implantação do futuro empreendimento, que atenderia o empresariado. Segundo Sacchi (2003, p.124), os engenheiros encontraram uma antiga fazenda no município de Barueri, localizada a 23,5 quilômetros do marco zero de São Paulo, na Praça da Sé, e deram andamento ao que se tornaria, segundo ele, um marco na construção urbana do país: Alphaville.



Figura 8: Assinatura do contrato de compra das terras da fazenda Tamboré, onde Alphaville foi construído. Da esquerda para direita: Renato de Albuquerque; o advogado da família Prado, Antônio de Pádua Pereira de Almeida; Roberto de Albuquerque; o advogado da construtora, Luiz Fernando Ribeiro da Silva; Yojiro Takaoka e o corretor de imóveis, Luis Miada, 8 de janeiro de 1973. Fonte: (SACCHI, 2003, p.125)



Figura 9: Vista aérea do empreendimento em 1975. Fonte: (SACCHI, 2003, p.131).



Figura 10: Vista aérea do empreendimento em relação a Rodovia Castelo Branco. Fonte: (SACCHI, 2003, p.135).

Conhecido pela tradição oral em Barueri, e pelo que nossos olhos podem captar de informação quanto às realizações do engenheiro Takaoka, podemos afirmar que elas contribuíram para construção de um imaginário empreendedorístico na cidade. Ele foi um sujeito sonhador que: “enxergava muito à frente”, ou ainda, via o momento com mais nitidez do que os demais de sua época. Esse entendimento suscita algumas questões importantes, quais sejam: Que fatores influenciam pessoas a adotarem um padrão de comportamento empreendedor? As ações dos empreendedores são pautadas por quais objetivos? A base familiar e religiosa de formação do empreendedor contribui de alguma forma para o sucesso de seus negócios? Estas são algumas das questões que utilizei como referência para desenvolver, no próximo capítulo, minha análise sobre o perfil do empresariado barueriense, tomando como suporte as perspectivas sociológicas de Max Weber, no que tange à compreensão interpretativa do comportamento desses indivíduos e da relação de suas ações com os diferentes agentes do macrocosmo social¹⁰, atuante no município.

¹⁰ O termo “macrocosmo social” foi utilizado por Pierre Bourdieu, na definição do conceito de campo político,. Para mais informações, consultar: REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIA POLÍTICA. Brasília: Unb, n. 5, 2011. Grandes Conferências de Lyon, Universidade Lumière-lyon 2, Quinta-feira, 11 de Fevereiro de 1999. do Original “*Conférence: Le Champ Politique*”, Publicado no Livro *Propos Sur Le Champ Politique*. Direitos Autorais Concedidos Pela Presses Universitaires de Lyon. Traduzido Por André Villalobos.

CAPÍTULO II – AÇÃO SOCIAL E EMPREENDEDORISMO EM BARUERI

Considerando que meu objetivo nesta dissertação abrange a procura e identificação das múltiplas linhas de ações que são percorridas por agentes tanto no campo religioso, quanto no econômico, linhas que constituem, em parte, a complexidade da tecitura da sociedade barueriense, identifiquei em minha pesquisa, inspirando-me em Weber, que a vida social é tecida por roteiros, que foram e estão sendo percorridos também pelos empresários entrevistados, assim como por suas empresas, e que eles buscam trilhar caminhos rumo às suas metas, como se observa no relato de Ricardo, do restaurante Casa do Norte, quando respondeu sobre as ações que ele desenvolve para manter sua empresa “viva” e próspera:

Tem que ficar muito de olho nas coisas, olhar a qualidade, a cozinha e limpeza. Além de tudo isso, se envolver com a satisfação do cliente, aí ele se sente bem aqui e volta, e ainda pode contar para um amigo (...) Assim, a gente vai crescendo (Ricardo - em entrevista realizada em 21/10/2013).

Em razão de esta pesquisa apontar as relações das ações produzidas nas diferentes trilhas construídas pelos agentes pesquisados, tomei como base os conceitos weberianos, a fim de estabelecer a análise dessas relações. Como no caso da empresa Embalagens Jaguaré, que, de acordo com Regis, em entrevista realizada em 01/10/2013, adotou como tradição realizar, intercalada no final de cada ano, uma missa com um culto evangélico, para os quais todos os funcionários são convidados, independentemente da religião de que cada um faça parte.

Apoiado no princípio ecumênico de relações sociais, no mundo do trabalho, o entrevistado faz questão de pontuar as intenções e as dificuldades em manter tal aspecto de relações ecumênicas dentro do campo cristão, dizendo:

(...)aqui na Jaguaré nós fazemos uma missa de ação de graças, em dezembro, sempre. Então, em um ano a missa é católica, em

outro ano é evangélica; num ano vem um padre, no outro ano vem um pastor.

Contudo, Regis completa o relato sobre essa “tradição inventada”¹, explicando a dificuldade de manter a intercalação entre a cerimônia católica e a evangélica, que objetiva a promoção do conagraçamento e integração dos funcionários, porque, segundo ele, os padres recebem orientação de superiores de não mais saírem da igreja para atender a pedidos desse tipo:

(...) ultimamente tem sido difícil o padre vir, tem uma ordem da cúria dizendo que ele não pode sair da igreja; então, ultimamente, tem vindo só pastor, porque com os pastores, você só abre a boca e eles sempre se colocam à disposição.

Não obstante a questão da cerimônia religiosa, mencionada por Regis, ser analisada no capítulo seguinte, cabe aqui uma consideração relacionada aos objetivos dessa ação. É que tal procedimento tende a produzir efeito de integração dos funcionários, melhorando, conseqüentemente, o processo produtivo, e ainda, que intercalar os ofícios da igreja católica e os cultos da evangélica pode ser uma forma de a empresa comunicar aos seus colaboradores a presença da pluralidade religiosa na cultura organizacional da Jaguaré, gerando um princípio de acolhimento das pessoas no ambiente organizacional, proporcionando um clima favorável para se atingirem os resultados econômicos esperados.

2.1 Empreendedorismo como ação social, uma perspectiva weberiana

A inspiração apoiada nas perspectivas sociológicas de Max Weber, para construir a base de sustentação da pesquisa desta dissertação, se deve ao contexto em que o autor desenvolveu seu pensamento. Sendo assim, descrevo as correntes teóricas que o influenciaram e me direcionaram a empregar o conceito de “ação social” como trilho condutor de minha pesquisa; por fim, analiso as possíveis relações entre as ações religiosas e as econômicas, avaliando as entrevistas efetivadas com os cinco

¹ Sobre o conceito de “tradição inventada”, consultar Hobsbawm (1984, p.9).

empresários da cidade Barueri, dos segmentos do comércio, indústria e serviços.

Desse modo, para uma definição de “ação social”, atribuo inicialmente à compreensão do significado de “ação” aquilo que representa o resultado de uma força física ou moral² como consequência do fato de agir. Podendo significar, também, a manifestação de uma força agente³. Portanto, “ação social” à luz da Sociologia significa toda sorte de ação que se manifesta a partir de ações referentes ao comportamento de outros (WEBER, 2009, p.3).

O entrelaçamento conceitual de ação social e empreendedorismo passa pela análise da construção da palavra, pois se trata de um substantivo composto pelo radical “empreendedor”, que representa o agente, e o sufixo “ismo” que denota a ação, construindo, assim, como significado a “ação do agente”. Pode se compreender também, em decorrência do tema abordado neste capítulo, como o resultado do trabalho do sujeito que empreende.

O empreendedor é a pessoa que assume risco de começar uma empresa. O termo se origina no latim *impredere*, que significa “decidir realizar tarefa difícil e laboriosa”⁴. Tem o mesmo significado da palavra francesa *entrepreneur*, que deu origem à inglesa *entrepreneurship*. Esta última é utilizada para designar o comportamento do empreendedor, sendo traduzida pela expressão: “espírito empreendedor” (MAXIMIANO, 2006, p.1).

Para Maximiano (2006, p.1), a ideia de um espírito empreendedor está associada a pessoas realizadoras que mobilizam recursos e correm riscos para iniciar organizações com ou sem fins econômicos. É desse perfil de pessoa que esta dissertação trata. Os cinco empresários da cidade de Barueri que foram entrevistados, são considerados por mim empreendedores, não pelo fato de serem empresários ou administradores de seus negócios, mas pelos respectivos históricos comportamentais, construídos por ações realizadas sob uma ética que, segundo Weber (2009, p.14), reconhece a importância fundamental do fator econômico, ou

² Disponível em (<http://michaelis.uol.com.br>). Acesso em: 19/2/2014

³ Disponível em (<http://dicio.com.br>). Acesso em: 19/2/2014.

⁴ Disponível em (<http://houaiss.uol.com.br>). Acesso em: 19/2/2014.

ainda, toma em consideração, acima de tudo, as condições econômicas, não deixando, porém, de também considerar outros fatores simbólicos que coexistem com o racionalismo econômico.

O desenvolvimento de tal condição é parcialmente dependente da técnica e do direito racional, e, ao mesmo tempo, determinado pela habilidade e disposição do homem em adotar certos tipos de conduta racional prática, construídos na formação de sua identidade. Inspirando-me em Hall (2006, p.11), entendo identidade como aquela instituída sistemicamente pela crescente complexidade do mundo moderno, que forma nas relações sociais um conjunto de valores determinantes do comportamento do agente empreendedor; uma concepção de sentido das ações; e uma forma de interpretação das representações simbólicas, importantes do processo interativo do “eu” empreendedor com o mercado e com a sociedade em geral. Sendo toda essa ebulição interativa do “espírito empreendedor” valiosa influenciadora da conduta dos agentes, a qual se mantém submersa no oceano da cultura organizacional, impregnado pela racionalidade objetiva e instrumental do campo econômico (SIMMEL, 2009, p.11).

Quando tais tipos de conduta são obstruídos por fatores espirituais (simbólicos ou místicos), entendo, com base em Weber (2009, p.14), que o desenvolvimento do comportamento econômico racional pode encontrar, também, séria resistência no ambiente organizacional e no próprio mercado. É nesse momento que as forças mágicas e religiosas e as ideias éticas de dever nelas baseadas têm estado sempre presentes entre os mais representativos fatores influenciadores do padrão de comportamento do agente empreendedor.

A compreensão de empreendedorismo, fundamentado no conceito weberiano de ação social, se estabelece pela percepção da consciência do agente quanto ao objetivo do direcionamento da ação, a qual se refere e interfere no comportamento de outros agentes e cria, pois, uma teia de motivos e significados que suporta o desenvolvimento do espírito empreendedor.

Seguindo as reflexões de Weber sobre ação social, identifiquei que sua perspectiva se nutre de um contexto social problemático, relacionado à

necessidade de estruturação de uma sociedade dentro de um Estado⁵, que era considerado como forte e expressivo, como relatam os autores Cohn (2010), Lima (2009) e Souza (2006) e é uma questão que está presente em todo o pensamento weberiano.

A meu ver, Weber estava preocupado com um tema que se caracterizava pela busca de compreensão das dificuldades eventualmente encontradas para constituir um grande sujeito histórico, ou seja, pela busca de grupos sociais que fossem capazes de atribuir certo sentido à história, de dirigir uma sociedade num determinado rumo e organizá-la levando em conta um projeto estabelecido.

As referidas questões me remetem a uma das necessidades motivadoras da pesquisa desenvolvida para esta dissertação, relativa ao resgate da história da cidade de Barueri, que trata de identificar a participação dos empreendedores na construção e direcionamento dessa história, e da relação das ações econômicas com as religiosas, as quais edificaram todo um contexto no qual as empresas pesquisadas estão inseridas. Condição, às vezes não percebida pelo próprio agente, como citado por Weber na sua obra “Ciência e Política: Duas Vocações”, quando afirma que

(...) em verdade, o agente não tem consciência dos diabólicos poderes que entram em jogo. Ora, esses poderes são inexoráveis e, se o indivíduo não os percebe, será arrastado a uma série de consequências e a elas, sem mercê, entregue; e as repercussões se farão sentir não apenas em sua forma de atuar, mas também no fundo da alma. (WEBER, 2004, p. 161)

⁵ A linguagem jurídica, bem como a cotidiana, designa como “Estado” tanto o conceito jurídico quanto aquela realidade da ação social diante da qual a regulamentação jurídica pretende vigência. Para a Sociologia, a realidade “Estado” não necessariamente se compõem exclusiva ou justamente de seus elementos juridicamente relevantes. E, em todo caso, não existe para ela uma personalidade coletiva “em ação”. Quando fala do “Estado”, da “nação”, ou da “sociedade por ações”, da “família”, da “corporação militar” ou de outras formações” semelhantes, refere-se meramente a determinado curso da ação social de indivíduos, efetivo ou construído como possível. Atribui assim ao conceito jurídico que emprega, em virtude de sua precisão e caráter habitual, um sentido inteiramente distinto. (WEBER, 2009, p. 9)

A não percepção pelo agente dos “poderes que entram em jogo”, de acordo com o autor, pode ser relacionada às dificuldades encontradas, e que foram relatadas pelos empresários entrevistados, principalmente nos primeiros anos de vida dos seus respectivos empreendimentos, dificuldades essas normalmente associadas, entre outras razões, conforme pesquisa do Ibmec São Paulo e do Sebrae São Paulo⁶, ao desconhecimento das características do setor econômico de atuação da empresa, ao despreparo para o relacionamento com o cliente, ao não domínio dos aspectos financeiros básicos para gerir o caixa da empresa e ao desconhecimento das exigências legais para regularização do negócio. Esses obstáculos, indicados pela citada pesquisa, também foram percebidos nos relatos dos empreendedores. Como exemplo, podemos mencionar o relato de Valdir, da Syfuentes Móveis, em entrevista realizada em 22/9/2013, em que comentou os problemas pelos quais passou a empresa, então de seu pai, localizada na cidade de São Paulo, onde Valdir iniciou sua atividade profissional. Como já dito antes, tais dificuldades motivaram a transferência para Barueri, porque esta cidade oferecia na época condições diferenciadas para compra de terreno, construção e instalação de indústrias, além de incentivos fiscais:

(...) quando estávamos chegando ao auge, recebemos denúncias de vizinhos que alegavam que a gente estava incomodando e começamos a ter pressão da prefeitura por licença de funcionamento, depois da CETESB(...) aí foi uma sequência de ações para nos despejar.

As dificuldades mencionadas por Valdir vão ao encontro do que se caracterizou na pesquisa como sendo um desconhecimento legal para o funcionamento da marcenaria (atual Syfuentes Móveis e Objetos Ltda.), mas que ele contornou tomando providências de quem tem um espírito empreendedor, ou seja, procurou agir no sentido de preservar a continuidade do negócio.

⁶ Pesquisa citada: 'O Impacto de Capital Humano, Capital Social e Práticas Gerenciais na Sobrevivência de Empresas Nascentes: um Estudo com Dados de Pequenas Empresas no Estado de São Paulo' - Autores: Fábio Matuoka Matsumoto, Sérgio Giovanetti Lazzarini, Marcos Hashimoto, Rinaldo Artes (1), Marco Aurélio Bedê (2) - Publicação: Anais do 32º Enanpad (Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração), Rio de Janeiro, set/08. (1) Ibmec São Paulo; (2) Sebrae-SP.

Aceleramos a mudança, já tínhamos comprado o terreno em Barueri, no Cruz Preta, começamos a acelerar para construir alguma coisa, pois tínhamos que entregar o galpão na Vila Santa Maria e mudar para cá, Barueri.

Assim como Valdir, Regis, da Embalagens Jaguaré, também descreveu dificuldades enfrentadas por sua empresa, em entrevista realizada em 01/10/2013:

No ano 2000 nós estávamos em uma situação muito complicada, muito complicada mesmo, com problema de caixa, problema de crédito, de inadimplência, o mercado muito ruim. Foi onde decidimos contratar uma consultoria pra ajudar agente a sair do buraco(...)

Da mesma forma que ocorreu na Syfuentes Móveis, Regis, o dono da Embalagens Jaguaré, buscou soluções, visando à preservação da empresa:

Tivemos dificuldades para achar uma consultoria, vieram todos os tipos, de milagreiros, espíritas, umbandistas, do mercado econômico e administrativo, para resolverem nosso problema. Até que nós conhecemos o Roberto Trajano da Metanoia. (...)aí nós começamos a fazer todo um trabalho(...) de comunicação, quebrando as barreiras, ouvindo os colaboradores(...) e corrigindo os problemas.

Regis apontou as dificuldades financeiras passadas pela empresa e como foram solucionadas, isto é, mediante a contratação de um consultor externo, que, trabalhando as questões relacionadas às pessoas, promoveu ajustes na gestão, recuperando financeiramente a Jaguaré.

A trajetória de Valdir, de Regis e dos demais entrevistados, sujeitos que contribuíram para a formação do campo econômico de Barueri, me remeteu à preocupação de Marx no século XIX, quando tratou da construção da ideia do que seria no seu entender uma organização de classes sociais,

que, de certa forma, também era o tema weberiano⁷. Porém, no caso de Weber, esse tema se refratou diretamente sobre a Alemanha, procurando solucionar a questão a respeito de quem estava em condições, ou qual o grupo social, que dentro da Alemanha estava em condições de orientar a sociedade rumo à constituição de um Estado Nacional soberano⁸. Portanto, Weber não estava preocupado com as grandes estruturas sociais montadas, mas sim, com as ações e com os agentes dessas ações, colocando toda ênfase sobre as figuras dos agentes e sobre as modalidades de ações que estavam sendo executadas. Meu entendimento sobre a abrangência do foco da preocupação de Weber tem respaldo nas definições conceituais do autor, o qual entende que toda ação social:

Pode ser determinada: 1) de modo racional referente a fins: por expectativas quanto ao comportamento de objetos do mundo exterior e de outras pessoas, utilizando essas expectativas como “condições” ou “meios” para alcançar fins próprios, ponderados e perseguidos racionalmente, como sucesso; 2) de modo racional referente a valores: pela crença consciente no valor (ético, estético, religioso ou qualquer que seja sua interpretação) absoluto e inerente a determinado comportamento como tal, independentemente do resultado; 3) de modo afetivo, especialmente emocional: por afetos ou estados emocionais atuais; 4) de modo tradicional: por costume arraigado (WEBER, 2009, p. 15).

2.2 Razões das ações empreendedoras

Inspirado nas definições conceituais de Weber, no que tange às razões que determinam as ações sociais de um sujeito, e analisando as entrevistas dos cinco empreendedores pesquisados, estabelecidos hoje em Barueri, destaco uma afirmação de Luizinho, da Tersel Assessoria em Recursos Humanos, na entrevista realizada em 30/7/2013:

⁷ As classes não "são" em si comunidades, e as situações de classe surgem somente no solo de relações comunitárias. Só que a ação social que as faz nascer não é essencialmente uma ação dos membros da mesma classe, mas uma ação entre membros de classes diferentes (WEBER, 2004, p. 183).

⁸ A respeito, veja em Economia e Sociedade, V2, p. 164, § 4. Os fundamentos econômicos do “imperialismo”.

Como meu pai tinha 11 filhos, pensou que aqui em São Paulo teria condição de dar uma maior estrutura para a família. Hoje eu tenho 7 irmãos. Aqui ele achava que ia dar uma educação melhor. E nós viemos para cá e foi uma coisa positiva, porque conseguimos ser proprietários da nossa casa em cinco anos. Moro até hoje no mesmo bairro, e nossa casa foi a oitava a ser construída..

A conquista da compra da casa própria era um objetivo do pai de Luizinho, desejo compartilhado com os filhos. Esse feito foi reconhecido pelo entrevistado como um indicador de sucesso, um objetivo atingido. Quando Luizinho revela que foram os adquirentes da oitava casa do bairro, demonstra, além de um sentimento de gratidão, reconhecimento e valorização da imagem do pai, uma manifestação de característica competitiva, pois ser um dos primeiros moradores com casa própria no bairro pode significar um diferencial simbólico competitivo, presente nos sujeitos que detêm um espírito empreendedor.

Ainda trabalhando a análise comparativa das ações sociais identificadas nos relatos dos empreendedores entrevistados, dois dos modos determinantes dessas ações, definidas por Weber (2009, p.15), que se apresentaram na totalidade das entrevistas, foram o afetivo e o emocional, que definem a ação pelo estado emocional do agente, e o tradicional, que caracteriza a ação pela força do costume arraigado. Tal postura pode ser observada nos comentários dos entrevistados, quando se referem à atuação de seus filhos nas respectivas empresas, e ao possível processo sucessório, como mencionou Ricardo, da Casa do Norte:

(...) eu já falei pra eles que quero me aposentar, e para aguentar esse barco não é fácil não(...) nós trabalhamos de domingo a domingo. Eles são mais molecotes, de 22 e 26 anos, eles ajudam a gente, mas querem uma folguinha, domingo não querem trabalhar, e quem segura é a gente (Ricardo referindo-se a ele e à esposa).

Jurandir, do Centro Automotivo Hadmad, também comenta sobre sua família e sobre a participação de um dos seus filhos no seu negócio:

Sou casado, tenho quatro filhos. A minha caçula está com 16 anos, e o mais velho está com 21. Minha esposa não trabalha, o meu filho de 19 anos trabalha comigo, me ajudando dentro do possível e o que está com 21 anos está no quartel aqui em Barueri também.

Os filhos de Regis, dono da Embalagens Jaguaré, ainda estão na infância, porém ele já se posiciona quanto à relação deles com a empresa, como relatado na entrevista:

A Jaguaré não é minha, não é dos meus sócios não, dos herdeiros. O que eu tenho hoje é muito, o que eu tenho conquistado pra mim já é o suficiente. Os meus filhos precisam conquistar por eles, eu quero ajudar o caminhar deles, mas eles é que tem que conquistar, aprender a dar valor.

2.3 Os empreendedores e suas perspectivas sucessórias

Os entrevistados Ricardo, Jurandir e Regis, quando comentaram a relação de seus filhos com suas respectivas empresas, apontaram com desconfiança a possibilidade de eles se tornarem sucessores do negócio. Tal posicionamento pode ser analisado, segundo Weber, com base em razões sócio-afetivas, e em um forte vínculo com o tradicional. Denise Rachel Veiga⁹, em seu artigo: “Qual é o momento certo para parar?”, confirma a visão weberiana, abordando a questão empresarial sucessória, com a seguinte explanação:

A sensação de perda de quem está deixando o cargo, e a insatisfação com as mudanças implementadas pelo novo executivo, acentuam a indiferença de alguns presidentes. Embora o dirigente devesse usar a racionalidade durante o processo sucessório, alguns ficam emotivos.

⁹ VEIGA, Denise Rachel. O Dilema da Sucessão Empresarial: Qual é o momento certo de parar? Disponível em http://www.nossadica.com/artigo_o_dilema_da_sucessao_empresarial.php. Acesso em 15 de fevereiro de 2014

A análise social dos processos de construção das histórias dos empreendedores entrevistados, na pesquisa desta dissertação, ressalta que o início de suas atividades profissionais ocorreram ainda na fase de adolescência, por oportunidade e iniciativa própria, por necessidade, ou mesmo por condução ou imposição dos pais. Contudo, o encaminhamento de seus filhos à iniciação profissional não ocorre antes, porém pode acontecer em paralelo com o desenvolvimento dos estudos regulares. Tal situação atrasa o desenvolvimento da experiência profissional, em relação à adquirida pelos pais, podendo estar aí, além das razões emocionais, já apontadas, a insegurança por parte dos empresários em imaginar seus filhos assumindo o negócio.

Além das razões mencionadas por Weber e comentadas acima, como sendo motivadoras da ação social, existia por parte do autor, foco no entendimento que no interior da sociedade deveria haver modalidades inovadoras de ações, ou ainda, modalidades de ações que indicassem determinados rumos a seguir, mas que não fossem simplesmente rotineiras ou repetitivas. Isso em grande medida alimenta a reflexão weberiana na discussão a respeito do problema da burocracia:

(...) a burocracia não é, de modo algum, a única forma moderna de organização, do mesmo modo que a fábrica não é, nem de longe, a única forma de empresa industrial. Mas ambas são aquelas que imprimem seu timbre na era atual e no futuro previsível. À burocratização pertence o futuro (WEBER, 2004, p. 540).

2.4 A burocracia e a política no empreendedorismo

Ao manter o contato de pesquisa com os empreendedores de Barueri, e analisando pelo ângulo das modalidades das ações sociais que indicam rumos variados, identifiquei a visão da burocracia de Weber como uma modalidade inevitável de sustentação dos campos social, político e econômico, porém com características fundamentadas na busca da

eficiência, por meio, principalmente, de uma organização racional e de estatutos legais bem definidos. Não obstante, observei que, para ele, por melhor que fosse a administração, ela não resolveria o problema político, o que eu associo no universo empresarial às questões relacionadas à definição e execução da estratégia organizacional, porque, segundo o autor, a boa administração gere com eficiência os problemas que surgem, mas de maneira rotineira e repetitiva.

No entanto, a política e a estratégia – eu complemento - é que possuem a capacidade de equacionar as situações problemáticas e de formular programas que levem a sociedade, no nosso caso, também a empresa, a formas mais eficazes e, sobretudo, inovadoras de organização. A respeito das ações sociais, políticas e econômicas, que viabilizaram um cenário favorável à criação e transferência de empresas de outros municípios, comenta Jurandir:

Barueri criou facilidades para esse tipo de empreendimento, a facilidade de instalar a empresa, pagar menos tributos, já que o empresário busca isso (entrevista com Jurandir em 21/10/2013).

A esse respeito, Elias Silva, historiador da cidade, reforça:

(...)Barueri tem muitas empresas, que só estão em Barueri por uma questão fiscal, pois há aqui na cidade uma prática de baixas taxas de impostos; logo, muitas empresas vêm para cá, criam um escritório virtual e se registram como sendo de Barueri. Para a prefeitura elas geram impostos, mas para a população elas não geram empregos, por não estarem funcionando aqui. (entrevista com Elias Silva em 11 de novembro de 2013).

Diferentemente de Jurandir, do Centro Automotivo Hadmad, de Ricardo, da Casa do Norte, e de Luizinho, da Tersel, que, ao comentarem sobre as razões que os levaram a estabelecer suas empresas em Barueri, demonstraram gratidão à cidade, realçando os benefícios oferecidos pelo município, como a baixa tributação e os baixos valores dos imóveis, Valdir, da

Syfuentes Móveis, e Régis, da Embalagens Jaguaré, não destacaram tais benefícios no mesmo tom que os outros três entrevistados, mas descreveram o processo de decisão para transferência da Syfuentes e da Jaguaré para Barueri como consequência da superação das adversidades passadas por suas empresas, quando instaladas nos endereços anteriores. Ressaltaram, assim, suas ações e a capacidade de garantir a continuidade de seus negócios. Foi o que observei no relato de Valdir, quando falou da trajetória da Syfuentes, desde a fundação até a mudança para Barueri:

Essa marcenaria nada mais era que uma serra circular e um banquinho de marceneiro. A gente começou a trabalhar e desenvolver algumas coisas(...) e, além da garagem em que criamos a marcenaria, tinha também uma parte que ficava no porão da sala da casa de meu pai.

Ele continua o relato, apontando a criatividade e a habilidade técnica da família na utilização da infraestrutura precária do início da empresa:

Esse porão tinha um metro e vinte de altura, e nós o usávamos como prensa para prensar as portas dos armários, porque nós nivelamos o piso e colocamos uma prancha e a estrutura da viga de peroba que tinha para segurar o piso de madeira. A gente colocava as portas e travava com madeiras, esbirrando, como falam, no martelo e travando todas as partes, prensando ela no chão, como uma plataforma nivelada.

A narrativa de Valdir prossegue, abrangendo a expansão da empresa, ainda estabelecida na cidade de São Paulo:

Para ampliar a marcenaria que tínhamos em casa, nós aumentamos o salão da frente, depois aumentamos o salão do lado, depois mais um do outro lado. Aí já tínhamos três pequenos galpões na mesma rua. O tempo foi passando e alugamos um galpão de quatrocentos e cinquenta metros quadrados, sendo que nós começamos com um de trinta e cinco metros quadrados,

depois mais um de cem metros quadrados, e fomos expandindo. Alugamos um na Zona Norte, Vila Santa Maria, bairro do Limão.

Valdir começou, então, a narrar o problema que resultou na transferência da marcenaria para Barueri:

Nós tínhamos uma estufa de secagem de madeira que funcionava como uma fornalha. Então, nós queimávamos a própria sobra de madeira. Esse foi um processo interessante, mas que nada mais era que uma chaminé de padaria. Mas as padarias podiam. Nós éramos classificados como indústria e fomos penalizados.

E concluiu, relatando que acabaram transferindo a marcenaria, porém sem comentar ou valorizar os benefícios oferecidos pela cidade destino, Barueri:

Esse foi o motivo que fez com que desativássemos a continuidade da linha, porque começamos a ter problemas. Foi necessário bloquear a estufa de secagem, pois tivemos as intimações para sair do lugar. Aí paramos de vender e acabamos desativando a linha, e mudamos para cá(...) meio que começamos do zero.

Assim como Valdir, Regis descreve a trajetória da Jaguaré e todas as dificuldades passadas que resultaram na mudança da empresa para o município de Barueri. Ele inicia o relato falando que seu pai era taxista, antes de pensar em abrir uma fábrica de embalagens:

(...)e aí, de um táxi virou dois, de dois virou três, de três virou quatro. (...)nessa época nós já morávamos na Chácara Antônio, quando um vizinho do meu pai chegou e disse: “Você tem quatro táxis, por que você não vende tudo isso aí e vamos montar uma fábrica de papelão?”.

De um desprezioso convite surgiu o embrião do que é hoje a Embalagens Jaguaré, como narrou Regis:

(...)meu pai perguntou: “mas que tipo de papelão”? E o vizinho respondeu “olha, dois papéis com um papelzinho no meio.” Meu pai perguntou se era bom, e o vizinho confirmou que sim, que era um negócio promissor. E meu pai aceitou a proposta, vendeu os táxis e colocou o dinheiro no negócio.

Mas depois veio uma sequência de fatos que resultaram na ida do empreendimento para Barueri:

Mas meu pai acabou sendo alvo da desonestidade do seu sócio, tomou um “chapéu”, tomou um calote, quase perdeu a fábrica, mas gostou do negócio(...) e aí ele conheceu esse mercado e falou que o pozinho do papelão entra na veia, né, e ele gostou, e continuou firme no negócio, só que sozinho, pois havia desmanchado a sociedade. Então, nós mudamos pro bairro do Socorro, e atrás de casa meu pai montou um galpãozinho, onde trabalhavam minhas irmãs, meu pai e a mulher dele, pois minha mãe tinha falecido. Eles fabricavam as caixinhas de embalagem e vendiam.

Regis explicou que, na continuidade da história da Jaguaré, surgiu mais uma possibilidade de parceria:

(...)em 1974, ele conheceu uns japoneses ,que entraram de sócio com ele e formaram a Jaguaré, hoje propriamente dita. O nome Jaguaré significa ninho dos jaguares, do animal jaguar, em Tupi, que é o bairro do Jaguaré, em São Paulo, primeira sede da empresa. Em 1978, tomando conhecimento dos incentivos fiscais e baixos preços dos imóveis, os sócios adquiriram um terreno em Barueri e, em janeiro de 1982, a empresa transferiu-se para o novo endereço.

Com base nos relatos acima, e me inspirando em Weber, identifiquei que a política, ou as decisões políticas, produziram os fatores motivadores e um ambiente favorável à criação ou à transferência e ao desenvolvimento, na cidade de Barueri, das empresas pesquisadas, como declarou Jurandir, dono do centro automotivo Hadmad, em entrevista em 21/10/2013:

Eu tinha uma loja automotiva em São Paulo que herdei do meu pai. Meu pai montou a loja em São Paulo, em 1942,. Ele morreu em 1986 e eu fiquei com a loja dele até os anos 90. Trabalhei uns quatro anos em uma concessionária e um amigo falou dos benefícios fiscais de Barueri pra mim. Então, eu vim pra cá, comecei a conhecer a região e montei uma loja em Alphaville, uma oficina bem pequena. Fiquei com essa oficina uns dois anos, aí tive toda uma trajetória de vida, toda aquela coisa. E então, abriu a Rua da Prata. Quando abriu a Rua da Prata, construíram a ponte, eu comecei a acompanhar e achei interessante montar uma oficina aqui. Montei uma oficina no dia 7 de Setembro de 2000 e de lá pra cá, graças a Deus, não tive problema nenhum. A cidade pra mim foi uma maravilha, foi uma bênção, eu vim de São Paulo em uma situação difícil, e Barueri me apoiou em tudo. Até o pessoal da Prefeitura foi muito legal comigo e, por ser uma cidade do interior, eu não tinha muita noção de como funcionava e de como eu ia fazer.

Sempre apontando para as bênçãos divinas, a maior parte dos empresários entrevistados faz associação entre as ações do poder público, que geraram o desenvolvimento do campo econômico do município, proporcionando o surgimento de oportunidades de negócios, como as forças divinas que orientam suas ações empreendedoras no mundo do trabalho.

Os relatos supracitados apresentam exemplos significativos do processo de constituição das empresas de Barueri, cujos empresários conseguiram entender a oportunidade e administrar as exigências da burocracia. Sendo assim, os trechos das entrevistas apresentam forte exemplo de ação social dirigida a fins, como proposto por Weber. Além disso, os entrevistados apresentam a história de origem dos empreendimentos, os quais estão relacionadas a valores, às famílias e às ações dentro de pressupostos empreendedorísticos.

2.5 O desenvolvimento do campo econômico da cidade

Foi em Elias Silva, historiador da cidade, que distingi fatores que, segundo ele, impulsionaram o desenvolvimento econômico e o ânimo empreendedor do município, conforme entrevista realizada em 11/11/2013:

Barueri está na terceira fase, ela começa comercial. No começo do século XX, a cidade tornou-se o mais importante centro hoteleiro da região. O centro de Barueri só tinha pousadas, hotéis e pensões, que era justamente para receber esse pessoal que vinha para a região, e em torno desses locais havia o comércio que era para atender essa população; então, ela nasce essencialmente comercial, depois começa a adquirir uma posição industrial(...) isso por volta da década de 1930, mas só vai se tornar realmente industrial depois da lei de zoneamento que é de 1973, que coincide com a implantação do bairro Alphaville.

O espírito empreendedor¹⁰ refletido nas ações de determinados agentes definiu um marco determinante na história e formação do atual campo econômico e, conseqüentemente, no campo religioso da cidade de Barueri. Conforme relatado no capítulo anterior, um símbolo do empreendedorismo na região é o engenheiro Yojiro Takaoka, filho de imigrantes japoneses, que, pressentindo um expressivo momento de mudança, no início de 1973, começou a idealizar o bairro de Alphaville, que seria um projeto marcante para a cidade.

Esse momento foi lembrado por Elias Silva em sua entrevista, citando a lei de zoneamento:

Essa lei de zoneamento facilitou a instalação e deu isenção fiscal para essas empresas. Então, havia isenções fiscais de cinco anos e de dez anos. O prefeito na época, o Perereca, isso mesmo, Perereca(...) Na verdade, o nome dela era Guilherme de

¹⁰Segundo Maximiano (2006, p.1) a ideia de um espírito empreendedor está associada a pessoas realizadoras, que mobilizam recursos e correm riscos para iniciar organizações de negócios. Portanto, relacionado ao comportamento persistente do indivíduo no desenvolvimento de novos negócios, ou mesmo, inovação em negócios já existentes.

Guglielmo. Ele foi super ousado e sonhador, porque ele não gozaria de nenhum benefício político, pois os prazos de isenção fiscal eram superiores ao seu mandato. Entre 1973 e 1978, centenas de empresas se instalaram em Barueri. Em 1978, as que tinham a isenção de cinco anos, começaram a pagar tributos. A partir daí, a cidade começa a gerar empregos, em 1982, 83 e 84(...) quando tem a grande virada: o orçamento de 300 mil reais passou para 300 milhões, hoje está em quase 2 bilhões de reais.

Esse jogo complexo, que é parte do pensamento weberiano, gira em torno daquilo que ele chama de corpo administrativo, o qual permite fazer funcionar qualquer sociedade e que deve possuir alto nível de qualificação, com a questão que escapa à administração, a questão política, que se traduz pela capacidade de dirigir o corpo administrativo e de formular as questões e regras que ele sozinho (o corpo administrativo) não formula¹¹. Entendo que o pensamento weberiano tem forte viés político, e a rotina entra como um componente fundamental para que as coisas funcionem. Reforço que o preponderante para Weber não é o funcionamento eficaz, mas a direção que significa “orientação da conduta”, definindo, assim, a inevitável participação de um agente direcionador que seja capaz de formular objetivos.

2.6 O processo migratório familiar dos empreendedores

No meu entendimento, essa foi a base fundamental que levou Weber a elaborar uma teoria da ação pensada como atividades orientadas para um objetivo, e, para ele, são esses objetivos que passam a dar sentido às ações. Seguindo então essa linha do pensamento weberiano, concebi a ideia de que o cenário em que se realizaram as ações dos entrevistados, identificadas na pesquisa, já estava montado, e o nível de conhecimento desses entrevistados sobre a realidade desse cenário foi um dos principais fatores que definiu a direção e o ritmo dos passos impressos por eles e por suas respectivas organizações. Desse modo, eles foram construindo trilhas, as quais busco aqui mapear para não somente interpretar os objetivos desses

¹¹ De fato, o próprio Estado, tomado como uma associação política com uma constituição racionalmente redigida, leis racionalmente ordenadas é uma administração coordenada por regras racionais ou leis, administrado por funcionários treinados (WEBER, 2001, p. 5).

empreendedores pesquisados, mas também identificar os paralelismos e, principalmente, os pontos de cruzamentos dessas diferentes trilhas, podendo obter uma visualização com um *zoom out*¹² da malha ou trama social, resultante desses diferentes percursos. E como pontos de cruzamento das ações, ou de similaridades nos percursos desses empreendedores, identifiquei, por exemplo, que todos são oriundos de processos imigratórios familiares, como abordado no capítulo anterior, e de acordo com o relatado por Valdir:

A Sifuentes é uma empresa familiar que começou com meu pai, que era um marceneiro, na época, um marceneiro de bancada. No Paraná ele construía casas de madeira em diversas cidades. Ele era carpinteiro, marceneiro, fazia telhados, mas o forte mesmo lá no interior era a construção de casas de madeira. Nós viemos para São Paulo em 1964 para buscar um tratamento médico para minha mãe. Viemos para ficar alguns meses e acabamos ficando pra sempre aqui. E quando nós chegamos aqui, em 1964, eu estava com sete anos de idade. Meu pai, que pretendia ficar uns dois ou três meses, foi vendo a coisa se prolongando por causa do tratamento e precisou arrumar um trabalho (entrevista de Valdir Sifuentes em 3/5/2011).

A família de Ricardo, da Casa do Norte, também chegou a Barueri, por meio de processo imigratório, filho de pai espanhol e mãe com descendência indígena. Eis o que me informou:

Eu cheguei com meu pai e mãe, de São Roque(...) Minha família era toda de lá de São Roque, nós tínhamos até uma chácara lá, e nós mudamos para cá(...) Barueri era uma fazenda, na época dos Camargos. Como eu tinha quatro anos de idade, não me lembro muito bem. Ele trabalhava na Estrada de Ferro Sorocabana, depois ele se aposentou, porque teve problema na coluna; na verdade, aposentaram ele.

¹² Uma subida repentina. Uma característica em muitas aplicações (software) que permite ao usuário ver mais da página com menos detalhes, como se movendo mais longe. <http://michaelis.uol.com.br/06-12-2013>.

Como os demais entrevistados, o Jurandir, dono da funilaria, esclareceu quanto à região de origem de seus pais:

Meu pai era mulçumano, veio da Síria na época da Primeira Guerra Mundial. Meu pai era mulçumano de orar três vezes por dia, de falar em Meca(...) isso não entrava na minha cabeça. Aí eu tive um problema de saúde(...) meu pai tinha muito carinho por mim. Eu vou explicar pra você, para você entender: a minha mãe era empregada do meu pai, que era 25 anos mais velho que ela. Ele perguntou se ela queria casar com ele, propôs que ele cuidaria dela para o resto da vida dela, e ela cuidaria dele quando ele ficasse mais velho. Minha mãe não tinha nada, ela veio de Itararé do interior de São Paul. Os avós meus eram portugueses(...) veio com uma mão na frente, outra atrás. Então eles se casaram, na verdade, eles passaram a morar juntos, e eu nasci.

Luiz Carlos, ou como é conhecido na região, o Luizinho, sócio-fundador da Agência de Recursos Humanos Tersel, contou a respeito da imigração de sua família em entrevista realizada em 10/2/2013:

Meu pai trabalhava em Barueri e, por achar que essa seria uma cidade mais tranquila para prosperar, veio com a família. Mas ele teve alguns percalços e acabou trabalhando como ajudante numa pedreira grande, porque a empresa que ele trabalhava voltou pra Minas e nós já estávamos aqui. Então ele achou prudente ficar por aqui. Depois, ele trabalhou como frentista num posto de gasolina. Ele tinha um carinho muito grande por Barueri, porque a cidade onde ele morava em Minas era muito ligada só à cana de açúcar. E ele, por ser uma pessoa muito curiosa, ele “trampou” mais aqui. Como ele tinha 11 filhos, pensou que aqui teria uma condição de dar uma maior estrutura para a família.

Sendo assim, inspirado na sociologia da ação típica weberiana, nesta dissertação, tenciono estabelecer relações entre as diferentes formas de orientação das ações, identificando que elas realmente se cruzam de algum modo, e que são significativas umas para as outras. Para tanto, busquei um resgate da história da cidade de Barueri, apresentado no capítulo anterior,

visando encontrar subsídios para poder dar sustentação temporal e espacial ao trabalho de pesquisa desta dissertação, considerando, também, que os empreendedores entrevistados, como já exposto, construíram suas organizações a partir de desígnios hereditários.

2.7 Empreendedorismo e os campos econômico e religioso

Para atingir meus objetivos, me baseei em um exemplo clássico dentro da sociologia weberiana, que é o modo como Weber analisa a relação que se estabelece, em certo momento histórico de uma sociedade, entre a ação religiosa e a econômica¹³. Haja vista que determinadas correntes do protestantismo levavam os homens a procurar indícios do caminho para sua salvação após a morte, assumindo determinado comportamento e padrão de conduta, dentro da área econômica.

Associo esse pensamento de Weber à ideia de “compensadores religiosos” de Stark (2006, p186), que explica:

Uma recompensa é escassa se seu suprimento é suficientemente limitado a ponto de nem todo mundo (e talvez ninguém) poder conseguí-la na proporção que deseja.

Comparo o compensador de Stark ao padrão de conduta na área econômica almejado por determinadas correntes do protestantismo, conforme atestado por Weber e complementado por Stark:

As mais escassas de todas as recompensas são aquelas que simplesmente não se encontram à disposição aqui e agora. Como essas recompensas mais escassas se acham entre aquelas mais altamente valoradas pela maioria dos seres humanos, as religiões oferecem meios alternativos de alcançá-las: os compensadores

¹³ Está relação está bem representada pelo que Weber descreve na sua obra: “Mas pelo menos uma coisa é indiscutivelmente nova: a valorização do cumprimento do dever nos afazeres seculares como a mais alta forma que a atividade ética do indivíduo pudesse assumir. E foi o que trouxe inevitavelmente um significado religioso às atividades seculares do dia a dia e fixou de início o significado de vocação como tal” (WEBER, 2001, p. 34).

religiosos são uma espécie de substituto para recompensas desejadas (STARTK, 2006, p.187).

As ideias básicas de Weber e Stark estão relacionadas à insegurança fundamental do homem a respeito da salvação após a morte. Logo, havendo uma insegurança fundamental em relação a esta questão, o homem é levado a orientar sua conduta numa área em que os resultados são palpáveis, e a área econômica é apropriada para isso, porquanto permite a mensurar e avaliar claramente os resultados. O exposto significa que o sujeito busca se esforçar cada vez mais para obter o máximo naquilo que depende, em princípio, dele próprio, e é na área econômica que ele pode obter o máximo de sucesso.

A interpretação da lógica da salvação para Weber está na relação que o homem estabelece a partir da obtenção de sucesso na área econômica, com a plausibilidade da ideia de ser fadado a ter sucesso em outra área também, no caso, a religiosa, podendo atingir o que Weber chamava de “bens de salvação”¹⁴. O problema para Weber, do qual me apropriei também como problema para esta dissertação, é saber, como mencionado anteriormente, se entre algumas das ações, em algum momento, uma se torna essencial para a outra. Para elucidar a questão, no contexto weberiano, podemos citar que o argumento da orientação religiosa protestante e da ação econômica do empresário, também protestante, se apoia na ideia de que, nessa conjugação historicamente específica, a ação religiosa se torna importante para o agente econômico, ou seja, na condição de agente econômico, podemos atribuir valor à dimensão religiosa de nossa ação, sendo a recíproca verdadeira. Porém essa condição não significa, necessariamente, que o modo como uma ação é orientada é resultado do modo da orientação de outra.

¹⁴ Os “bens de salvação” para Weber não estão disponíveis no campo religioso. Para ele, esses bens existem não apenas para os predestinados à salvação, mas também para os predestinados à condenação. E, para ambos, existem exclusivamente a fim de reprimir o pecado, que separa de Deus toda a criatura por um abismo insuperável: é uma fôrula, e não uma instituição de salvação. Toda intenção de recorrer a bens de salvação mágicos é uma ofensa insensata à ordem fixa feita por Deus: a Igreja não dispõe deste tipo de bens (WEBER, 2004, p. 398).

Entendo a posição de Weber como a exclusão da possibilidade direta de relação obrigatoriamente sistêmica entre as ações, ou seja, uma não é necessariamente a causa de outra. A questão é, pois, mais de significado, de importância, ou seja: importa ou não para o sujeito como empresário que seja um bom e participativo integrante de uma dada igreja ou grupo religioso? Relacionando tais conceitos aos relatos dos empreendedores entrevistados, identifiquei que referente à participação de grupos religiosos, ou pertencimento a uma determinada religião, Jurandir relatou informações sobre a religiosidade de seu pai, seguindo uma descrição que o levaria a apresentar a sua religião, que não havia sido mencionada por ele na primeira entrevista:

Eu tive todas as doenças(...) Como meu pai tinha muita ligação com os irmãos de lá, um disse para ele ir na Igreja David Miranda, evangélica, a mais tradicional que existe(...) a mulher usa saia lá embaixo, Meu pai era maçom e delegado de polícia. Foi aí que meu pai virou evangélico. Quando meu pai aceitou Jesus, pronto, ele mudou.

Jurandir continua a narrativa, revelando de uma forma historiada e em um tom como se estivesse justificando algo:

Eu, com 14 anos, acordava de noite e saía andando, era sonâmbulo, eu chegava para o meu pai e começava a conversar com ele... eu dormindo. Então, meu pai era muito conservador, pois em pleno sol de sábado, ele ia para a igreja de terno e gravata. Ele falava um português péssimo. Depois nós fomos em uma senhora chamada Dona Margarida, que era uma mãe de santo. Ela olhou para mim, pegou um copo. Meu pai falou com ela que eu era louco, pois eu falava dormindo e contava para o meu pai coisas que iam acontecer. Eu falava incorporado com espírito(...) eu não sabia o que era.

Em seguida, Jurandir esclareceu como Dona Margarida apresentou uma proposta de desenvolvimento religioso para ele, aconselhando um acompanhamento espiritual no candomblé. Jurandir informou também, na

entrevista, que os santos dele são: Oxóssi e Obaluaê. Alguns meses antes da entrevista, em uma visita à funilaria, havia observado uma imagem de um santo com características africanas, empunhando arco e flecha, sobre um armário alto no fundo do escritório, porém, no dia da entrevista (21/10/2013), notei que a imagem havia sido retirada e lhe perguntei pra que servia a imagem e qual havia sido o seu destino. Ele me falou que era a imagem de Oxóssi do candomblé, que era para dar proteção e trazer sorte para os negócios, mas que ele havia retirado de lá, porque tinha muitos clientes evangélicos, e tinha receio, pois, que aquela imagem pudesse afastá-los. No final da entrevista, Jurandir me fez uma declaração importante:

Eu cheguei a ter um terreiro de Candomblé com vários filhos de santo, depois parei, uns cinco anos atrás (2005). Com essas confusões atuais, minha cabeça tá toda perdida, preciso reencontrar meu equilíbrio espiritual. Vou tentar me reorganizar dentro do espiritismo, porque aqui dentro, o negócio tá feio, financeiramente tá meio complicado.

As colocações de Jurandir, apontam para a confirmação da predominância na região, de adeptos das religiões cristãs. Católicos e principalmente evangélicos, atuam no campo econômico local, visando a conversão de seguidores, e uma postura de um comerciante, contrária a esse processo, pode significar a perda de uma clientela (PRANDI, 2012) .

Ricardo, da Casa do Norte, declarou sua religiosidade da seguinte forma:

Eu acredito em Deus, eu sou católico(...) eu sou católico assim: às vezes eu vou ao culto, pois falando em nome de Deus, para mim tá tudo bem. Só não vou em macumba, porque eu não gosto dessas coisas. Se eu for numa coisa de crente e se tiver que ir assistir uma prece, eu vou também. Falando em Deus, pra mim tá bom, eu não acho que por ser católico não posso ir à igreja de crente, assim como o crente também pode ir à igreja católica.

A relação campo econômico e religioso, no ambiente e na história da Embalagem Jaguaré, para Regis, está bem equacionada, conforme explica:

Meu pai era católico ativo, o Mituro (sócio) era ateu ativo, o seu Davi que veio a ser um sócio, era espírita. Depois o Mituro se tornou evangélico ativo, depois se tornou pastor. Então, os sócios eram: um católico, um evangélico e um espírita. Nós tínhamos e temos uma base multirreligiosa, e todo mundo sempre se respeitou muito, nunca tivemos problemas em relação a isso. Tanto é que aqui na Jaguaré nós fazemos uma missa de ação de graças, em dezembro sempre. Então, um ano a missa é católica, outro ano, há o culto evangélico. Em um ano vem um padre, no outro ano, vem um pastor. Porém ultimamente tem sido difícil os padres virem, porque tem uma ordem da cúria que ele não pode sair da igreja dele(...) então, ultimamente, tem vindo só pastor, porque com os pastores, você só abre a boca e eles sempre se colocam à disposição.

Esse é o problema que, inclusive, procurei trabalhar no desenvolvimento da pesquisa, ainda porque existem áreas de ação dos homens em diferentes circunstâncias, momentos históricos e sociedades que se desenvolvem por trilhas particulares, sem efetivamente se cruzarem entre si, ou sem que haja algum tipo de amarração entre elas. Para Weber esse é o problema, isto é, a existência ou não da ligação entre as áreas de ação, ou seja, a busca da relação entre as ações religiosas e as econômicas, e dos níveis de relacionamento entre elas. Sua preocupação está no acompanhar essa relação complexa entre as diferentes trilhas que vêm sendo construídas, e os significados que se apresentam nos pontos de interseção entre elas, ou ainda, na influência que uma tem sobre a outra na construção dessa trama de relações que é a sociedade.

Entendo que Weber acompanha o movimento do caminhante muito mais do que se preocupa com arquitetura da trama, ou do mapa constituído pelas diferentes trilhas, e verifico que é um pouco disso que está em jogo. E não é por acaso que a ideia de mercado tem importância no pensamento weberiano, uma vez que as ações econômicas de mercado envolvem as

figuras de agentes econômicos, que perseguem de maneira sistemática determinados resultados, apurando a existência de equilíbrio no conjunto das transações, no final de determinado período. O que passa a ser consequência da disposição e cruzamento das diferentes trilhas construídas pelos caminhantes, ou agentes racionais¹⁵, decorre da informação que eles têm sobre o que é relevante para a sua ação no mercado, como por exemplo, as informações necessárias para elaborar um planejamento estratégico para a organização. Entendo como sendo essa, então, parte da concepção Weberiana, pois está relacionada com a ideia de que múltiplos agentes, buscando cada qual seus objetivos, vão gerar resultados que escapam das intenções individuais, mas que nem por isso deixam de ser importantes, e que, eventualmente, podem ganhar persistência ao longo do tempo.

Então, segundo Weber, de alguma maneira, a rede de ações vai se tornando mais complexa e consistente, produzindo certas consequências para o conjunto daqueles que estão ali envolvidos. Portanto, alguma coisa que escapa do alcance de cada um, individualmente, mas que é importante para todos, se vai construindo. Como o demonstrado nas falas de meus entrevistados, quando apresentam processos familiares de longa duração, tecendo redes de ações sociais com vistas a formar suas empresas, e perenizar conquistas por meio da construção de uma cultura organizacional consistente, capaz de criar e influenciar na transformação dos valores sociais e religiosos, responsáveis pelos comportamento dos indivíduos inseridos no ambiente de suas empresas.

Inspirado em Weber (2004), entendo que não construímos uma sociedade só com o mercado, ou seja, o campo econômico, pode ser o fator motivador para a construção de uma sociedade, mas não desenvolvemos uma sociedade apenas com as força atuantes no campo econômico, pois colocando vários agentes econômicos, estritamente racionais perseguindo da melhor maneira possível seus objetivos, no máximo, poderemos obter

¹⁵ Os conteúdos da vida, em geral, não são orientados conforme pessoas, mas conforme fins racionais "objetivos"; a própria caridade torna-se uma empresa objetiva de assistência aos pobres, para aumentar a glória de Deus. E já que o êxito do trabalho é o sintoma mais seguro do agrado de Deus, o lucro capitalista é um dos mais importantes fundamentos do conhecimento de que a bênção de Deus descansou sobre a empresa (WEBER, 2004, p. 399).

resultados finais como lucratividade, capacidade de competir, estabilidade operacional razoavelmente persistente, prejuízo, baixa qualidade, em fim, resultantes econômicas. Mas para termos algo que podemos chamar de sociedade, precisamos de uma rede de relações com alguma estabilidade e que encontre uma forma de se perpetuar.

Para Weber, a sociedade é fundamentalmente um campo de forças, uma entidade dinâmica que gera permanentemente problemas de continuidade e tensões que põem em xeque a sua perenidade. A análise social, por sua vez, é fundamentalmente uma análise que capta os desafios e as dificuldades da continuidade no interior desses campos de força chamado sociedade, onde as organizações empresariais estão inseridas e submersas nas suas respectivas culturas organizacionais, vivenciando sua realidade social, que segundo Schein (2009, p.132), refere-se às coisas que os membros de um grupo consideram assunto de consenso, não testáveis externa e empiricamente.

A natureza da natureza humana, a maneira correta das pessoas se relacionarem no ambiente organizacional, a distribuição de poder, a totalidade do processo político empresarial, e as suposições sobre o significado da vida para os indivíduos, suas ideologia, religiões e fronteiras do grupo, são para Schein (2009), assuntos não empiricamente determinados, mas pertencentes ao campo de análise da cultura organizacional.

Sendo assim, para completar a proposta desta dissertação, no próximo e último capítulo, apresento o conceito de religião e religiosidade, traço em seguida um paralelo do desenvolvimento dos campos religioso e empresarial na cidade de Barueri e analiso a presença das ações religiosas na história de vida dos empreendedores entrevistados, apresentando também, os valores identificados, que estão relacionados à religiosidade e estão presentes na cultura das organizações pesquisadas.

CAPÍTULO III – RELIGIÃO E EMPREENDEDORISMO EM BARUERI

Conforme já dito, o tema desta dissertação é referente à análise das relações entre os campos religioso e econômico atuantes na cidade de Barueri, e da influência de ações religiosas na composição da cultura organizacional das empresas do município, fundadas como micro e pequenas há mais de dez anos, e que sobreviveram às dificuldades características desse segmento empresarial. No capítulo anterior, conceituei e descrevi o empreendedorismo como ação social tomando por base a perspectiva weberiana, apresentando uma análise inicial de possíveis relações entre as ações religiosas e as econômicas, por meio da avaliação de entrevistas realizadas com cinco empresários da cidade.

Ainda utilizando as definições conceituais de Weber, para entendimento dos fatores sociais motivadores do comportamento empreendedor, identifiquei indícios das razões que incentivaram as ações e decisões relatadas pelos empreendedores entrevistados, a saber: a utilização da racionalidade para atingir objetivos; a influência dos valores sociais e éticos no padrão de comportamento desses indivíduos; o impacto das relações afetivas e o estado emocional dos empresários no processo decisório de suas organizações; e que, costumes religiosos e rituais corporativos são utilizados como meio e ocasião de integração social corporativa, visando à obtenção de resultados.

Apresentei as perspectivas sucessórias desses empreendedores, direcionadas à preservação do negócio. Estabeleci, ainda, a relação entre a burocracia weberiana e quanto se torna importante a eficiência dos processos gerenciais e produtivos, além da política como fator estratégico propulsor do desenvolvimento e longevidade dos negócios. O desenvolvimento do campo econômico da cidade de Barueri, atrelado ao processo migratório das famílias dos empreendedores, foram também abordados no capítulo anterior.

Neste capítulo, desenvolvo uma análise verticalizada da relação entre os campos econômico e religioso atuantes no município barueriense, mais precisamente da possível influência da ação e da economia religiosas, na construção e transformação dos valores organizacionais. Pois, conforme

apresentado na introdução desta dissertação, minha proposta de pesquisa é de analisar se as ações voltadas à transformação da cultura organizacional, visando à melhoria do resultado econômico, têm sustentação em alguma forma de religiosidade.

Para tal, busquei consistência no entendimento da trajetória histórica da influência da religião e da religiosidade na formação dos sistemas sociais, relacionando os conceitos e concatenando a contribuição de autores, tais como: Karl Marx (1818-1883), Émile Durkheim (1858-1917) e Max Weber (1864-1920) e conceitos apontados por outros autores, como Clifford Geertz (1926-2006) e Georg Simmel (1858-1918), de forma a estabelecer “diálogo” destes com o tema da pesquisa, e efetiva contribuição para a análise dos relatos dos entrevistados.

Em seguida, inspirado no conceito de “economia religiosa” de Rodney Stark, e de “campo religioso” de Pierre Bourdieu, avalio o empreendedor e suas organizações empresariais como consumidores potenciais e recorrentes das organizações religiosas, as quais se constituem como produtoras de “bens de salvação”, analisando a influência desse padrão de consumo na cultura organizacional.

Continuando, procuro destacar que no empreendedorismo também podemos observar ações consideradas como religiosas, compreendendo-o como um sistema simbólico, no qual rituais e magia coabitam submersos com o espírito empreendedor, na cultura organizacional, sendo, portanto, agentes influenciadores do estilo de liderança e do nível de competitividade das empresas.

Neste capítulo, também apresento a base familiar e religiosa dos empreendedores entrevistados, analisando o trânsito religioso e a existência da herança religiosa nas emoções, desejos, pensamentos e percepções desses agentes do campo econômico do município de Barueri. Tal procedimento ancora os objetivos da pesquisa desenvolvida e aponta possíveis caminhos alternativos à melhoria do nível de competitividade e de longevidade desse tipo de organização, em relação aos tradicionais caminhos direcionados pelo poder público, como a criação de leis de incentivos, concessão de linhas de crédito; e pela sociedade civil,

que busca a definição de padrões nos processos produtivos e gerenciais, visando à qualidade na entrega de valor à sociedade, assim como ao desenvolvimento sustentável dessas organizações empresariais, sem prejuízo para a consciência de responsabilidade social, desenvolvida e consolidada cada vez mais como um significativo valor cultural e se apresentando como diferencial competitivo para essas organizações.

3.1 Aspectos históricos e conceituais da religião e da religiosidade

As variantes conceituais e multidisciplinares pesquisadas dos termos religião e religiosidade dificultam a existência de uma definição que atenda, no meu entendimento, a todas as perspectivas científicas. Considerando, inclusive, que as diversas considerações teológicas, sociológicas, filosóficas, e até mesmo psicológicas, haja vista Freud¹, por exemplo, também ter tratado sobre religião em alguns de seus textos, muitas vezes se confundem. Para Berger (1985, p.38), toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo², e a religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento, condição essa que também o faz considerar a religião como um empreendimento humano, pelo qual se estabelece um cosmos sagrado³.

Por sagrado, inspirado em Berger, entendo como uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e, todavia, relacionado com ele, que acredito residir em certos objetos da experiência. Essa qualidade pode ser atribuída a objetos naturais e artificiais, a animais, ou a homens, ou às objetivações da cultura humana. Como no caso de Valdir, empresário da Syfuentes Móveis e Objetos Ltda., e de seu irmão e sócio Rubens, que ao demonstrarem manifestação de religiosidade, atribuíram sacralidade a determinados objetos, a ponto de reuni-los em uma espécie de altar, localizado próximo as suas mesas de trabalho, no escritório da empresa. Tais altares foram registrados por mim, em fotografias (figuras abaixo) produzidas no mesmo dia da entrevista.

¹ Um exemplo de abordagem do tema religião, pelo campo psicológico, consultar: FREUD, Sigmund. O Mal-estar na Cultura. Porto Alegre: L&L, 2010. 113 p. Tradução de Renato Zwick.

² Berger (1985, p.15) explica que o termo "mundo" é entendido por ele num sentido fenomenológico, omitindo-se a questão do seu sentido ontológico para aplicação antropológica do termo e a sociologia do conhecimento.

³ Esta definição é utilizada por Berger para a discussão do problema num contexto sociológico. A religião é definida por ele como empreendimento humano, porque, segundo ele, é assim que ela se manifesta como fenômeno empírico.



Figura 11: Foto produzida por mim em visita à Syfuentes, no dia da entrevista. Observamos um típico altar “corporativo contemporâneo”, montado com os seguintes elementos: um recipiente de vidro contendo sal grosso e cristais, imagens de santos católicos, fotografia de sua filha, placa de agradecimento da Polícia Civil de Barueri, varetas de incenso e uma Bíblia.

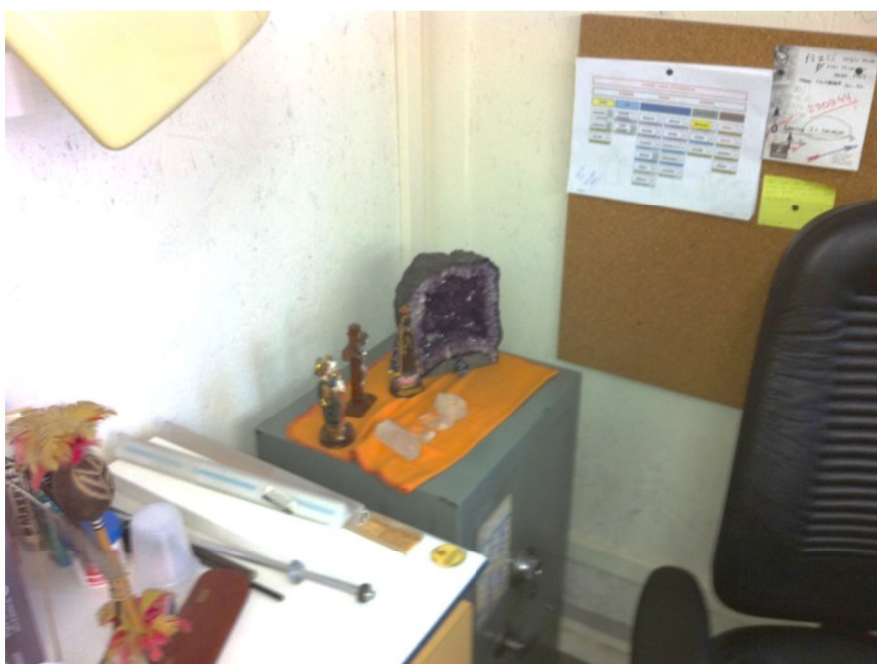


Figura 12: foto do altar próximo à mesa de Rubens, irmão e sócio de Valdir, com cristais e imagens de santos católicos

Este hábito de sacralizar objetos e aspectos do cotidiano, percebido pela constituição dos altares de Valdir e Rubens (seu sócio e irmão), segundo o psicólogo

Elisha Goldstein⁴, pode ser capaz de alterar o comportamento do indivíduo. Essa afirmação se baseia em um método desenvolvido por ele que consiste em cultivar momentos sagrados. Para isso, Goldstein orienta, em primeiro lugar, que se escolham objetos que tragam boas lembranças. Como por exemplo, a foto da filha e a placa de agradecimentos da polícia civil de Barueri, que fazem parte do altar do escritório de Valdir, e as imagens dos santos católicos, presentes tanto no altar de Valdir, quanto no de Rubens, as quais entendo como lembranças da tradição católica de seus pais. Goldstein, então, sugere que todos os dias, o indivíduo preste atenção a esses “amuletos” por no mínimo cinco minutos, de forma relaxada, deixando os pensamentos invadirem a mente. A meu ver, essa prática, apesar de involuntária, em relação a Valdir e Rubens, acaba por acontecer no cotidiano de ambos. O psicólogo propõe, ainda, que passadas três semanas, as emoções do praticante sejam avaliadas. Segundo ele, os voluntários que participaram do experimento, relataram sentimentos de gratidão, humildade e empatia, pois eles se conectaram àquilo que realmente importa. Consequentemente, se sentiram menos ansiosos e pessimistas e mais dispostos a ajudar quem precisa, sem ter de orar ou meditar seguindo preceitos religiosos.

Apesar da consonância do pragmatismo de Goldstein com a visão de Berger, este último reitera que há rochedos sagrados, instrumentos sagrados, vacas sagradas, assim como o chefe pode ser sagrado, como pode ser um costume ou instituição particular também sagrados, e ainda, a atribuição, que pode ser dada a um determinado espaço (lugar), e até mesmo ao tempo (momento ou período na história), como sendo lugares e tempos sagrados.

A qualidade do transcendente pode finalmente encarnar em seres sagrados, desde espíritos eminentemente locais até as grandes divindades cósmicas. Estas últimas podem, por sua vez, ser transformadas em forças ou princípios supremos que governam o cosmos, e não mais concebidas em termos pessoais, mas ainda investidas do *status* de sacralidade (BERGER, 1985, p.38).

⁴ Psicólogo Elisha Goldstein, autor do livro *The Now Effect* (Matéria: A ciência da Fé. Reportagem de Sílvia Lisboa. Revista SUPER INTERESSANTE. São Paulo: Abril, n. 325, 2013. Mensal)

Berger (1985, p.41) acrescenta que a religião desempenhou uma parte estratégica no empreendimento humano da construção do mundo, e que representa o ponto máximo da autoexteriorização⁵ do homem pela utilização dos seus próprios sentidos sobre a realidade. A religião supõe que a ordem humana seja projetada na totalidade do ser. Ou ainda, que a religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo.

Não cabe aqui, e nem é minha pretensão nesta dissertação, uma verticalização da análise da história das religiões e da formação da religiosidade como característica do ser social. Ou seja, minha intenção é estabelecer uma síntese histórica da construção dos atuais conceitos de religião e religiosidade, mencionados pelos diferentes autores das Ciências Sociais, considerando que tal entendimento oferece valioso suporte ao objetivo desta pesquisa, que é a análise das relações entre os campos religioso e econômico, atuantes na cidade de Barueri.

Sendo assim, apoiando-me em Eliade (2010, p.13), e inspirando-me nos “historiadores das religiões”, como pesquisador do ambiente empresarial, entendo como relevante a percepção das diferentes manifestações do sagrado na cultura da organização, assim como os ritos, mitos e crenças corporativas, desenvolvidas no interior da empresa, ou mesmo introduzidas, por se tratar de conteúdo cultural levado para as empresas por seus membros. A figura tida como divina também possui sua importância neste contexto, por refletir a experiência do sagrado e, por conseguinte, estabelecer as noções de “ser”, de “significação” e de “verdade”.

Eliade (2010, p.13) acrescenta que é difícil imaginar de que modo o espírito humano poderia funcionar sem a convicção de que existe no mundo alguma coisa irreduzivelmente “real”; e é impossível imaginar como a consciência poderia aparecer sem conferir “significado” aos impulsos e às experiências do homem. E refere que a consciência de um mundo real e significativo está intimamente ligada à descoberta do sagrado.

⁵ A “exteriorização” para Berger (1985, p.16) é a contínua manifestação do ser humano sobre o mundo, quer na atividade física, quer na atividade mental. A “objetivação” é a conquista por parte dos produtos dessa atividade (física ou mental) de uma realidade que se defronta com os seus produtores originais. A “interiorização” é a reapropriação dessa mesma realidade por parte dos homens, transformando-a novamente de estruturas do mundo objetivo em estruturas da consciência subjetiva. Portanto, para Berger, é mediante a “exteriorização” que a sociedade é um produto humano. É através da “objetivação” que a sociedade se torna uma realidade e é por meio da “interiorização” que o homem é um produto da sociedade.

Inspirado no pensamento de Eliade, identifiquei que a aceitação do sagrado e a experiência transcendental, que influenciam na construção dos valores sociais, também estão evidentes na história de vida dos empreendedores entrevistados, como relatado por Jurandir, do Centro Automotivo Hadmad, em entrevista realizada em 21/10/2013, que, inicialmente, falou sobre a religião do seu pai:

... meu pai era mulçumano, ele veio da Síria na época da Primeira Guerra Mundial. Meu pai era de orar três vezes por dia, de falar em Meca... isso não entrava na minha cabeça.

Jurandir continua seu relato, passando pelo drama do seu nascimento, e as dificuldades de saúde enfrentadas por ele na infância, relatando ainda o trânsito religioso de seu pai:

Eu nasci de sete meses com 600 g, tive varíola. Minha mãe era muito desnutrida, os médicos explicaram na época. Eu nasci em 1966 e tive todas as doenças... Como meu pai tinha muita ligação com os "irmãos" de lá, um disse para ele ir à Igreja David Miranda, evangélica, a mais tradicional que existe... a mulher usa saia lá embaixo. Meu pai era maçom e delegado de polícia. Foi aí que meu pai virou evangélico. Quando meu pai aceitou Jesus, pronto, ele mudou.

A partir daí, começou a relatar alguns acontecimentos, que a seu ver eram espirituais, reforçando também a religiosidade de seu pai, que se tornara evangélico:

Eu, com 14 anos, acordava de noite e saía andando, era sonâmbulo, eu chegava para o meu pai e começava a conversar com ele... eu dormindo. Então, meu pai era muito conservador, pois em pleno sol de sábado, ele ia para a igreja de terno e gravata. Ele falava um português péssimo. Depois nós fomos em uma senhora chamada Dona Margarida, que era uma mãe de santo. Ela olhou para mim, pegou um copo. Meu pai falou com ela que eu era louco, pois eu falava dormindo e contava para o meu pai coisas que iam acontecer. Eu falava incorporado com espírito... eu não sabia o que era.. Ela aconselhou um acompanhamento para me desenvolver.

Jurandir, apesar de ter declarado a postura conservadora de seu pai em relação à religião evangélica, também demonstrou pelo relato acima que havia certa flexibilidade religiosa, uma vez que ele havia levado Jurandir para consultar uma mãe de santo do Candomblé. Abaixo, ele completa seu relato, narrando seu afastamento do Candomblé e a intenção de um trânsito religioso para o espiritismo, como uma ação voltada à melhoria dos resultados financeiros do seu negócio:

Eu cheguei a ter um terreiro de Candomblé com vários filhos de santo, depois parei há uns cinco anos...(2005). Com essas confusões atuais, minha cabeça tá toda perdida, preciso reencontrar meu equilíbrio espiritual. Vou tentar me reorganizar dentro do espiritismo, porque aqui dentro o negócio tá feio, financeiramente tá meio embaçado.

Como revela Jurandir, nos relatos de sua entrevista, seu ingresso no Candomblé foi motivado pela necessidade de equilíbrio espiritual e busca de solução para seus problemas de saúde. A estrutura religiosa construída por ele no Candomblé, inclusive com “vários filhos de santo”, por outro lado, consumia o seu tempo, interferindo, assim, na qualidade e, conseqüentemente, no resultado econômico da sua empresa, o que resultou na decisão de encerramento das atividades como pai de santo. Esse afastamento da religião e da função de líder religioso lhe proporcionou mais tempo para se dedicar ao negócio, como previsto. Mas esta mesma decisão acabou sendo julgada por ele como a razão das atuais dificuldades econômicas de sua empresa. E para buscar equilíbrio entre o seu campo religioso e o econômico, ele indicou como ação, um trânsito religioso, pois colocou a intenção de se “organizar dentro do espiritismo”.

Entendo que Jurandir avalia a prática do Espiritismo como mais adequada à conciliação com as rotinas empresariais, visão que vai ao encontro do pensamento de Bernardo Lewgoy⁶, apresentado em seu artigo: “Espiritismo, religião do meio”:

Acredito que o espiritismo é invocado como recurso terapêutico em situações de crise pessoal, como doenças, separações, perdas, desemprego, etc. e que há, por um lado, uma grande circulação de

⁶ Artigo publicado na revista “Cadernos IHU em formação”, n° 43, de 2012, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

pessoas não espíritas em centros espíritas e, por outro, uma grande circulação de crenças espíritas em espaços não espíritas, por outro.

Sobre esta avaliação, também encontro respaldo no pensamento de Eliade, 2010, p.13):

Por meio da experiência do transcendental, o espírito humano capta a diferença entre o que se revela como real, poderoso, rico e significativo e o que é desprovido dessas qualidades, isto é, o fluxo caótico e perigoso das coisas, seus aparecimentos e desaparecimentos fortuitos e vazios de sentido (ELIADE, 2010, p.13).

O sagrado é, pois, para Eliade, um elemento na estrutura da consciência, e não uma fase na história dessa consciência. Ele afirma, ainda, que, nos mais arcaicos níveis de cultura, “viver como ser humano” é, em si, um “ato religioso”, pois a alimentação, a vida sexual e o trabalho têm um valor sacramental. Em outras palavras, ser ou tornar-se “um homem” significa ser “religioso”.

Fundamentando-me na visão de Durkheim (1978, p.58) do homem como ser social, por se submeter à sociedade que o impulsiona ou o obriga a erguer-se acima de si mesmo, sendo ela que fornece os meios para tanto, e iluminando a interseção dessas duas visões complementares, entendo que ser social é ser religioso, e que, sem a participação na coisa religiosa, o homem terá dificuldades no estabelecimento de laços sociais, ficando vulnerável às “patologias” oferecidas pelo ambiente social.

Seguindo o modelo de Durkheim (1996, p.34) e resgatando o primitivismo da religião, identifiquei que, há milênios, as religiões ajudam as pessoas a compreenderem os mistérios da vida e a lidarem com eles. A fé, a razão, os mistérios referentes à criação do mundo, às questões relativas ao nascimento e à morte sempre foram combustíveis que, no decorrer dos séculos, impulsionaram a grande roda da história. Esses ingredientes combinados geraram uma verdadeira explosão no pensamento humano⁷.

⁷ Para mais informações sobre o primitivismo das religiões, consultar Coulanges (2009) e Eliade (2010).

O surgimento e o fortalecimento do cristianismo consolidaram o processo de transformação social da época. Segundo Weber (2002), as características dos cultos primitivos, principalmente os das associações políticas dos séculos anteriores à “vitória” do Cristianismo, deixavam os interesses individuais fora de consideração. Os deuses do império, da cidade, tribais e locais preocupavam-se apenas com os interesses que se relacionavam com a coletividade, ou seja, com a chuva, o Sol, a caça e com a vitória sobre os inimigos. Cada comunidade ou coletividade voltava-se para o seu próprio deus.

Aos poucos, conforme Coulanges (2009), a sociedade se modificou. Mudanças foram percebidas nas crenças, no direito e no governo. Nos cinco séculos anteriores ao Cristianismo, não mais se percebia uma íntima aliança entre a religião e o direito ou entre a religião e o estado. Os velhos princípios das associações humanas haviam sido abalados pelos esforços das classes oprimidas, pela derrubada da casta sacerdotal, pelo trabalho dos filósofos e pelo progresso do próprio pensamento humano. Ele acrescenta:

Enquanto cada homem fazia para si mesmo o seu Deus, e havia tantos deuses quantas as famílias e as cidades, Deus apareceu então como um ser único, imenso, universal, destinado a animar os mundos e o único a satisfazer à necessidade de adoração que existe no homem (COULANGES, 2009, p. 404)⁸.

A sustentação histórica do poder pela igreja católica, como afirma em entrevista Ghiraldelli⁹ (2009), se deu com a adequação e aproveitamento das festas pagãs, que não poderiam ser eliminadas, e sim, adequadas, pois o povo não abriria mão dos rituais pagãos. A questão, segundo ele, era como adequar aqueles rituais aos rituais cristãos. Considera, ainda, que essa foi a principal base de criação do calendário de festas e ritos que a Igreja foi introduzindo na cultura da época.

⁸ Na Idade Média, correspondente ao período da desintegração do Império Romano do Ocidente em 476 d.C. até o século XV, com a tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos, em 29 de maio de 1453, a Igreja exercia forte influência sobre o homem medieval, independentemente da existência de sistemas das mais variadas crenças. Nessa época, o cristianismo era incipiente, apareceram as primeiras doutrinas e os primeiros Padres da Igreja cujo trabalho era conquistar os governantes para transformar o cristianismo não necessariamente em religião oficial, mas pelo menos em religião não perseguida. Buscava-se uma liberdade religiosa. Essa primeira camada religiosa da Igreja fez uma espécie de trabalho de diplomacia com os imperadores (GHIRALDELLI, 2009).

⁹ Entrevista apresentada no DVD “Cristianismo, fé & Deus – À luz da filosofia”, produtora Tríada (2009)

As pontuações de Ghiraldelli (2009) inspiraram-me no entendimento a respeito da necessidade percebida pela pesquisa, qual seja a de adequação do empreendedor às características culturais do grupo de indivíduos pertencentes à organização, que devem ser consideradas e estudadas, para que o poder de influência do empreendedor tenha eficácia nesse grupo.

Continuando a análise clássica histórica da temática religiosa, e apoiando-me nos comentários de Lesbaupin (TEIXEIRA, 2003, P.15)¹⁰, observo que tal conteúdo, não foi predominante nas obras de Marx, provavelmente não por Marx ter sido menos crítico à religião, mas por ter priorizado outras questões. Baseado no pensamento de Feuerbach, que era referência entre os jovens hegelianos, Marx estabelece a sua primeira fase de crítica à religião (TEIXEIRA, 2003, P.15).

Identifiquei essa fase, observando que, no início do artigo *Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel*, publicado em 1844, Marx diz: “Na Alemanha, a crítica da religião chegou, no essencial, ao fim. A crítica da religião é a premissa de toda crítica”. Marx esclarece, em seguida, que o fundamento da sua crítica se apoia em seu entendimento da origem da religião, explicando que “A religião não faz o homem, mas ao contrário, o homem faz a religião”.

O referido autor acrescenta que o Estado e a sociedade engendram a religião, criando uma “consciência invertida do mundo”. Por analogia, Marx expõe que: “a luta contra a religião é indiretamente a luta contra aquele mundo que tem na religião seu aroma espiritual”, o qual pode ser interpretado como um odor agradável, um cheiro bom e penetrante, que pode entorpecer e desviar a atenção. Tal interpretação pode ser confirmada mais adiante no texto, quando Marx diz: “A religião é o soluço da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, o espírito de uma situação carente de espírito. É o ópio do povo”¹¹.

¹⁰ Ivo Lesbaupin, doutor em Sociologia pela Universidade de Toulouse, professor da Escola de Serviço Social da UFRJ. - TEIXEIRA, Faustino (Org.). **Sociologia da Religião: Enfoques Teóricos**. 3ª Edição Petrópolis: Editora Vozes, 2003. 270 p.

¹¹ Marx, em seu artigo de 1843, defende a supressão da religião quando ela é utilizada para produzir a sensação de “felicidade ilusória do povo”. Entendo que sua defesa é pela felicidade real, e não a relativizada pela crença religiosa, deixando para a religião as questões “filosóficas” e existenciais, afastando, conseqüentemente, o cálice do fardo social que gera a falsa sensação de paz e esperança, resultando em uma postura de contentamento.

Essa posição de Marx, em relação à religião, vem refutar a experiência relatada por Luizinho, da Tersel Assessoria em Recursos Humanos Ltda., em entrevista realizada em 22/9/2013, quanto à flexibilidade de concessão de práticas religiosas no ambiente de trabalho:

Lembro que tinha um funcionário na área comercial, o Carlos. Ele era evangélico. Eu sou católico, declaradamente católico, mas nunca me importei quando os funcionários falavam sobre religião durante o expediente. Um dia, o Carlos me pediu autorização para utilizar a sala de reuniões da agência, antes do horário do expediente, para se reunir, algumas vezes por semana, com alguns colegas que também eram evangélicos como ele. Aprovei...Mas foi quando meus problemas começaram. Eles oravam muito alto, com alguns gritos de “aleluia” que chegavam na recepção e, para piorar, começaram a passar do horário. Não tive escolha e acabei com tudo.

Pelo relato de Luizinho, a pretensa boa atitude, nem sempre compreendida por parte dos funcionários não pertencentes a tal grupo religioso, como ele mesmo afirmou, talvez por não ter sido conduzida corretamente, tanto pelo líder corporativo, quanto pelo “líder religioso” que organizava o culto matinal, acabou gerando certo nível de tensão no ambiente de trabalho, pois o grupo recorrentemente ultrapassava o tempo de duração acertado para o culto, e alguns membros integrantes desse grupo não aceitavam de forma amistosa qualquer tipo de cobrança, causando desconforto naquele local. Tal concessão foi revogada por Luizinho, e os conflitos gerados por essa questão, extintos.

Sobre o assunto, Rivière (1996, p.16) entende que a ritualização que satisfaz um subgrupo:

...chega a criar antagonismos ou inveja entre os que não são convidados para tal “festividade”, ou que recusam participar dela por despeito ou aversão. Além disso, ao rito solene patrocinado pela diretoria da empresa, pode acontecer que, no escritório, correspondam contrarrituais realizados sob a forma de brincadeira. O rito pode também, implicar situações curiosas quando, por exemplo, exige que todo mundo se abrace, incluindo

as pessoas que estejam em conflito por motivo de suas funções ou seu caráter.

Percebo também que, na visão de Marx, a religião e seus ritos ajudam a suportar as condições precárias de vida, criando uma dependência do conforto espiritual que é proporcionado pelos princípios religiosos, os quais são injetados nas veias das classes carentes. “A religião é apenas um sol fictício que se desloca em torno do homem enquanto este não se move em torno de si mesmo”, afirma ele. Nesta parte do artigo, entendo que Marx estabelece uma comparação entre a relação da religião e o homem e do Sol com a Terra, mostrando uma inversão na ordem natural das coisas, ou seja: a religião é o Sol fictício, que inverte o seu papel, girando em torno do homem, que seria, nesse caso, o planeta Terra; e esse, por sua vez, também não cumpre seu papel de rotação e translação dentro do processo de evolução, ficando estático, na dependência da religião iluminá-lo amplamente, deslocando-se em torno do homem. Completo meu entendimento sobre esse trecho do artigo como sendo uma inversão de papéis provocada pelo próprio homem, em total desequilíbrio na ordem social.

Para Marx e Engels (1965, p.72), a formação das ideias filosóficas, morais, religiosas, entre outras, está relacionada diretamente com a forma pela qual os homens produzem seus bens materiais. O modo pelo qual as pessoas manifestam sua vida reflete exatamente o que elas são. Tal modo de ser coincide, portanto, com sua produção, com o que produzem e como produzem. Por conseguinte, o que as pessoas são, depende das condições materiais de sua produção (MARX; ENGELS, 1965, p.72).

Se, no conjunto da ideologia, os homens e suas relações aparecem invertidos, como numa câmara escura, isso se deve ao seu processo vital histórico, do mesmo modo que a inversão dos objetos na retina se deve ao seu processo vital físico. Assim, a moral, a religião, a metafísica e outras formas de ideologia, bem como as formas de consciência que a elas correspondem, já não conservam sua aparente independência (MARX; ENGELS, 1965, p. 80). A religião é, então, o reflexo ilusório das relações de dominação de classe, de exploração: as ideias religiosas exprimem, justificam e escondem a realidade da dominação. A religião é ideologia, falsa consciência.

Essa ideia de que a religião não tem uma substância própria, não tem especificidade, de que é puro produto de determinadas condições sociais, está presente também nos escritos da maturidade de Marx, a exemplo de *O Capital*: “O mundo religioso é reflexo do mundo real” (1996, p.196). No capítulo I, *A Mercadoria*, item 4, *O caráter fetichista da mercadoria e seu segredo*, Marx compara o “nebuloso” mundo da religião com o mundo das mercadorias, no qual (no mundo da religião) os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas, mantendo relações entre si e com os homens, assim como, no mundo das mercadorias, acontece com os produtos da mão humana. A isso ele chamou de fetichismo, o qual adere aos produtos do trabalho tão logo eles são produzidos como mercadorias e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias.

Ainda no item 4, Marx situa o cristianismo, com seu culto abstrato ao homem, notadamente em seu desenvolvimento burguês, o protestantismo, o deísmo, etc. como formas de religião mais adequadas a serem comparadas com a relação social geral de produção de uma sociedade de produtores de mercadorias, e seus produtos como mercadorias, portanto, como valores.¹²

Já no prefácio das *Regras do método sociológico*, publicado em 1895, Durkheim não esconde sua preocupação ao constatar um “tempo de renascimento do misticismo”, mas expressa imediatamente sua “fé no futuro da razão”. É para contribuir com o advento desse futuro que ele empreende a tarefa de “estender à conduta humana o racionalismo científico”, pois uma “operação racional”, espera ele, poderá vir um dia a “transformar-se em regras de ação para o futuro”. Um nítido programa iluminista, positivista e laicizador do campo ético e político. Paralelamente à sua obra científica, ele se lança, então, à missão construtora de uma sociedade laica, cujas representações coletivas, cada vez mais racionais, seriam administradas às novas gerações por uma escola (a “escola laica”) liberada do estorvo da religião (TEIXEIRA, 2003, p.37).

¹² Continuando no item 4, do capítulo I de *A Mercadoria*, Marx considera que as formas de tratamento das religiões pré-cristãs pelos Padres da Igreja foram utilizadas como comparação, para se estabelecer uma equivalência à necessidade “natural” de dominação dos homens pelos processos de produção. Em nota, ele completa: Os economistas têm um modo peculiar de proceder. Para eles há apenas duas espécies de instituição, as artificiais e as naturais. As instituições do feudalismo são artificiais, as da burguesia, naturais. Eles igualam-se nisso aos teólogos, que também distinguem dois tipos de religião. Toda religião, que não sua própria, é uma invenção dos homens; a sua própria, no entanto uma revelação divina. (1996, p.236)

Mais de dez anos depois, a religião foi analisada por Émile Durkheim como fenômeno social, quando ele estudou as tribos aborígenes da Austrália. Essa busca pela natureza religiosa do homem visava à revelação do que ele julgava um aspecto essencial e permanente da humanidade (RODRIGUES, 1978, p.147). *As formas elementares da vida religiosa* foi a obra resultante desse trabalho. Durkheim justificou sua escolha por uma religião primitiva considerando que os ritos mais bárbaros ou mais bizarros e os mitos mais estranhos representam alguma necessidade da vida humana, seja individual ou social, afirmando sua crença na inexistência de qualquer tipo de falsa religião, pois, mesmo de forma diferente, todas são verdadeiras e igualmente religiões, do mesmo modo que todos os seres vivos são igualmente vivos (RODRIGUES, 1978, p.149)¹³. Da mesma forma, mostrando a atualidade da visão de Durkheim, identificamos na pesquisa, ritos e mitos no ambiente organizacional, como o caso da cerimônia ecumênica anual realizada na Embalagens Jaguaré, conforme relatado por Regis, no capítulo 2.

A interpretação do mundo e de si pelo homem, para Durkheim, é de origem religiosa. Ele esclarece que, se a filosofia e as ciências nasceram da religião, esta última começou a ocupar o lugar das ciências e da filosofia. A religião, além de enriquecer com ideias o espírito humano já formado, contribuiu com a sua própria formação e com a forma como os conhecimentos do homem foram elaborados (RODRIGUES, 1978, p.151).

Durkheim descreve, conclusivamente, que “a religião é uma coisa eminentemente social. Que as representações religiosas são representações coletivas; os ritos são as maneiras de agir que não nasceram senão no seio dos grupos reunidos e que estão destinados a suscitar, a manter ou a refazer certos estados mentais desses grupos” (RODRIGUES, 1978, p.151). A articulação do “sagrado” e da “razão” exige hoje, na perspectiva de Durkheim ou a partir dela, uma tematização renovada. Em todo o caso, se para nós esses problemas podem ainda se colocar na esteira de uma leitura da obra de Durkheim, é porque a última

¹³ Durkheim continua a justificativa do método utilizado ao afirmar que a possibilidade de compreensão das religiões mais recentes parte do acompanhamento da maneira pela qual elas se “compuseram progressivamente” na história. Sendo assim, a reflexão de Durkheim aponta para a questão fundamental do lugar da história, e que apenas ela permite a decomposição de uma instituição nos seus elementos constitutivos, considerando, ainda, a sequência de suas origens. E também em paralelo, permite o estabelecimento da relação entre origem dos elementos constitutivos e o conjunto de circunstâncias em que nasceram (RODRIGUES, 1978, P.149).

mensagem deste filho de rabino, depois de ter ele passado pela militância antirreligiosa institucional e sem ter abandonado uma clara postura ateísta, é que “existe na religião algo eterno, destinado a sobreviver a todos os símbolos particulares nos quais o pensamento religioso sucessivamente se envolveu”. O fenômeno religioso, tal como Durkheim pretendeu apresentá-lo ao mesmo tempo aos “livres crentes” e aos “livres pensadores”, pode revelar a uns e outros o chão em que se enraíza e de onde brota a essência do fato social (TEIXEIRA, 2003, p.43).

Para Mariz¹⁴, “dentre os três autores considerados fundadores da sociologia (Marx, Durkheim e Weber), foi Weber o que mais se preocupou com o fenômeno religioso e conseqüentemente é o que mais tem influenciado a sociologia da religião” (TEIXEIRA, 2003, p.67). Weber, assim como Marx e Durkheim, busca o entendimento da sociedade moderna ocidental. Contudo, Weber considera que essa sociedade, em seus diferentes aspectos culturais, políticos e econômicos, é resultado da união de fatores da civilização judaico-cristã que se combinaram historicamente. As características dessa sociedade partem do projeto de Estado moderno, regido por uma constituição e baseado no princípio de representação e do modo de produção capitalista moderno, baseado no trabalho assalariado e norteado pelas leis de mercado. As questões referentes às divindades, à ciência e à tecnologia modernas foram consideradas por Weber como aspectos passíveis de observação, específicos do Ocidente moderno. Weber explica essa questão na introdução a *A ética protestante e o espírito do capitalismo*:

No estudo de qualquer problema da história universal, um produto da moderna civilização europeia sempre estará sujeito a indagação sobre qual combinação de fatores a que se pode atribuir o fato de na civilização ocidental, e somente nela, terem surgido fenômenos culturais dotados (como queremos crer) de um desenvolvimento universal em seu valor e significado. (2002, p. 7)

O foco da atenção de Weber é, portanto, a sociedade moderna e o peculiar processo de racionalização que a constitui. Na identificação do surgimento e do processo de surgimento, Weber estabelece comparações, em seus estudos

¹⁴ Cecília Loreto Mariz, doutora em Sociologia pela Universidade de Boston, professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).- Faustino (Org.). **Sociologia da Religião: Enfoques Teóricos**. 3ª Edição Petrópolis: Editora Vozes, 2003. 270 p.

históricos, entre as religiões de diferentes civilizações. A importância do papel das particularidades das religiões que constituem a base da matriz cultural do Ocidente na origem do desenvolvimento da racionalização ocidental é uma das hipóteses com que trabalha o autor. Em consequência disso, de certa forma, o conceito de racionalização passa a ser fundamental na sociologia da religião de Weber, a qual se tornou o ponto central da sua teoria da sociedade ocidental.

O referido autor se depara com a religião, inicialmente com o protestantismo, na busca de compreender o surgimento e como se propagou a citada racionalização da vida econômica. Em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, ele discute a afinidade entre protestantismo e capitalismo. Em seus estudos posteriores sobre sociologia da religião, a maioria publicada depois da sua morte, estabelece uma comparação entre diferentes civilizações e identifica a raiz dessa racionalidade específica nas peculiaridades da religiosidade que constituiu a matriz cultural do Ocidente (TEIXEIRA, 2003, p.71).

Um Deus ético, pessoal, supramundano ou transcendente seria uma concepção específica das profecias do Oriente Médio (zoroastrismo, judaísmo, cristianismo, islamismo) e, segundo Weber (2002), teria uma analogia com a ideia de um rei único com sua burocracia racional e vai se constituir no germe da racionalização ocidental (WEBER, 2002). Para entender como as características dessa religiosidade se relacionam com esse processo de racionalização, Weber cria vários tipos ideais. A sociologia da religião de Weber, sem dúvida, não se reduz a essa construção de tipos ideais nem a relacionar o protestantismo com o capitalismo. Contudo, a contribuição teórica desta pesquisa não pretende obviamente dar conta de toda a obra de Weber, que é ampla e complexa, o meu intuito é de utilizar o conceito de “tipo ideal” de Weber, para auxiliar na análise das características sociológicas dos empreendedores da cidade de Barueri.

Silva (2008), referindo-se a WEBER (1999), menciona que, durante um longo período no Ocidente, Igreja e Estado se confundiram, mas, nos últimos séculos, essas sociedades vêm sendo marcadas pelo movimento de desencantamento do mundo (eliminação da magia) e de secularização. Partindo desse ponto e citando Berger (1985), ele resgata três questões fundamentais que utilizaremos para a

definição do cenário em análise: a subtração do *status* religioso, a tendência à privatização da religião e a substituição crescente das explicações religiosas pela racionalidade científica.¹⁵

A crescente independência entre a religião e as instituições detentoras de poder, citada por Portela (2006), fragmenta o processo religioso, oportunizando o surgimento de líderes que, de forma subjetiva, acabam disseminando tradições, inclusive no ambiente de trabalho.

Considero ainda que essas tradições disseminadas no ambiente de trabalho influenciam no padrão de comportamento e na forma de decidir da pessoa. Essa percepção remete diretamente ao tema desta dissertação, porque fornece indícios da influência das citadas variáveis (religiosidade e religião) na cultura organizacional.

Quando Silva (2008) destaca a privatização da religião como uma das questões fundamentais do movimento de secularização, além de confirmar o direcionamento dado por Portela à questão, ratifica o norte dado a esta pesquisa, pois o processo de privatização conduz à necessidade de postura gerencial, característica indispensável de qualquer organização que busque resultados satisfatórios e, conseqüentemente, perenidade.

Os comentários de Portela (2006) colaboram para sustentar a reiteração de Silva (2008), quando afirma que não se pode dizer que haja menos religião, mas sim, que há uma realocação do religioso na sociedade atual, pois, mesmo diante da perda da institucionalização religiosa, houve uma revitalização fragmentada, individualizada, instável e particular da religião. Na tentativa de estabelecimento de uma relação entre acontecimentos conjecturais com a secularização e a fragmentação religiosa, nas quais se observa a busca por novas concepções e experiências religiosas e espirituais, o autor aponta ainda possíveis razões, como o fim da Guerra Fria, a instabilidade internacional, o terrorismo, novas doenças e até

¹⁵ A respeito de tais questões, Portela (2006) afirma que diante do processo de secularização, a religião depende cada vez mais da regulação das instituições que antes eram detentoras do poder de dar sentido à vida da sociedade e do indivíduo. A religião passa a ser, dessa forma, operacionalizada por indivíduos e por várias tradições disseminadas de forma subjetiva, fragmentada e fluida.

mesmo o declínio da importância de alguns valores, como tradição, conformidade, benevolência e segurança (ASHAR; LANE-MAHAR, 2004; PAUCHANT, 2002 apud SILVA, 2008). A partir desse cenário, para garantir a sobrevivência, afirma também que as pessoas têm deixado de lado ou secularizado, no cotidiano, muitos de seus valores, de suas expectativas e de suas motivações, sem contar com a individualização das experiências que inicialmente tinham um caráter social. Com o aumento da anomia presente no ambiente, Silva identifica que vultosas perdas de significado e de sentido têm acarretado sérios problemas para as pessoas, como, por exemplo, depressão, aumento da dependência química e *workaholismo*.¹⁶

Desse modo, o desafio passa a ser encontrar sentido para a vida, ou ainda, buscar instituições que possibilitem a realização desse encontro. Nesse momento, identifico o ambiente organizacional como essa possível instituição, que é provedora de sentido, de ordem e de benefícios ao indivíduo e ao grupo, características que eram próprias dos sistemas religiosos (PORTELLA, 2008).

Revelou-se por esta pesquisa a consciência dos líderes empreendedores, dirigentes das empresas pesquisadas, a respeito de não centrarem excessivamente seus esforços nos dispositivos de controle, na formalidade hierárquica, ou mesmo, na imposição da obediência pela subordinação, mas sim, no desenvolvimento das pessoas, na utilização da intuição e na valorização da criatividade. Análise esta, refletida no relato de Valdir da Syfuentes Móveis e Objetos, em entrevista realizada em 22/9/2013:

Nós temos altos e baixos, acredito que todo mundo, mas uma das coisas que é muito forte aqui dentro é que, gostamos muito do que fazemos. Claro que não somos de aço, mas quando alguém fica um pouco meio pra baixo, o outro conforta. Se eu sentir isso no meu irmão, eu dou uma carga de energia para a gente melhorar...junto com alguns funcionários “cabeças”, e sempre elevamos a moral para buscar forças cada vez mais e conquistar o espaço no mercado, correndo atrás daquilo que está faltando.

¹⁶ *Workaholic* é a pessoa que trabalha para fugir da vida e trata-se de um mecanismo de defesa. Do mesmo jeito que há pessoas que só pensam em sexo, comida e bebida, nesse caso, o trabalho é uma compulsão. No início é um prazer, porém, posteriormente, torna-se um vício. O *workaholic* trabalha porque não pode viver, não pode levar sua vida social. Definição disponível em: <http://vencer.sossoon.net/blog.aspx?bid=2815>. Acesso em 20/07/2013.

Estamos sempre numa sintonia de ajuda mútua e um espírito positivo interno, muito forte.

Observei também, que essas práticas organizacionais objetivam, principalmente, proporcionar às respectivas equipes de trabalho, nos diferentes níveis hierárquicos, um melhor ambiente, focando a busca permanente pela melhor qualidade de vida, que é baseada nas vertentes física, cultural, profissional e espiritual.

Porém, para um entendimento referente à relação entre os campos econômico e religioso, objeto desta dissertação, além da fundamentação histórica e conceitual sobre religião e religiosidade, apresento, a seguir, com base no conceito de “economia religiosa” de Rodney Stark, uma análise sobre o impacto da religião na cultura organizacional das empresas pesquisadas.

3.2 A economia religiosa na cidade de Barueri

A cidade de Barueri, de modo similar ao Brasil, vivencia hoje, em sua história, um patamar de liberdade religiosa diferenciado, tendo tomado como referência a primeira constituição republicana brasileira de 1891¹⁷, que destituiu o catolicismo como religião oficial do Estado Brasileiro. A partir deste ponto, segundo Pierucci¹⁸, a dinâmica do desenvolvimento do nível da liberdade de expressão para as diferentes formas de religião, religiosidade, igrejas, grupos religiosos, enfim, toda sorte de manifestação de ações religiosas, se manifestou lentamente. Porém, ele completa: “Hoje vivenciamos esse grau de liberdade religiosa de uma forma muito intensa,

¹⁷ Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1891 foi a primeira constituição brasileira, no sistema republicano de governo, e a segunda do Brasil, a qual resultou na transição do Império para a República. Definiu-se, nesta Constituição, a separação entre a igreja e o Estado: as eleições não ocorreriam mais dentro das igrejas, o governo não interferiria mais na escolha de cargos do alto clero, como bispos, diáconos e cardeais, e extinguiu-se a definição de paróquia como unidade administrativa – que antigamente poderia equivaler tanto a um município como também a um distrito, vila, comarca ou mesmo a um bairro (freguesia). Além disso, o País não mais assumiu uma religião oficial, que à altura era a católica, e o monopólio de registros civis passou ao Estado, sendo criados os cartórios para os registros de nascimento, casamento e morte, bem como os cemitérios públicos, onde qualquer pessoa poderia ser sepultada, independentemente de seu credo. Mais informações sobre o assunto, consultar:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm

¹⁸ PIERUCCI, Antônio Flávio. Religiosidade, Racionalização e Desencantamento. Instituto CPFL. Palestra em vídeo, disponível em <http://www.cpfcultura.com.br/2008/12/30/religiosidade-racionalizacao-e-desencantamento/> - 11/5/2004

muito visível”. Essa visão de Pierucci é reforçada por Pierre Sanchis¹⁹, que aborda também a questão da pluralidade religiosa:

Advento, desta vez inegável, da pluralidade religiosa, melhor ainda, do pluralismo, quer dizer, de uma pluralidade aberta, reconhecida, legítima, e em função da qual as relações sociais entre os grupos religiosos deverão doravante se construir. Não se impõe mais ao Imaginário (político, cidadão, devocional e ético), a equiparação das identidades católica e brasileira.

Em vários momentos do nosso cotidiano, de fato, percebemos pessoas lidando com o tema da religião, falando de religião, comentando sobre alguém que mudou de religião, situação presenciada, inclusive, no ambiente organizacional. De acordo com Pierucci, a abrangência deste tema se evidencia há mais de dois séculos: “A sociologia alemã já nasce com obra sobre a sociologia da religião. A sociologia francesa a mesma coisa. Então digamos: o estudo da religião é parte constitutiva dessa nova área científica desde o final do século XIX”. A colocação de Pierucci, ratifica a relevância, do entendimento das diferentes visões de Durkheim, Marx e Weber, o que nos proporciona sustentação teórica, a análise desenvolvida nesta dissertação.

Assim, podemos pensar na relação sistêmica desses dois fatores: liberdade religiosa e pluralismo religioso, pois, segundo Pierucci, são duas variáveis que andam juntas, e uma influi na outra decisivamente, ou seja, quanto maior a liberdade religiosa, maior a diversidade religiosa em determinada sociedade. Por sua vez, quanto maior a diversidade religiosa, maior a pressão para que o estado não interfira no campo religioso. E para ele, quanto maior a realidade desta relação, liberdade religiosa e diversidade religiosa, maior a característica concorrencial presente no campo religioso em estudo. No caso desta dissertação, estamos abordando em específico o campo religioso da cidade de Barueri.

A concorrência religiosa citada por Pierucci é abordada também por Rodney Stark, em seu livro “O crescimento do cristianismo”, no qual ele descreve o conceito de “economias religiosas”, como sendo

¹⁹ SANCHIS, Pierre. Pluralismo, transformação, emergência do indivíduo e de suas escolhas. Cadernos IHU em Formação, São Leopoldo, n. 43, p.36-39, set. 2012..

constituídas de todas as atividades religiosas que se desenvolvem em qualquer sociedade. As economias religiosas são como economias comerciais, no sentido de que consistem em um mercado de consumidores potenciais e concorrentes, em um conjunto de firmas religiosas que procuram servir aquele mercado e em “linhas de produtos” oferecidas pelas firmas (STARK, 2006, p.215)

A utilização da linguagem de mercado, tanto por Pierucci, quanto por Stark, visa à viabilização do entendimento dessa nova realidade do campo religioso, com o auxílio dos conceitos básicos da economia. Então, a atual dinâmica desse “mercado” acaba ajustando a condição de quanto maior a concorrência, maior a exigência das lideranças religiosas. Pierucci acrescenta que os profissionais religiosos são levados a descruzarem os braços e a partirem para a “luta”, pela conquista do “cliente”, e ainda, que as lideranças religiosas têm agora que levantar cedo e dormir tarde, deixar as igrejas abertas 24 horas por dia, porque a concorrência entre elas se acirrou muito.

Essa nova forma das lideranças religiosas atuarem, voltadas a “concorrência de mercado”, vivenciada no campo religioso, e percebida pelos adeptos das respectivas religiões, pode passar a ser interpretada, pelo empresários, como mais uma referencia divina e legitimadora do “espírito empreendedor” desenvolvido nas organizações atuantes no campo econômico.

Para Stark (2006, p.216), entre as muitas inovações possibilitadas por essa abordagem, acha-se a capacidade de focalizar o comportamento das “firmas” religiosas, e não apenas dos “consumidores” religiosos. Exemplificando o que essa mudança proporciona ao mercado religioso, ele explica que, se os níveis de participação em uma sociedade declinarem, os cientistas sociais postularão que esse fenômeno terá sido causado por uma queda da “demanda” por religião. Em contrapartida, o aumento de religiosidade reflete o crescimento das “necessidades” individuais.

Com base no entendimento dessa relação concorrencial, apresentada pelos autores, identifico um transbordo das ações religiosas para além das fronteiras dos

respectivos campos, o que acaba repercutindo, evidentemente, sobre aqueles que não são profissionais da religião, que passam, então, a ser abordados de uma forma mais efetiva, como nas conhecidas campanhas de *marketing* do mercado convencional.

Pelo exposto, a lógica da economia religiosa, segundo Pierucci, acaba por definir uma demanda por mais religião, a qual não surge espontaneamente do povo, pois este, na realidade, passa a ser alvo de uma oferta maior de religiões. Portanto, quando o campo religioso está bastante “aquecido”, bastante mobilizado, como observamos hoje no Brasil e em Barueri, pode significar que a cidade ficou mais religiosa, porém em oferta religiosa. Identificamos tal postura na entrevista de Regis, da Embalagens Jaguaré, a respeito da “concorrência” entre a igreja católica e a evangélica, para a realização da cerimônia religiosa de final de ano:

(...)aqui na Jaguaré nós fazemos uma missa de ação de graças, em dezembro, sempre. Então, [em] um ano a missa é católica, [em] outro ano é evangélica; num ano vem um padre, no outro ano vem um pastor. Porém, ultimamente, tem sido difícil o padre vir, tem uma ordem da cúria dizendo que ele não pode sair da igreja; então, ultimamente, tem vindo só pastor, porque com os pastores, você só abre a boca e eles sempre se colocam à disposição.

Regis relata que, apesar de sua postura democrática, ao promover uma alternância anual entre as religiões responsáveis pela realização da cerimônia de conagração dos funcionários, a igreja evangélica se mostra mais preparada para lidar com essa concorrência, mostrando prontidão e agilidade no processo decisório.

As novas variáveis de mercado, ou do próprio conceito de mercado religioso, direcionam as religiões hoje a trabalharem com estratégias de propaganda e *marketing*. E, de acordo com Pierucci, são obrigadas a estudar técnicas de como chegar até aos interessados, pois, se não o fizerem, outras farão. Como se pode perceber no relato de Ricardo, da Casa do Norte, que se posiciona como um verdadeiro canal de distribuição dos benefícios da religião cristã, pois se declara-se católico e também frequentador de igrejas evangélicas, sendo porém um forte

agente concorrencial das religiões afro-brasileiras, quando se posiciona religiosamente:

Eu acredito em Deus, eu sou católico, eu sou católico da seguinte forma, não costumo ir sempre, mas, as vezes que eu vou ao culto, falando em nome de Deus para mim, tudo bem. Só não vou em macumba, essas coisas, porque eu não gosto. Se eu for a uma coisa de crente e se tiver que ir assistir uma prece, eu vou também. Falando em Deus pra mim está tudo bem. Eu não acho que se uma pessoa é católica ela não pode ir a um culto evangélico... se é católico pode ir à coisa de crente, e se é crente também pode ir no católico.

Pelo apresentado até aqui, considerando que estamos vivendo no Brasil um momento de muita oferta religiosa, não significa que o povo esteja ficando espontaneamente mais religioso, mas que está sendo mais insistentemente trabalhado pelos profissionais da religião. Pierucci, quando menciona os profissionais da religião, se refere, na realidade, às pessoas que se dedicam em tempo integral a uma religião e que vivem daquela religião.

Os conceitos de economia religiosa e de mercado religioso, apresentados neste estudo, inspirados nas visões de Stark e Pierucci, tomam contornos mais efetivos, quando colocamos como pano de fundo os dados estatísticos obtidos pelos censos de 2000 e 2010, levando em conta que o quesito religião foi aplicado pelo princípio de autodeclaração, ou seja, as pessoas declararam ao entrevistador, que é um membro representante do Estado, a que religião elas pertencem.

Então, ficamos sabendo que os católicos, no ano 2000, no Brasil²⁰, eram 74% da população, ou seja, $\frac{3}{4}$ da população brasileira, na época, se declarava católica, quando perguntada sobre qual a religião de pertencimento. Isso significava, arredondando, algo da ordem de mais de 120 milhões de pessoas. E os evangélicos (protestantes)²¹ foram considerados, pelo censo de 2000, quase 16% da população, o que significou um crescimento considerável, ou seja, em 10 anos, o número

²⁰ Fonte IBGE, censo 2000

²¹ Desde que o primeiro grupo protestante chegou ao Brasil, ainda no primeiro império, em 1824, era um grupo de colonos alemães luteranos que fundaram no Brasil a igreja evangélica luterana do Brasil.

dobrou, sobretudo nos seus ramos pentecostais e nos chamados neopentecostais²². Somando 74% com 16%, temos 90% dos brasileiros, na época, se declarando estar seguindo alguma igreja cristã. O terceiro maior grupo foi o dos sem religião, isto é, 7,5% da população brasileira já se declaravam, sem censura nenhuma, sem religião, no censo de 2000. Somando estes três últimos percentuais, observamos mais de 97% da população entre cristãos e os sem religião.

Em relação à cidade de Barueri, os dados do censo de 2010 mostram que o campo religioso do município era formado por 50,46% de católicos apostólicos romanos, 41,17% de evangélicos, 10,84% de pessoas sem religião, 1,64% de espíritas, 1,19% de Testemunhas de Jeová, 0,09% de ateus, 0,08% de budistas, 0,03% de agnósticos, 0,03% de Candomblecistas (0,03%) e 0,01% de esotéricos. Abaixo apresento uma tabela que contém, além dos dados acima, uma síntese das informações do campo religioso da cidade de Barueri, relacionadas aos adeptos e comparadas com as do município de São Paulo.

Síntese das Informações do campo religioso

	Barueri	São Paulo
Área da unidade territorial	65,685	1.521.101
População residente	240.749	11.253.503
População residente - Homens	117.051	5.328.632
População residente - Mulheres	123.698	5.924.871
População residente, religião católica apostólica romana	121.482	6.549.775
População residente, religião espírita	3.949	531.822
População residente, religião evangélica	79.575	2.487.810

Tabela 2: Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Com os números supracitados, de início, podemos tecer algumas considerações sobre a diversidade religiosa, a saber: A maior parte da população Barueri é seguidora da Igreja Católica Apostólica Romana, religião que teve

²² Igrejas protestantes fundadas propriamente no Brasil no final dos anos 70.

profunda influência não só na fundação, mas também ao longo do desenvolvimento histórico do município. A predominância do catolicismo tende a decrescer, em virtude da recente ascensão dos protestantes, apesar de eles terem sido perseguidos em todo o país até o começo do século XX, quando a prática religiosa não católica era reprimida pela polícia. Além disso, é pertinente assinalar o surgimento de novas religiões de origem oriental ou esotérica, até então quase desconhecidas pela sociedade barueriense. E também o crescimento dos sem-religião que vem sendo notado, chegando a mais de 10% da população.

Na cidade existem os mais diversos credos protestantes ou reformados, como a Assembleia de Deus, a Igreja do Evangelho Quadrangular, a Igreja Presbiteriana, as igrejas batistas, a Igreja Adventista do Sétimo Dia e a Igreja Universal do Reino de Deus, entre outras. Há um considerável avanço destas igrejas, em todas as partes e em todas as classes sociais.

Em relação ao Brasil, com toda liberdade religiosa, com toda mudança relacionada ao campo religioso, é um país com uma população de 90% de cristãos, que seguem igrejas cristãs. Nos 10% restantes, o grupo maior é de espíritas kardecistas, correspondentes a 3%, mas que possui uma majoritária parcela de seguidores que se autodenominam cristãos. Depois, temos em torno também de apenas 3% de afro-brasileiros, seguidores de umbanda e candomblé, não obstante toda importância histórica desse segmento religioso para nossa diversidade cultural, étnica e culinária.

O Brasil está passando, conforme apontou Pierucci, por um processo de trânsito de uma parte de sua religião cristã católica, que é tradicional, e que foi religião oficial no império e na colônia, para outras igrejas cristãs. E, no caso do Kardecismo, para outro movimento religioso que não se constitui em igreja, mas que é fortemente marcado pela presença da doutrina cristã. Mesmo assim, nós estamos verificando que cresce o cristianismo no Brasil, ao mesmo tempo em que cresce a nossa insegurança, em que cresce a criminalidade, a violência, e, no entanto, o Brasil não está ficando menos cristão, e sim, mais cristão. As pessoas estão “reoptando” pelo cristianismo. Então, indaga-se: que tipo de cristianismo é esse que os brasileiros estão seguindo?

A resposta a essa pergunta se inicia com a consideração sobre o atual quadro de mudanças no campo religioso. Inspirado no conceito de economia religiosa de Stark (2006), entendo que, quanto mais as religiões vão competindo entre si, e quanto mais as pessoas experimentam a possibilidade de mudar de religião, o que ocorre é que essa pluralidade que observamos no censo, e que imaginamos no Brasil, começa a chegar mais perto das famílias, ou seja, as pessoas começam a ter mais presente em seu cotidiano alguém, ou o assunto sobre alguém que tenha experimentado o trânsito religioso.

Outra observação fundamental é sobre o cenário caracterizado pelo que Pierucci chamou de efervescência religiosa, representado pelo assédio às pessoas, com o objetivo de promover a mudança pela opção religiosa, por meio da atuação de profissionais de igrejas concorrentes. Nesse caso, observo que as estruturas caracterizadas por um tradicionalismo, no seu processo de gestão e na incapacidade de adequação à nova dinâmica estabelecida pela economia religiosa, são as mais afetadas. Como no exemplo da concorrência entre as igrejas católica e evangélica para a realização da cerimônia religiosa de final de ano na Embalagens Jaguaré, ou ainda, pelo relato de Jurandir, do Centro Automotivo Hadmad, em relação à retirada da imagem de Oxóssi, que estava sobre um armário no escritório de sua oficina:

...achei melhor tirar a imagem daqui, pois tenho muitos clientes que são evangélicos... e você sabe como é, o evangélico, em geral, é um pouco radical. Se entra aqui e vê a imagem, é bem capaz de não voltar mais, e eu não quero perder clientes.

O comportamento de Jurandir, voltado à preservação da sua empresa, mostra seu espírito empreendedor em sintonia com o poder de “atração do cliente”, por meio da exposição da imagem da divindade, no ambiente de trabalho, ainda que em lugar discreto. Atitude essa que, segundo Montero (1990, p.9), está mais associada à prática da magia que, ao contrário da religião, entende que a natureza não é regida pelos caprichos pessoais das divindades, mas por leis rigorosamente mecânicas. E sobre a ocultação da imagem de Oxóssi, podemos relacionar a seguinte afirmação de Montero:

...a operação mágica que fracassa nunca coloca em xeque o sistema. Quando o resultado esperado não vem, refazem-se os ritos, varia-se a técnica e, no limite, substitui-se o mágico. Mas a crença no sistema permanece (MONTERO, 1990, p.12).

Em relação ao trânsito religioso, é essencial observarmos a intensidade, e principalmente, o sentido do fluxo de adeptos, visto que mais relevante que o destino dos “clientes”, talvez seja de onde eles estão saindo. Um exemplo de trânsito religioso está no relato, de Jurandir, dono da Casa do Norte, já citado anteriormente, por também estar relacionado, a ação voltada a melhoria do resultado financeiro da empresa:

Eu cheguei a ter um terreiro de Candomblé com vários filhos de santo, depois parei há uns cinco anos...(2005). Com essas confusões atuais, minha cabeça tá toda perdida, preciso reencontrar meu equilíbrio espiritual. Vou tentar me reorganizar dentro do espiritismo, porque aqui dentro o negócio tá feio, financeiramente tá meio embaçado.

Jurandir demonstra claramente seu interesse em retomar suas práticas religiosas candomblecistas, mas entendendo que para melhorar o resultado financeiro e reencontrar o equilíbrio espiritual deve procurar o espiritismo. Esse trânsito religioso na trajetória de Jurandir pode ser relacionado ao seguinte pensamento de Montero (1990, p.13):

Também o mágico retira sua força dos poderes que a sociedade lhe atribui. Ele é o que é, sente o que sente, porque segue a opinião pública da tribo: ele é ao mesmo tempo seu explorador e escravo. A própria sociedade o empurra a preencher seu personagem.

E pelo que observamos por meio dos números, a percepção é a de que todas as outras religiões acabam atraindo algum católico. Então, o catolicismo que detinha 99% da população, passou a ter 97%, depois 93%, em seguida 90%, hoje está com 74%. Segundo Pierucci, não é só isso, entre os evangélicos que constituem o grupo que mais cresce no Brasil, o mais tradicional, ou seja, aquele

composto pelas igrejas luteranas, também está perdendo seguidores, porque tem exatamente o mesmo formato de uma religião tradicional de um grupo étnico que se estabeleceu como colônia.

O censo aponta um crescimento de todas as correntes protestantes e Pierucci afirma que as pentecostais e neopentecostais crescem mais do que as protestantes históricas, das quais algumas ficam estacionárias, isto é, crescem vegetativamente. Finalmente, de acordo com o autor, para surpresa geral e para tristeza de muitos, já que não necessariamente só pessoas religiosas ficam tristes com essa constatação, estão perdendo adeptos de uma forma muito significativa as religiões afro-brasileiras.

Pois bem, diminuiu o catolicismo, diminuiu a umbanda, diminuíram algumas igrejas protestantes tradicionais, o que nos faz ver que exatamente estão perdendo adeptos aquelas religiões ou igrejas que se modernizaram menos, que não se atualizaram em termos de uma organização empresarial interna, que importaram poucos métodos de administração, de expansão e de organização, e assim por diante. Nesse período de alta competitividade e de concorrência incrementada entre as religiões, algumas se aparelharam bem e estão conseguindo não apenas resistir à concorrência das outras, mas estão, inclusive, ganhando adeptos e crescendo.

As igrejas mais tradicionais estão com dificuldade de dinamizar a sua liderança e se reposicionar num quadro mais competitivo, para poder fazer frente à concorrência das outras que estão mais equipadas para isso.

As igrejas hoje estão em tal estágio que precisam se organizar empresarialmente. Não basta ter a certeza de que você é portador de uma mensagem única, de uma mensagem absolutamente irresistível. Na concorrência, perdem também as empresas que oferecem um tipo de bem de salvação muito intangível, muito para o outro mundo, muito para o além ou muito para um futuro remoto. Tal constatação é bem interessante, porque, quando o campo religioso está bastante competitivo, a tendência das religiões, de uma forma em geral, é oferecer bens mais palpáveis para as pessoas. Quer dizer, não é que haja adesão àquela religião pensando na salvação da alma, mas pensando que ela vai salvar

de uma situação de endividamento, ou vai resolver um problema crônico de saúde. Então, pela lei de mercado e pela característica das ofertas, as pessoas estão muito mais materialistas no que tange ao que estão pedindo da religião. Querem coisas concretas, aqui e agora.

As pessoas não querem simplesmente a salvação da alma para depois da morte, elas querem viver mais nesse mundo, viver com mais saúde, querem a cura, ou seja, procuram as religiões para resolverem seus problemas aqui. Portanto, podemos imaginar que as religiões mais tradicionais tenham menos facilidade de adaptar o seu corpo doutrinário, seus ensinamentos, para esse pragmatismo das populações mais urbanizadas, mais modernizadas no Brasil, que é o caso da cidade de Barueri.

Ainda mencionando Pierucci, além das pessoas quererem resolver os problemas “aqui e agora”, elas estão querendo religiões que lhe facultem uma experiência religiosa, um pedacinho do céu, ou seja, o êxtase, o transe, ou genericamente, a experiência mística. As pessoas querem sentir Deus, desejam dar uma pequena escapada, fugir um pouco desse mundo e mergulhar no sagrado, nem que seja por alguns segundos, nem que seja uma experiência passageira, mas que seja uma experiência intensa.

O que foi dito é outro fator, conforme Pierucci, que vem à tona com a concorrência acirrada entre as religiões e entre as igrejas que conduz algumas delas (as que tendem a ser mais bem sucedidas) a passarem de uma promessa de sentir Deus no céu para uma promessa de sentir Deus já, agora, prometendo uma experiência mística, ou seja, colocar o indivíduo em contato com o divino, contato de primeiro grau, rápido e passageiro. Neste caso, a religião brasileira mais tradicional, que é o catolicismo, começa também a tentar se reposicionar, nessa economia religiosa, buscando, segundo Pierucci, a possibilidade de oferecer aos seus fiéis, ou àqueles que quiserem, uma possibilidade de êxtase, o que o autor chama de uma democratização do êxtase.

Passamos a ter, pois, outra composição do público religioso: uma parte constituída por aqueles que pertencem, de fato, àquela comunidade religiosa, e uma

outra parte considerável de pessoas que são apenas passantes, pessoas que, segundo Pierucci, na sociologia da religião, são denominadas de clientela. Clientes que não se vinculam àquela comunidade, mas que podem participar do culto e, talvez, ter uma experiência transcendental.

Tal situação é muito nova para o Brasil e está deixando o campo religioso efervescente, porque agora as pessoas têm para contar umas para as outras como foi boa, como foi importante, como foi desestressante, recompensadora uma experiência religiosa que não se imaginava, que era inalcançável, que só se poderia alcançar depois da morte.

Então, o que vale é o presente, o que significa que as religiões hoje têm menos espaço para incutir regras de conduta e regras morais que vão orientar o cotidiano das pessoas. Em outras palavras, as religiões, quando se preocuparam durante milênios em orientar a conduta das pessoas, ajudavam-nas a racionalizar o seu cotidiano. Dito em outras palavras, as pessoas sabiam por que tinham que fazer algo, que tinham de proceder daquela maneira, porque deviam obedecer ao pai e à mãe, porque tinha de se casar virgem, ou seja, existia uma série de valores e normas internalizados, que se traduziam em um procedimento coerente.

Agora, as religiões, conforme afirma Pierucci, estão muito preocupadas em ganhar adeptos. A religião que está sendo ofertada para nós é a religião que está cada vez mais afastada daquilo que o “velho” protestantismo histórico dos séculos XVI e XVII, chamava de ética, ou seja, ter uma conduta racional, coerente, constante, ter os mesmos princípios, educar os seus filhos dentro das normas básicas que, por sua vez, educariam seus filhos, e assim de geração em geração.

Inspirado nas afirmações de Pierucci, apreendi que as ofertas religiosas, hoje, são caracterizadas, na sua maioria, por uma espécie de dualidade oposta de benefícios. Ou seja, por um lado, existem as ofertas de benefícios materialistas e, por outro, o atendimento a demandas espiritualistas, relacionadas à experiência de transe, mesmo que esse transe não seja violento, de excessiva manifestação corporal, mas uma experiência espiritualizada de contato direto com a divindade, que, ao invés de adiar para o pós-morte se antecipa para o momento presente.

As demandas práticas, imediatas ou materiais, podem ter motivações: econômicas, como a solução de uma dívida, ou a compra de um carro novo; sentimentais, como a conquista de uma companheira ou de um companheiro; correspondem a promessas que as lideranças religiosas estão fazendo, as quais não passam necessariamente por um critério ético. As pessoas simplesmente pedem. Então, para esse tipo de religião cabe um público-alvo, bem diversificado: professor universitário, um operário metalúrgico, um traficante, um gigolô, uma prostituta, ou seja, segundo Pierucci, as religiões não se preocupam mais com a conduta de vida das pessoas.

E o autor acrescenta que esse é o cenário do campo religioso que estamos vivenciando no Brasil, num período de liberdade religiosa tensa, o que é em termos culturais algo inteiramente novo. E nós estamos passando por essa experiência de maneira coletiva, e não estamos nos dando conta disso.

O Brasil sempre foi diverso em termos religiosos, desde o tempo da colônia, quando chegaram os colonizadores ibéricos, os portugueses católicos, e impuseram a religião católica no Brasil, que veio como religião oficial da coroa, mas havia os índios, depois chegaram os escravos, começaram algumas missões, algumas invasões de protestantes, franceses, holandeses, a presença de judeus, mesmo disfarçados. A diversidade não é necessariamente novidade, mas qual era o modelo brasileiro?

Para Cenevacci (1995, p.15), o sincretismo religioso colocou-se lentamente em prática neste panorama como: uma espécie de pacificação implícita entre vencedores e vencidos, ele acrescenta:

Os vencidos aceitavam oficialmente sua conversão, inserindo suas divindades e suas tradições religiosas “dentro” das vencedoras. Enquanto os vencedores reconheciam oficiosamente a sobrevivência das religiões de origem nas periferias católicas (CENEVACCI, 1995, p.16).

O sincretismo religioso apresentou-se, portanto, sob a forma simbólica de um compromisso da religião “invasora” dominante, com certa tolerância cultural. A respeito desta condição, Pierucci define o pensamento da igreja católica:

“não mexe, não fica forçando muito a barra dizendo que somos muito diversos, porque enquanto as pessoas não se derem conta que as religiões são muito diversas, cabem todas dentro da igreja católica” (PIERUCCI, 2004).

Tal postura, segundo ele, criou o chamado modelo sincrético, com as pessoas misturando na sua prática diferentes possibilidades religiosas:

Então alguém é católico, mas não custa nada ser um pouco kardecista; o outro, se não é kardecista, é mais “chegado” à umbanda, enfim, existem diferentes possibilidades. Este é o chamado modelo sincrético, muito parecido com aquilo que no plano das etnias, das relações sociais se chama de assimilação (PIERUCCI, 2004).

A compreensão desse momento por Follmann²³ diz respeito à comparação do mapa religioso brasileiro, traçado com base nos dados do censo de 2010, com a “ponta de um grande iceberg da esfera religiosa do Brasil, que sinaliza para uma crescente diversificação e pluralidade”. Para ele, o censo de 2010 reitera a diversidade religiosa brasileira que se manifesta, inclusive, naqueles que se declaram sem religião. Esse fenômeno de desfiliação religiosa, esclarece o autor, está relacionado com o “crescimento de uma cultura favorável à independência dos sujeitos com relação aos atrelamentos institucionais. Trata-se do crescimento de uma cultura que estimula a afirmação dos sujeitos individuais, da independência”, afirma Follmann (2012).

Considera-se, como visto no capítulo anterior, que o empreendedor é a “pessoa que assume risco de começar uma empresa”, que “decide realizar tarefa difícil e laboriosa”, e que se fortalece na construção de uma identidade, voltada a um padrão de comportamento, que tem como finalidade a realização de objetivos

²³ FOLLMANN, José Ivo. Trânsito religioso e o “permanente peregrinar”. Cadernos IHU em Formação, São Leopoldo, n. 43, p.14-21, set. 2012.

individuais, independentes e ciclicamente mais desafiadores. Tais características se mostram em total sintonia com as características da formação, ou mesmo, transformação da identidade religiosa brasileira, conforme dados do censo de 2010 e análises de Pierucci (2004) e Follmann (2012), já apresentadas.

As histórias de vida dos cinco empreendedores da cidade de Barueri, apresentadas até aqui, por meio dos relatos obtidos nas entrevistas, as heranças religiosas, identificadas nos respectivos relatos, e os valores sociais, construídos a partir do ambiente familiar, mostraram-se como um determinante conjunto de forças forjadoras do espírito empreendedor desses empresários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relevância socioeconômica das micro e pequenas empresas no contexto nacional, as dificuldades encontradas pelos seus empreendedores na criação, desenvolvimento e na sustentação do desenvolvimento dessas organizações, como já relatado por mim nesta dissertação, foram fatores motivadores para a escolha do tema desta pesquisa.

Ao objetivar a busca de caminhos alternativos à melhoria do nível de competitividade e de longevidade das micro e pequenas empresas, analisei nesta dissertação, o conceito de cultura organizacional e religiosidade. Motivado também por minha criação “multirreligiosa”, que é uma das características percebidas em nossa cultura nacional, e uma das razões, se não a principal, que motivaram minha curiosidade sobre o fundamento das religiões. A sensação de não pertencimento a nenhuma religião específica, se não me incomodava, pelo menos, direcionava-me à busca da religião da qual eu deveria fazer parte. Essa busca acontecia tanto por meio de visitas a igrejas e a diferentes núcleos religiosos, como também pela leitura de diversos autores.

Contudo, seguindo o método de estudo de caso, por meio de observação participante, e entrevistas a cinco empreendedores estabelecidos na cidade de Barueri, constatei a influência das heranças culturais familiares na construção das culturas organizacionais das empresas dos respectivos entrevistados. E ainda, como referido na Introdução, busquei uma síntese da história da formação da cidade de Barueri, apontando os principais desdobramentos nos campos social, econômico, político e religioso. Considerando como início o ano de 1560, quando a partir de um alicerce cristão católico, com o agrupamento de alguns índios em uma fazenda doada à missão jesuítica, por consequência do sistema político-administrativo de aldeamento, estabelecido por determinação da Coroa portuguesa, e implantado no Brasil por padres jesuítas.

Tecendo a minha própria teia de argumentação, sobre a influência da religião e da religiosidade nas micro e pequenas empresas da cidade de Barueri, usei como sustentação a ótica antropológica, para analisar os caminhos alternativos

empregados pelas empresas estudadas, com o intuito da melhoria do nível de competitividade e de longevidade das mesmas. Considerando, que tanto a religião como a religiosidade podem ser importantes para a satisfação e o bem-estar sociopsicológico dos indivíduos integrantes da organização (GEERTZ, 2008).

As observações de mais de vinte anos como empresário, e o relacionamento com outros empresários e executivos de organizações de diferentes portes e segmentos de mercado, mostraram-me o quão importante se faz a capacidade técnica que compõe a “linha dura” do processo de gestão dos negócios, mas também, os chamados fundamentos invisíveis das empresas, que são seus valores culturais e religiosos, atuantes na determinação e transformação das visões de mundo, nas convicções e atitudes que repercutem nos relacionamentos internos e externos, e na elaboração e implementação das estratégias de desenvolvimento empresarial. Observações que encontro em Geertz (2008), por relacionar cultura com padrões de comportamento, baseados em costumes, tradições e hábitos, respaldo para desenvolver análise sobre a relação dos fundamentos da cultura organizacional, com os resultados econômicos das empresas.

Relação também estabelecida, pela metodologia utilizada na construção do Modelo brasileiro de Excelência em Gestão – MEG, aplicado pelo Sebrae para avaliação do nível de competitividade das micro e pequenas empresas, que ratifica a importância da cultura organizacional, para o bom desempenho do negócio, visto que, tal metodologia está baseada na identificação e mensuração de determinados valores culturais, presentes nas organizações, considerados como importantes influenciadores no padrão de decisão das empresas avaliadas como referência de sucesso.

Ao refletir que religiosidade para Simmel (2010), refere-se a uma disposição fundamental, predisposição ou inclinação da pessoa religiosa, que exprime sua decisiva atitude diante do mundo e direciona todas as suas emoções, desejos, pensamentos e percepções, em suma, suas ações e paixões, constatei ao analisar as bases familiar e religiosa, dos empreendedores entrevistados, que muitas das ações no ambiente organizacional, são pensadas e desenvolvidas com base em valores religiosos, transmitidos aos atuais empreendedores, líderes gerenciais, por

herança familiar, sendo essa transmissão acentuada, quando o convívio com os pais, também acontece no ambiente profissional.

Depois de assimilados esses valores, no processo de iniciação profissional do sujeito, como visto nos relatos dos entrevistados, eles são consolidados, incorporados e transmitidos para os demais funcionários da empresa, em um diálogo contínuo com a cultura organizacional, e a identidade que essa cultura oferece ao sujeito (HALL, 2006). Promovendo assim, mudanças no padrão de decisão, ou mesmo, na forma de as pessoas se comportarem no ambiente de trabalho.

Isso significa, possibilitar ao sujeito, consciente desse processo, um mecanismo de inserção de valores na cultura organizacional, necessários para influenciar mudanças de comportamento na empresa, como também observado nos relatos dos entrevistados, sobre a invenção da tradição (HOBBSAWM, 1984) de uma cerimônia ecumênica anual, a qual, conforme minha análise, serve como um “ferramenta” a mais na construção de uma dinâmica organizacional eficiente, visto que, a religião cristã, promove valores como: solidariedade, compaixão, caridade e perdão (SIMMEL, 2011), que podem contribuir para trazer maior significado, maior coesão social e apoio mútuo para a atividade do trabalhador, o que pode melhorar, por exemplo, a comunicação, o comprometimento, o trabalho em equipe e a motivação entre os trabalhadores, além de outras possibilidades.

Observei ainda, que a efervescência do campo religioso da cidade, sinalizada pela multiplicação de novas formas de expressão neste campo, que é caracterizada pelas ações advindas do desenvolvimento da economia religiosa, gera impacto no ambiente organizacional, criando caminhos alternativos a integração do capital humano, e no direcionamento das ações voltadas aos resultados econômicos. Sendo assim, entendo que a capacidade de convivência com a diversidade religiosa e a racionalidade imposta pela burocracia na cultura organizacional, passa a ser fator crítico de sucesso, no que diz respeito a condução das ações de indivíduos voltadas a objetivos comuns.

Acrescento, que conforme minha análise, a geração dos empresários pesquisados, experimentou um alto grau de influência familiar na iniciação

profissional, o que independente do nível de crescimento, observado em suas empresas, acabou por definir a permanência das mesmas no mercado. Contudo, A postura desses empresários em relação aos seus filhos, percebida nos relatos das entrevistas, demonstra uma certa insegurança quanto ao processo sucessório em seus empreendimentos. O que me leva a questionar, se a não continuidade deste ciclo, pode estar relacionada a mudanças de valores culturais e religiosos deste empreendedores, ou ainda na pouca importância dada, na transmissão de tais valores, aos seus possíveis herdeiros.

Com base nas ideias aqui apontadas, devemos considerar contudo, a necessidade de um maior entendimento sobre os aspectos éticos e morais da utilização da religião e da religiosidade, a fim de não servirem de instrumentos de manipulação da gestão das empresas ou de disfarce para encobrir a precariedade do mercado de trabalho (instabilidade, desregulamentação, desemprego, terceirização, rebaixamento salarial, entre outros).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. **A dialética do trabalho**: Escritos de Marx e Engels. São Paulo: Expressão Popular, 2004. 159 p.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11ª Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. 407 p.

BARBOSA, Livia. **Cultura e Empresas**. 1ª Edição Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 202. 57 p.

BARBOSA, Livia. **IGUALDADE E MERITOCRACIA: A ÉTICA DO DESEMPENHO NAS SOCIEDADES MODERNAS**. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001. 215 p.

BARRETT, Richard. **Libertando a alma da sua empresa**: Como transformar a organização numa entidade viva. São Paulo: Cultrix, 1998. 192 p.

BAUER, Marin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: Um manual prático. 8ª edição Petrópolis: Vozes, 2010. 516 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: A busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 141 p.

BERGER, Peter Ludwig. **O Docel Sagrado**: Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985. 194 p. (Sociologia da Religião).

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. 361 p.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 311 p.

CANEVACCI, Massimo. **Sincretismos**: Uma exploração das hibridações culturais. São Paulo: Nobel, 1996. 102 p.

CARLZON, Jan. **A Hora da Verdade**. 11ª Rio de Janeiro: Cop Editora, 1994. 120 p.

CASAS, Alexandre Luzzi Las. **Qualidade Total em Serviços**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007. 231 p.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 243 p.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2011. 698 p. (Volume 1).

CASTRO, Celso (Org.). **Franz Boas**: Antropologia Cultural. 5ª Edição Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 109 p.

CAVEDON, Neusa Rolita. **Antropologia para Administradores**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 182 p.

COSTA, Rogério da. Por um novo conceito de comunidade: Redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. **Revista Interface**: Comunicação, Saúde, Educação, São Paulo, v. 9, n. 17, p.235-248, mar. 2005.

COULANGES, Fustel de. **A Cidade Antiga**. São Paulo: Martin Claret, 2009. 413 p.

CROCCO, Luciano et al. **Marketing Aplicado**: O Planejamento de Marketing. São Paulo: Saraiva, 2006. 147 p. (Coleção de Marketing).

DIAS, Reinaldo. **SOCIOLOGIA DAS ORGANIZAÇÕES**. São Paulo: Atlas, 2008.

DOURKHEIM, Emile. **Émile Durkheim**. São Paulo: ática, 1978. 207 p. (Sociologia). Coleção Grande Cientistas Sociais.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 23ª edição São Paulo: Perspectiva, 2010. 174 p.

ELIADE, Mircea. **História das Crenças e das Idéias Religiosas**: Da Idade da Pedra aos Mistérios de Elêusis. 1ª Edição Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 437 p.

FARBO, Benedito Adherbal. **Estória da História de Barueri**. Barueri: Artes Gráficas Sepúlveda, 1983. 96 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque De Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 6.1.** 4ª Edição Rio de Janeiro: Editora Positivo, 2009. CD-ROM.

FLORES, Mariana. **Micro e pequenos geraram 851 mil vagas no 1º semestre:** Participação dos pequenos negócios superou a média histórica de contribuição para a geração de emprego formal, que é de 52%. Disponível em: <http://www.agenciasebrae.com.br/noticia/12162482/economia/micro-e-pequenos-geraram-851-mil-vagas-no-1-semester>. Acesso em: 27 jul. 2011.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio e Janeiro: LTC, 2008. 213 p.

GEST, Kevin L.. **Os segredos do Templo de Salomão: Os Mitos em torno do Rei Bíblico.** São Paulo: Madras, 2009. 389 p.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole:** o que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record, 2000. 108 p.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 102 p.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

IANNI, Octávio. **O Colapso do Populismo no Brasil.** 4ª Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. 223 p.

IANNI, Octávio. **Sociologia e Sociedade no Brasil.** São Paulo: Alfa-omega, 1975. 137 p.

JNOTÍCIAS. **Famílias carentes vão receber cestas básicas mensalmente em Barueri.** 2013. Disponível em: <<http://www.jnoticias.com.br/cotidiano/6479-familias-carentes-vao-receber-cestas-basicas-mensalmente-em-barueri>>. Acesso em: 21 mar. 2013

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia.** São Paulo: Brasiliense, 2009. 205 p.

LAVILLE, Elisabeth. **A Empresa Verde.** São Paulo: Ôte, 2009. 399 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Raça e história**. 10. ed. Barcarena-portugal: Presença, 2010. 101 p.

LEXIKON, Herder. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Cultrix, 1990. 214 p.

LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina. **Comportamento Organizacional: conceitos e práticas**. São Paulo: Saraiva, 2011. 139 p.

LINTON, Ralph. **O Homem: Uma Introdução à Antropologia**. 8ª Edição São Paulo: Martins, 1971. 493 p.

LISBOA, Sílvia. A ciência da fé. **Super Interessante**, São Paulo, n. 325, p.40-49, nov. 2013.

MAIR, Lucy. **Introdução à Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969. 291 p.

MARCUSE, Hebert. **Cultura e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 1998. 175 p.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: Aplicação nos estudos de transferência da informação. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p.71-81, jan. 2001.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: A degradação do outro nos confins do humano**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. 483 p. (Volume I).

MARX, Karl; ANGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã: E Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965. 142 p. (Primeira Parte).

MATTEI, I.; MAGALHÃES, Luis Felipe . A política econômica durante o Governo Lula (2003-2010): cenários, resultados e perspectivas. In: Marilene de Paula. (Org.). **Nunca Antes na história desse país...? Um balanço das políticas do Governo Lula**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll, 2011, v. 1, p. 134-151.

MAXIMIANO, Antônio Cesar Amaru. **Teoria Geral da Administração: Da Revolução Urbana à Revolução Digital**. 6ª Edição São Paulo: Atlas, 2008.

MINTZBERG, Henry. **Criando Organizações Eficazes**. São Paulo: Atlas, 2011.

MATSUMOTO, Fábio Matuoka et al. **'O Impacto de Capital Humano, Capital Social e Práticas Gerenciais na Sobrevivência de Empresas Nascentes: um Estudo com Dados de Pequenas Empresas no Estado de São Paulo**. 32. ed. São Paulo: Enanpad, 2008.

MONTERO, Paula. **Magia e pensamento mágico**. 2. ed. São Paulo: ática, 1990. 80 p.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. 82. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 344 p.

MORIN, Edgard. **Cultura de Massa no Século XX: Volume 1: Neurose**. 9ª edição Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2009. 208 p. (Edição brasileira de O Espírito do Tempo).

MUSSE, Ricardo. **Émile Durkheim: Fato Social e Divisão do Trabalho**. São Paulo: Ática, 2007. 78 p.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Reboas de. **Estrutura Organizacional**. São Paulo: Atlas, 2011.

OLIVEIRA, José Macedo de. **Barueri: 60 anos de emancipação política**. Santo André: Strong, 2009. 87 p.

ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (Org.). **Globalização e Religião**. 2ª Edição Porto Alegre: Vozes, 1999. 262 p.

PAVANI, Cláudia; DEUTSCHER, José Arinaldo; LOPES, Santiago Maia. **Plano de Negócios: Planejando o Sucesso do seu Empreendimento**. Rio de Janeiro: Lexikon, 1997. 202 p.

PORTAL FECOMERCIO (São Paulo). Pequenas empresas precisam de cuidados especiais. 2011. Disponível em:

<http://www.fecomercio.com.br/?option=com_eventos&view=interna&Itemid=20&id=3697>. Acesso em: 21 mar. 2011.

- PRANDI, José Reginaldo. Religiões afro-brasileiras e sua participação na cultura nacional não religiosa. **Cadernos IHU em Formação**, São Leopoldo, n. 43, p.60-62, set. 2012.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Schwarcz, 2010. 435 p.
- RIVIÈRE, Claude. **Os ritos profanos**. Petrópolis: Vozes, 1995. 326 p.
- ROBBINS, Stephen P.. **Fundamentos do comportamento organizacional**. 8. ed. São Paulo: Pearson, 2009. 316 p.
- RODRIGUES, José Albertino (Org.). **Durkheim**. São Paulo: Ática, 1978.
- SACCHI, Even. **Yojiro Takaoka: O construtor de sonhos**. Barueri: Asa, 2003. 335 p.
- SAKURAI, Célia. **Os japoneses**. São Paulo: Contexto, 2008. 368 p.
- SARACENI, Rubens. **O Código de umbanda**. São Paulo: Cristális, 1998. 681 p.
- SCHEIN, Edgar. **Cultura Organizacional e Liderança**. São Paulo: Atlas, 2009.
- SCHURÉ, Édouard. **Os grande iniciados**. São Paulo: Ibrasa, 1985. 389 p.
- SEBRAE. Taxa de Sobrevivência das Empresas no Brasil. São Paulo: Sebrae, 2011.
- SENNETT, Richard. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2008. 360 p.
- SILVA, Elias. **História de Barueri: capítulos de história municipal**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1997.
- SILVA, Elias. **Barueri: História revista e documentada**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1995. 122 p.
- SILVA, Maroni João da. **CULTURA & NEGÓCIOS: O JEITO LUIZA DE SER: Dimensões simbólicas da cultura na gestão do Magazine Luiza**. 2012. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pucsp, São Paulo, 2012.
- SIMMEL, Georg. **Psicologia do dinheiro e outros ensaios**. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2009. 111 p.

SIMMEL, Georg. **Religião: ensaios - volume 2/2**. São Paulo: Olho D'Água, 2011. 104 p.

SOUZA, Hebert José de. **Análise de Conjuntura: Como se faz**. 27ª Edição Petrópolis: Vozes, 1984.

SOUZA, Jesse. **Max Weber: A Gênese do Capitalismo Moderno**. São Paulo: Ática, 2006. 134 p.

SPILLER, Eduardo Santiago et al. **Gestão de Serviços: e Marketing Interno**. 3ª Rio de Janeiro: FGV, 2007. 138 p.

STARK, Rodney. **O crescimento do cristianismo: um sociólogo reconsidera a história**. São Paulo: Paulinas, 2006. 263 p.

TEIXEIRA, Faustino (Org.). **Sociologia da Religião: Enfoques Teóricos**. 3ª Edição Petrópolis: Editora Vozes, 2003. 270 p.

TERRA, Portal. Retrospectiva 2003. 2004. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/retrospectiva2003/>>. Acesso em: 20 abr. 2013.

VEIGA, Denize Rachel. O Dilema da Sucessão Empresarial: Qual é o momento certo de parar? Disponível em http://www.nossadica.com/artigo_o_dilema_da_sucesssao_empresarial.php. Acesso em 15 de fevereiro de 2014

VOGUEL, Erza F.. **O Japão como Primeira Potência**. Brasília: Universidade de Brasília, 1982. 198 p. (Coleção Sociedade Moderna). Volume 9.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. 2ª Edição São Paulo: Cengage Learning, 2009. 187 p.

WEBER, Max. **Conceitos básicos de sociologia**. São Paulo: Moraes, 1987. 113 p.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade - Volume I: Fundamentos sa sociologia compreensiva**. 4. ed. Brasília: Unb, 2009. 422 p. Rev. téc. de Gabriel Cohn.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade - Volume II: Fundamentos sa sociologia compreensiva**. 4. ed. Brasília: Unb, 2009. 580 p. Rev. téc. de Gabriel Cohn.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. 5ª Rio de Janeiro: Ltc, 2002. 325 p.

WILKINSON, Philip. **O Livro Ilustrado das Religiões**. São Paulo: Publifolha, 2000.
128 p.